

# MULHERES E COOPERATIVAS

DO BOLETIM COOPERATIVISTA À  
ATUALIDADE

POR

JOÃO SALAZAR LEITE

COM CONTRIBUTOS DE CÁTIA COHEN E FILIPA FARELO

FEVEREIRO DE 2014

## PREFÁCIO

No início de Dezembro de 2013 a CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social organizou na Casa António Sérgio, em Lisboa, uma tertúlia para lançamento da edição digital do Boletim Cooperativista de António Sérgio e do seu antecessor Boletim do Conselho Central das Cooperativas de Lisboa e Arredores.

Fui convidado pela Direção da CASES para falar sobre Sérgio e o Boletim Cooperativista, já que durante o Ano Internacional das Cooperativas -2012- me havia proposto escrever três volumes sobre matéria constante desse Boletim Cooperativista. O primeiro sobre António Sérgio e seus discípulos foi ainda publicado em 2012. Dos dois restantes, um sobre Fernando Ferreira da Costa saiu em livro em 2013, e o segundo encontra-se em versão digital no site da CASES, e versa o Cooperativismo nas ex-colónias portuguesas.

Pensava ter concluído, assim, os meses que dediquei a dar pública nota de parte do conteúdo do Boletim Cooperativista, sempre que possível fazendo a ponte deste com a realidade cooperativa, que me foi dada a oportunidade de acompanhar em funções públicas a partir de 1976. Não quis fechar a porta ao Boletim na totalidade, já que o volume não publicado sob forma de livro, o considerei passível de ser completado com contributos dos leitores que, perante os episódios do cooperativismo colonial retratados, me quisessem enviar notas sobre a respetiva experiência vivida em Angola e Moçambique (as províncias ultramarinas de que o Boletim Cooperativista deu das atividades cooperativas notícia). Imaginei que isso me levaria, depois, a escrever uma versão definitiva que justificasse, então, uma tiragem em livro.

Para a preparação da tertúlia de lançamento da edição digital do Boletim Cooperativista procurou-se convidar a Dra. Maria Lúcia Nobre, última sobrevivente do trio de jovens (com João Sá da Costa e Fernando Ferreira da Costa) a que António Sérgio recorreu para que a sua ideia, o seu plano de Boletim, pudesse ser concretizado; e o Dr. Faustino Cordeiro, que a UNICOOPE indicou para Diretor do Boletim após a morte de António Sérgio, numa altura em que as autoridades governamentais terão sinalizado uma tal necessidade de responsabilização editorial. Não conseguimos chegar ao contacto com a Dra. Lúcia Nobre. Por razões de saúde, o Dr. Faustino Cordeiro acabou por não poder estar presente, mas enviou um texto que foi lido na sessão, e que relata a intervenção da PIDE conducente à sua nomeação para diretor do Boletim. O texto encontra-se anexo à versão digital do Boletim acessível em [cases@cases.pt](mailto:cases@cases.pt).

Tenho por costume rever mentalmente o acontecido sempre que sou chamado a proferir uma qualquer intervenção pública. Cada vez mais se trata de uma reflexão noturna, algo que propicia um encadeamento de pensamentos que se sabe como começa, mas nunca se sabe como acaba. Desta vez constatei que, nos trabalhos de levantamento do Boletim, deixei de lado o papel da Dra. Lúcia Nobre no mesmo, se não a nível do trabalho de organização, que surge mencionado no livro escrito sobre António Sérgio, mas sim a nível do seu contributo escrito, e este na sua quase totalidade relacionado com a luta pelo lugar das mulheres nas cooperativas e na sociedade de meados do século passado.

Decidi, então, voltar a compulsar os números do Boletim, um a um, e dactilografar os principais artigos escritos sobre mulheres, que verifiquei serem muitíssimo mais numerosos que os inicialmente pensados, pois Lúcia Nobre acabou por conseguir que

outras mulheres, e outros homens, incluindo o próprio António Sérgio, escrevessem sobre as mulheres nas cooperativas. Durante largo período surgiu mesmo uma página para mulheres cativa nas sucessivas edições mensais do Boletim.

O projeto de um quarto livro materializou-se, e a ideia foi apresentada à Direção da CASES com uma proposta anexa, na altura ainda sem garantias de que tivesse eco. Refiro-me à ideia de recolher contributos da experiência de trabalho com a temática das mulheres nas cooperativas por parte das minhas colegas na CASES. Recebi da Cátia Cohen e da Filipa Farelo pequenos textos sobre desenvolvimento cooperativo e mulheres e sobre a forma como a problemática das mulheres é tratada na União Europeia, áreas em que vêm trabalhando. Acrescentei-lhes uma pequena notícia sobre a problemática de género no 'Portugal 2020 – Acordo de Parceria 2014-2020', conhecido já este mês de Fevereiro de 2014, e os três textos preenchem o capítulo final do livro.

À medida que fui escrevendo, e porque quando os anos vão passando mais se recorda as vivências ocorridas no nosso percurso profissional, recordação ainda mais agravada pela pessoal apetência pela História, concluí que o presente volume não poderia deixar de ter sido por mim produzido. A problemática da condição feminina, a temática do género, sempre esteve ligada ao meu percurso profissional.

Durante o ano em que fui adjunto de gabinete do Ministro de Estado do 1º Governo Constitucional (1976/1977), o Professor Henrique de Barros, o Gabinete acompanhou a criação de duas estruturas na administração pública: o Instituto António Sérgio para o Setor Cooperativo (INSCOOP) e a Comissão da Condição Feminina (hoje Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género). Habituei-me, por isso, a acompanhar à distância os trabalhos que iam desenvolvendo as nomeadas para a sua Comissão Instaladora.

Mais tarde, quase uma década depois, pude começar a acompanhar regularmente, por decisão da Direção do INSCOOP, as atividades da Aliança Cooperativa Internacional (ACI). O Instituto António Sérgio, que o Professor Barros havia criado 'até que o movimento cooperativo estivesse organizado a nível de Confederação cooperativa', tinha sido aceite em 1979 na estrutura cooperativa mundial como 'organismo promotor do desenvolvimento cooperativo'. Portugal era então, e é, um dos poucos países a nível mundial com tratamento constitucional cooperativo, e nele um setor de propriedade dos meios de produção autónomo dos setores público e privado, uma ideia que Sérgio colheira em Georges Fauquet ainda na primeira metade do século XX; esse setor autónomo levou em 1980 à autonomização do tratamento legal das cooperativas num Código Cooperativo, retirando-as do Código Comercial onde estavam desde 1888, ano em que haviam deixado de ser reguladas pelo Código Civil de 1867; e, desde a adesão do INSCOOP à ACI, Portugal foi o único país com um organismo governamental aceite no seio de uma organização não governamental com estatuto consultivo de grau 1 do sistema das Nações Unidas. Diga-se que, nascidas, não uma, mas sim duas Confederações (são três a partir de 2013), as duas quiseram a manutenção do INSCOOP na ACI, mesmo após terem tomado a sua própria decisão de aderir à estrutura internacional.

Possuía à época a ACI uma estrutura com um Congresso, um Comité Central, e Comités setoriais. Estes podiam ser verticais, por ramos cooperativos, ou horizontais, já que comuns aos vários ramos. Possuía ainda estruturas descentralizadas nos diversos continentes e num ou noutro caso grupos de trabalho para problemáticas específicas de carácter temporário (hoje a sua estrutura aproxima-se da de uma cooperativa, com um

Assembleia geral e uma Direção). Porque sempre tive as palavras de Henrique de Barros a ecoar no meu ouvido, sempre achei que o INSCOOP não deveria integrar na ACI os comités verticais e os grupos de trabalho em que claramente deveriam ser as Confederações a representar as cooperativas portuguesas (por exemplo o comité da agricultura ou o dos bancos cooperativos no caso da CONFAGRI, ou o da habitação, o dos consumidores ou das cooperativas de trabalho no caso da CONFECOOP. Mas o meu trabalho só poderia ser eficaz se me chegasse a informação sobre o que nessas reuniões se passava. Por isso, propus e foi aceite pelos meus dirigentes à época, que o INSCOOP estivesse presente nos comités horizontais (estudos, recursos humanos, mulheres) e procurei participar nas suas reuniões que, à época coincidiam sempre com as datas de reunião do Comité Central da ACI. A minha presença no Comité de mulheres, onde era o único homem, e sempre fui bem aceite, tinha o objetivo principal, oportunista, de recolher informação sobre o que se passava nas restantes reuniões, nomeadamente nas dos comités verticais, e assim ficar a par do que se passava na organização como um todo. As mulheres delegadas aos comités verticais davam conta às restantes mulheres do que de fundamental havia ocorrido em cada reunião, o que não ocorria nos outros comités em que participava, mais presos a discussões ideológicas sobre o cooperativismo, seus valores e princípios, e ao que hoje se chama de governança. Dava conta sempre que possível do papel das mulheres nas cooperativas portuguesas, mas não era esse o objetivo principal da minha participação no Comité.

Novo período de uma quinzena de anos decorreu, em que trabalhei em funções públicas desligadas dos assuntos do cooperativismo, até ter sido deslocado como perito nacional para o Parlamento Europeu em Bruxelas. Para meu grande espanto, na distribuição de tarefas internas ao secretariado do Comité de Desenvolvimento dessa instituição europeia, coube-me a responsabilidade de acompanhar a organização das reuniões do Fórum das Mulheres da Assembleia Parlamentar Paritária ACP/UE. Uma vez mais, pois, as mulheres se atravessavam no meu percurso profissional, e pude envolver-me, agora a nível mais global (África, Caraíbas, Pacífico e Europa), na problemática feminina, seus problemas, reivindicações e realizações.

Não se estranha, pois, o balanço tomado para a presente escrita. Tal como nos livros anteriores, ainda parto do Boletim Cooperativista de António Sérgio, mas o livro já acaba na atualidade, com questões do mundo de hoje. Não me limito a utilizar factos de hoje relacionando-os com os artigos do Boletim, mas recorro já a documentos de atualidade, o que também fazem as minhas colegas que aceitaram o desafio que lhes coloquei. Subjacente pode estar no meu subconsciente uma vontade emancipadora face ao conteúdo dos contributos de 24 anos que o Boletim Cooperativista incluiu (1951 a 1975). A partir do momento em que a edição digital está acessível, para mim serão já outros leitores que deverão desenvolver trabalhos sobre ele, e certamente que quem fizer a história do cooperativismo português no período até à revolução dos Cravos não poderá passar sem o consultar.

Escrevi que ‘a intenção de levar a mulher a participar nas cooperativas foi sempre muito mais que advogar uma simples ida à loja para adquirir produtos, antes foi uma luta assumida pela sua emancipação enquanto pessoa, mãe e esposa; através do incentivo à participação nas cooperativas o que se quis implantar foi um projeto de igualitarismo progressivo, de reforma social’.

Por mim creio que o que Sérgio e a equipa do Boletim quis, visou sempre muito além da simples presença de mulheres no movimento cooperativo. Através deste visava-se o próprio regime vigente, a mudança social em sentido lato. E já que a censura pareceu não se preocupar com o Boletim Cooperativista, nomes como Natália Correia, Maria Lamas, Redol ou Soeiro Pereira Gomes fizeram parte do elenco de citações disponibilizadas à leitora feminina, mas claro que também ao leitor masculino, na sua Página da cooperadora ou noutras secções do Boletim.

Nos tempos que correm, o mundo já é construído por todos. Obviamente que as mulheres estão ativas mais nuns que noutros setores da atividades social ou económica, e por isso, há cooperativas em que elas estarão mais ou menos presentes. O que se não verifica já é a negação da admissão de uma mulher numa cooperativa apenas por ser mulher. E do mesmo modo não está vedada a sua participação na cooperativa em todas as atividades que entenda desenvolver, bem como o seu acesso a cargos e responsabilidades. Menciono no livro que, hoje, é uma mulher que dirige o movimento cooperativo mundial, mas que já no final do passado século uma outra o esteve para liderar. Entre nós tal ainda não acontece, mas algumas se perfilam para chegar aos mais altos cargos nas estruturas representativas das cooperativas, como seria previsível que pudesse acontecer numa sociedade liberta e juridicamente das mais avançadas na proteção dos direitos e concessão de oportunidades às mulheres. Nem tudo está feito, nem tudo está garantido, mas Portugal não pode ser citado como exemplo de impedir as mulheres de ocuparem o seu lugar no movimento cooperativo e na sociedade em geral.

## LANÇAMENTO DA SEMENTE E PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Desde 1938 que existiu na Cooperativa de Alcântara Segunda Comuna uma Comissão de Senhoras. Não se estranha, por isso, que o Boletim Cooperativista tivesse dedicado atenção à matéria, já que quer António Sérgio, quer os jovens discípulos que o ajudaram na redação do Boletim (Ferreira da Costa, João Sá da Costa e Lúcia Nobre) pertenceram à cooperativa e utilizaram o seu sótão para muitas das suas reuniões (no meio das cebolas penduradas, caixotes e sacaria como escreveu Ferreira da Costa no Boletim Cooperativista nº 100).<sup>1</sup>

Fê-lo, porém, relativamente tarde no seu percurso editorial, iniciado em Fevereiro de 1951, já que pela pena da Dra. Maria Lúcia Nobre, só em Fevereiro de 1956 surge publicado, no nº 29 do Boletim, o artigo “As Mulheres e a Atividade Cooperativa”.

### **AS MULHERES E A ATIVIDADE COOPERATIVA**

*Por Maria Lúcia Nobre (C.F. da Unicoope)*

*Boletim Cooperativista nº 29*

*Fevereiro de 1956*

*Nos países em que o cooperativismo tem realizações que lhe dão lugar destacado na vida económica, as mulheres são ativas colaboradoras no movimento.*

*Na Inglaterra, na Suíça e em muitas outras nações, as mulheres interferem ativamente na vida das cooperativas. Segundo Cole, conhecido economista inglês, esta interferência é preciosa, porque as mulheres mantêm muito mais vivo o interesse pela participação nas Assembleias, pela discussão dos problemas que digam respeito à sua cooperativa, que a maioria dos homens. A comparticipação insufla vida às cooperativas. Não as deixa cair no marasmo, nem ficar como quase pertença apenas de alguns dos seus membros. E esta atividade feminina não é casual, nem dispersa. Encontra-se organizada e tão bem organizada que há mais de trinta anos os núcleos femininos de organização cooperativa, as Guildas, se encontram federadas internacionalmente.*

*Tal como a «Aliança Cooperativa Internacional», a «Cooperativa Internacional das Guildas» tem a sua sede em Londres e nela estão federadas as Guildas de vários países. Em Portugal, ainda que em muito pequena escala, também existe atividade feminina nas cooperativas. A Segunda Comuna, a Aliança Operária, a Ajudense e outras, têm Comissões Femininas que colaboram nas atividades cooperativas.*

*Mas será da máxima utilidade para o movimento cooperativo, para a sua maior expansão, que essa colaboração se identifique, se alargue e se organize. Temos que tomar consciência dos problemas do nosso meio e da nossa época, precisamos de uma atividade de resultados práticos eficientes. Quantos problemas económicos insolúveis para cada um de nós poderão ser resolvidos cooperativamente. Não cruzemos os braços esmagadas pela fatalidade, pelo que tem que ser, não deixemos para um eterno amanhã, o que é necessário que façamos hoje.*

*E para a primeira etapa duma atividade que será entusiástica e fecunda, pedimos a todas as cooperativas em que existam Comissões Femininas, o favor de o comunicarem ao Boletim, indicando a data da fundação, o número de membros, a atividade ou atividades a que se dedicam. Que todas as Comissões Femininas afirmem a sua presença. Que as mulheres interessadas por uma organização económica menos*

*opressiva, mais equitativa, nos deem a sua adesão. Precisamos e contamos com a colaboração de todas, condição essencial para o triunfo da cooperação.*

Merece-nos o artigo algumas considerações e necessárias se tornam explicações sobre a realidade internacional que refere.

Não se pode dizer que as cooperativas nacionais, à época essencialmente de consumo, olhassem as Comissões de Senhoras como algo de criação necessária. Com efeito, a articulista diz-nos que existiam apenas três, quase 20 anos depois da criação da primeira, e todas em Lisboa, que como capital era a cidade portuguesa mais desenvolvida e onde se centravam todos os poderes, logo era maior a disponibilidade para a discussão de ideias e circulava mais informação. Ao Boletim terá cabido levar a decisão de fazer publicar em sucessivos números artigos e notícias sobre a participação das mulheres nas cooperativas ao restante Portugal, e Lúcia Nobre ‘arcou’ com a tarefa, escrevendo e participando pela palavra em várias reuniões cooperativas que o Boletim relata.

Mas não chegando a todo o lado, não quis deixar de apelar nesse seu primeiro artigo às mulheres cooperadoras que lhe fizessem chegar informações sobre atividades femininas nas cooperativas e representatividade numérica naquelas que possuíssem comissões formalmente constituídas.

O apelo à participação seguiu de par com a informação sobre o que noutras latitudes se passava, melhor sobre o que nos países mais avançados na organização feminina cooperativa existia: as Guildas.

As guildas (há quem traduza o termo por Ligas) eram associações de profissionais surgidas no século XIII com o renascimento do comércio europeu. Tinham como motivação principal a defesa dos interesses económicos e profissionais de determinado setor (sapateiros, carpinteiros, comerciantes, alfaiates, ferreiros, etc.). Lembremo-nos da denominação das ruas da Baixa pombalina ou das organizações que mais tarde entre nós conhecemos como ‘Corporações’. Eram entidades precursoras das mutualidades e tal como nestas, para delas fazer parte era necessário contribuir financeiramente para elas, subscrevendo uma quota periódica. As guildas estabeleceram regras para o ingresso na profissão e controlavam a quantidade, qualidade e preços dos produtos produzidos. Mutualidades que eram, amparavam os seus trabalhadores em caso de velhice, qualquer tipo de doença ou invalidez.

Em 1883 surge no Reino Unido uma guilda feminina para as cooperadoras. A Co-operative Women’s Guild (durante um ano o seu nome foi outro, como se poderá ler adiante) promovia a participação das mulheres nas estruturas cooperativas e prestava serviços sociais aos seus membros.

Foram fundadoras Alice Acland, que era responsável pela página feminina do jornal cooperativo britânico (Co-operative News) e Mary Lawrenson, professora, que incluiu no programa da guilda matérias educativas e recreativas para mulheres e crianças. Com o decurso do tempo e união entre os seus membros, a Guilda passou a focalizar-se também na promoção de campanhas políticas visando o sufrágio feminino e na temática dos cuidados de saúde.

O grande historiador dos Pioneiros de Rochdale, George Jacob Holyoake, surge citado no Boletim Cooperativista, que reproduz parte de artigo surgido em periódico cooperativo argentino a propósito das Guildas:

### **A MULHER E O COOPERATIVISMO**

*De Divulgação Cooperativa (Argentina)*

*Boletim Cooperativista n°56*

*Maio 1958*

*A mulher, desde o primeiro surgir da cooperação, tornou-se devota e convicta aliada do homem. Holyoake narra, com estilo comovente, os muitos sacrifícios que as mulheres fizeram para sustentar, com a sua solidariedade, a primeira cooperativa de consumo, a fundada pelos tecelões de Rochdale, e pela qual se celebrou o «Beco do Sapo».*

*Aquelas mulheres da velha Inglaterra percorriam a pé milhas e milhas, com um clima muitas vezes inclemente, para comprar um pouco de farinha, que às vezes não encontravam, pois os primeiros tempos daquela cooperativa foram difíceis e as provisões muitas vezes escasseavam.*

*A sua adesão à empresa dos Pioneiros nunca esmoreceu, apesar de a iniciativa ser combatida por muita gente e considerada por muitíssimos com a mais profunda indiferença.*

*Na mesma Inglaterra, ao findar o século passado, surgiu uma organização feminina com o nome de Guilda das cooperadoras. A significação de «Guilda», no antigo idioma Inglês, é a de «Liga» (...)*

*Desde então as Guildas femininas multiplicaram-se na Inglaterra e em outras regiões. Em muitos países as mulheres participam ativamente no movimento cooperativo e em alguns países há mulheres que ocupam importantes lugares diretivos no movimento. Há na Argentina, desde 1935, a Guilda das Cooperadoras, ao lado da Cooperativa «El Hogar Obrero» em Buenos Aires.*

*A cooperação encontra na mulher, em toda a parte, uma propagandista entusiasta.*

As Guildas reproduziram-se na Europa, mas não só, como se viu pelo artigo citado. Em 1921 é criada em Basileia a Guilda Internacional das Mulheres Cooperadoras. Foi sua primeira presidente uma austríaca, Emmy Freundlich, de quem o Boletim publica uma citação no seu n° 61, de Outubro de 1958:

*Em nenhum outro sistema as mulheres são chamadas a desempenhar um papel tão importante como no movimento cooperativo. Não há no Mundo programa político cuja realização dependa tanto das mulheres, nem organização que lhes destine uma tarefa tão indispensável.*

*Todos os outros sistemas, pelo menos em certa medida, podem realizar-se sem a colaboração feminina.*

*As cooperativas de consumo não poderão nunca viver sem a colaboração das mulheres.*

Freundlich foi presa mais tarde pelos nazis, numa purga que atingiu líderes socialistas austríacos em 1934. Desconhecido o seu paradeiro a início, as Guildas mundiais pugnaram pela sua libertação da cadeia, o que viria a suceder. Foi para Inglaterra, mas quis voltar à sua Áustria, de onde, porém, teve de fugir em 1939 no eclodir da 2ª Guerra Mundial, primeiro para Inglaterra, e depois para os Estados Unidos, onde veio a falecer em 1948.



Mas voltemos ao ritmo mensal do Boletim Cooperativista e ao segundo artigo da sua campanha pela participação da mulher na cooperação.

## **AS MULHERES E A ATIVIDADE COOPERATIVA (2)**

*Por Maria Lúcia Nobre (C.F. da Unicoope)*

*Boletim Cooperativista nº 30*

*Março de 1956*

*A participação das mulheres nas atividades das cooperativas de consumo não é uma inovação de hoje. É tão velha como a primeira cooperativa de consumo. Ana Tweedale foi um dos pioneiros de Rochdale (1884). Mas, durante anos a atividade feminina no movimento cooperativo, em Inglaterra, foi muito restrita. É, em 1883, que as aspirações femininas para uma ativa colaboração, se concretizam com a formação da Liga das Mulheres para o desenvolvimento da cooperação. Formada inicialmente por 50 membros, os objetivos da Liga foram: «espalhar o conhecimento das vantagens da cooperação; estimular entre aquelas que conhecem as suas vantagens o maior interesse; manter vivo em nós próprias, nas nossas vizinhas e especialmente nos jovens, o mais entusiástico apreço pelo valor da cooperação para nós próprias, para nossas filhas, para a nação; e melhorar as condições de vida das mulheres em todo o país».*

*A Liga no ano seguinte tomou o nome de Guilda Cooperativa. O movimento alastrou. Em 1886 há o primeiro encontro de delegadas para dirigir a formação das Guildas. Em 1891 havia cerca de 100.000 mulheres entre um milhão de associados cooperativos. As Guildas passam a fazer parte do movimento e são ativas impulsionadoras de reformas de carácter social – estabelecimento de um salário mínimo para empregados cooperativos, inquéritos sobre a situação económica das mulheres operárias, projeto do prolongamento da idade escolar obrigatória até aos 15 anos. E por muitas outras medidas, as mulheres procuram a sua emancipação e mantêm-se na vanguarda do movimento.*

*Parece, pois, de grande importância a divulgação dos princípios cooperativos no nosso meio feminino. A entrada das mulheres para as cooperativas, a sua participação nas funções diretivas, são o sinal que o cooperativismo está a criar raízes.*

*Cabe a todos os cooperativistas o dever de interessar as suas mulheres, filhas e irmãs no movimento. Trazê-las à cooperativa, mostrar-lhes as suas realizações.*

*Quando, pela própria experiência, as mulheres verificarem que vale a pena sair do isolamento familiar e procurar nas soluções coletivas, a resolução dos problemas que só coletivamente podem ser solucionados, elas serão as mais ativas propagandistas, as mais fiéis aliadas do movimento. E, não esqueçamos a importância da sua ação educativa. Está na mão das mulheres o inculcar princípios, a mentalidade cooperativa na infância e na adolescência.*

Este artigo toca num dos mitos dos Pioneiros de Rochdale e terá erros de datação a corrigir.

Frequentemente surge disseminada a ideia de que havia uma mulher entre os Pioneiros de Rochdale, e eu próprio o escrevi no meu primeiro livro 2

Em 2012 pude visitar, em Rochdale, o Museu que o movimento cooperativo britânico fez a partir da reconstrução da loja inicial da Cooperativa dos Pioneiros no Beco dos Sapos. Pisei, pois, o solo sagrado e pude questionar os guias do Museu sobre o assunto. Sendo conhecedores da confusão, explicaram que a Ana Tweedale de que fala o artigo, se trataria

de uma viúva de um dos iniciais fundadores, que viria a assumir a posição de membro do marido poucos meses depois da fundação da cooperativa. Daí que a data de 1884 referida, deva ser antes 1848. O seu marido era o fabricante de tamancos James Tweedale, um socialista.

Para se perceber a fundação da cooperativa de Rochdale, e os epítetos políticos dos seus fundadores, convirá recuperar o texto de Françoise Baulier baseado em G.D.H.Cole sobre os Pioneiros, publicado na Revista ‘Archives de Sciences Sociales de la Coopération et du Développement’, 1988, nº 83, Janvier-Mars, e que traduzi para incluir no meu livro ‘Enquadramento Histórico-social do Movimento Cooperativo’ 3. Reproduzo-o na totalidade por esclarecer uma história que muitos conhecem apenas no essencial, e uma vez que o livro esgotou.

### *Um Primeiro Passo*

*Numa proporção esmagadora, o movimento cooperativo moderno na Grã-Bretanha é um movimento de Consumidores assente numa base sólida de comércio a retalho de bens primários. Essa foi a forma de cooperação que rapidamente se desenvolveu nesse país depois que os Pioneiros de Rochdale abriram a sua loja no Beco dos Sapos durante o inverno de 1844.*

*“Mas se em 1844, ou pouco tempo mais tarde, nos dirigíssemos a um inglês ou a um escocês bem informado perguntando-lhe o que entendia pela palavra ‘cooperação’, teria provavelmente respondido em termos que descreveriam um movimento cujos ideais e objetivos fundamentais teriam sido diversos da cooperação de consumos de hoje. Mesmo se a questão tivesse sido dirigida a Charles Howarth ou James Smithies, William Cooper ou qualquer fundador da sociedade de Rochdale, a resposta não acentuaria certamente os benefícios obtidos pela aplicação da mutualidade na gestão de uma loja comercial. Para Howarth e seus companheiros, a gestão de uma loja era apenas um meio – um meio entre outros – de prosseguir o ideal cooperativo e esse ideal era a criação de Cooperativas Comunitárias ou ‘Aldeias de Cooperação’ nas quais os membros poderiam viver em conjunto nas suas próprias terras, trabalhar em conjunto nas suas próprias fábricas e ateliers, escapando assim aos malefícios do industrialismo competitivo, para aceder a um mundo – um ‘Novo mundo moral’ – de ajuda mútua, de igualdade social e de fraternidade.” (pág.12-13)*

#### *1. Bastidores económicos e sociais*

*“Berço do movimento cooperativo contemporâneo, Rochdale era em 1844 uma vila de 25.000 habitantes; a aglomeração das aldeias periféricas, para as quais ela constituía um polo de atração, contava 40.000. Numerosas minas de carvão haviam sido abertas na sua vizinhança imediata, e com a introdução do vapor como fonte de energia, a indústria carbonífera havia-se aí desenvolvido rapidamente. Continuava, porém, a ser essencialmente uma cidade do têxtil, como o vinha sendo há vários séculos. A lã, em particular a flanela, bem como as atividades de transformação, fiação e tecelagem, ligadas à produção de artigos de algodão, constituíam as suas duas principais funções industriais. Fabricavam-se também lá chapéus e tapetes. A indústria metalúrgica existente dizia respeito sobretudo à fabricação de maquinaria para tecer.”(pág.39)*

*“Rochdale e aldeias envolventes eram povoadas de tecelões. Antes do aparecimento das máquinas movidas a vapor, não havia agricultor, na região, que ao mesmo tempo não fosse igualmente – mesmo prioritariamente – um pequeno patrão da indústria têxtil”...  
“Na época das profissões nascentes, o tecelão continuava próximo da plebe; muitas vezes*

*possuía um pedaço para cultivar, ou a sua família possuía uma quinta. Em caso de necessidade, se os tempos fossem duros, poderia retornar à terra.”*

*“Mas, com a máquina a vapor, os ateliers apenas dependiam da rede fluvial para a maceração e tinturaria; começaram então a depender das zonas carboníferas. O comércio de têxteis emigrou progressivamente para a cidade e os operários perderam quase sempre o contacto com a vida rural. As aldeias donde se extraía o carvão revestiam o aspeto típico de aldeias mineiras, com as suas filas de casas uniformes, seus terreiros e o cinzento característico da indústria carbonífera e metalúrgica que se desenvolveu na vizinhança imediata. Foi chamada mão-de-obra estranha à região - incluindo grande número de irlandeses de nível de vida inferior ao dos habitantes de Rochdale – para trabalhar nas minas e novas fábricas. Novos patrões fizeram também a sua aparição.”* (pág.41-42)

## *2. Bastidores culturais e religiosos*

*“Este o contexto económico e o clima social no momento em que os Pioneiros de Rochdale abriram a sua célebre loja do Beco dos Sapos. Sem dúvida, este contexto e clima não diferiria do à época prevalecente nas outras vilas da Inglaterra setentrional, tornadas irreconhecíveis, elas também, pela introdução das máquinas a vapor e a industrialização. Constata-se, porém, no que a Rochdale diz respeito, uma diversidade e dinamismo específico. Duvido que alguma outra vila de dimensão comparável, tenha feito prova de uma tal proliferação de criações ou de controvérsias religiosas. Sem cessar, novas capelas ou igrejas eram erigidas, enquanto as congregações rebentavam constantemente, provocando cisões, transferências e criações de novas seitas”: Unitarianos, Discípulos de Wesley, Batistas, Cookistas, Metodistas unitários, Quakers, Batistas dissidentes, Discípulos da Condessa de Huntingdon, Metodistas da nova obediência, sem esquecer os Católicos, nem a Igreja Anglicana....*

*“Rochdale era o ancoradouro de todas as seitas e entre elas, a pequena seita dos socialistas owenitas com a sua ‘religião racional’ assente na recusa de todo o dogma teológico, religião na qual os Pioneiros de Rochdale foram buscar a sua inspiração original, mesmo se, nem de longe, todos fossem seus membros. Em Rochdale, a proliferação de seitas era favorecida pela forte corrente imigratória, não apenas de operários, mas também de empresários tão afortunados que conseguiam sustentar financeiramente as suas convicções religiosas”... “O patrão metodista considerava que ganhar dinheiro era o seu dever sobre a terra. Uma vez que o conseguisse, continuava a viver com frugalidade e consagrava a sua fortuna à salvação de outras almas. Muitas vezes era violento no ganho, empregando mesmo métodos brutais; a educação que havia recebido incitava-o a larguezas religiosas que só raramente atingiam o domínio secular.”*

*Os empregadores frequentávamos mesmos locais de culto que os seus empregados. Quando estes últimos não podiam mais tolerar esta promiscuidade, cisionavam e encontravam refúgio em pequenas comunidades ou capelas em torno dos seus pregadores preferidos.... Salvo nas grandes cidades, não conseguiam passar sem religiões. Estas protegiam-nos da solidão, nesses tempos particularmente difíceis para os pobres.*

*“A religião proporcionava reconforto e as igrejas estavam cheias. Esse foi um dos fatores essenciais que quebraram o espírito de revolta operária, constringindo os operários e seus dirigentes a infletir as suas aspirações políticas e económicas no sentido de uma maior moderação. Politicamente, isso levou-os a entenderem-se com os patrões liberais que representavam a principal corrente das congregações secessionistas.*

*Economicamente, isso fê-los passar do sindicalismo revolucionário e do cartismo ao novo modelo de sindicalismo dos anos 1850 e às novas formas de cooperação que se desenvolveram sob inspiração dos Pioneiros de Rochdale.” (pág. 54-56)*

### *3. Bastidores owenitas e cooperativos*

*Após as suas realizações em New Lanarck – sobretudo a partir de 1816 – foi em 1825 que Robert Owen se tornou conhecido com a New Harmony, essa ‘aldeia de cooperação’ criada nos Estados Unidos no local anteriormente arranjado perla comunidade Rappita. Mas, nos anos anteriores, uma London Cooperative Society publicou um primeiro jornal cooperativo, The Economist. Em 1823, outra ‘aldeia de cooperação’ existiu em Orbiston, Grã-Bretanha. Um pouco mais tarde, em 1826-27, surgiu o The Cooperative Magazine; em 1828, o mensário The Cooperator publicado por W. King em Brighton fez reunir à sua volta um boom prometedor, mas efêmero, de boutiques cooperativas, antecessoras da tenda de Rochdale.*

*Nos anos 1830 existiu uma plêiade de folhas, folhetos, boletins, jornais com títulos ‘cooperativos’. Por outro lado, de 1831 a 1835, surge uma série regular de congressos cooperativos convocados pelos owenitas sob os auspícios da British Association for the Promotion of Cooperative Knowledge: nada menos que oito congressos.*

*Em breve, sobre estas perspetivas enxerta-se uma dupla evolução:*

- *- a dos macroaparelhos, nomeadamente em 1835 com a famosa Association of all Classes of all Nations, primeira versão quimérica da futura ACI e , subsequentemente, em 1838, a menos famosa, mas não menos decisiva Universal Community Society of Rational Religionists, abreviada em 1843 para Rational Society ... Apercebemo-nos do seu impacto na ‘capela’ de Rochdale;*
- a de uma microexperiência que se quis experiência perentória e se tornou experiência dececionante para a demonstração de um owenismo praticado por uma célula de um ‘Novo mundo moral’: tratou-se de Queenwood, aliás Harmony Hall, de que Rochdale será um distanciamento e uma demarcação (sint.. pág 20-38)*

*“Em 1835, Robert Owen e seus discípulos tinham criado a Associação de todas as Classes e de todas as Nações, ao mesmo tempo que desapareciam os movimentos sindicalistas cooperativos que se tinham desenvolvido no decurso do precedente decénio. Foi através dessa nova organização que, em 1843, após uma série de metamorfoses patronímicas, se tornou Sociedade racional, que os owenitas prosseguiram a sua procura de um ‘Novo mundo moral’. Mas já não eram considerados como líderes populares; era uma simples seita pregando um novo modo de vida em rotura com todas as doutrinas religiosas existentes. O próprio Owen havia quebrado ligações com o sindicalismo e a cooperação, sobretudo nos seus aspetos económicos. Tornou-se um visionário integral, crente na chegada breve do milenário e na realização sem demora de todos os seus sonhos.” ... (pág.57)*

*A Sociedade Racional era teatro de violenta confrontações no que dizia respeito à gestão do Palácio da Harmonia (Harmony Hall: Queenwood), onde deviam ser postos em prática os princípios da vida nova. Georges Jacob Holyoake era dos que denunciava o desvio em relação aos objetivos iniciais.*

*“No Congresso socialista de 1843, as secções provinciais da Sociedade Racional largamente dominadas pela classe operária tomaram o controle, e depuseram Owen e o seu grupo” .... “A secção 24 da Sociedade Racional, a de Rochdale, apoiava Holyoake e o seu partido que defendiam que o Palácio da Harmonia fosse gerido por uma comunidade de trabalhadores que gozassem de direitos iguais em condições de autogestão, e não como uma casa de reforma de carácter paternalista para owenitas das classes médias pouco preparados a assegurar-lhe uma autonomia financeira com o suor*

dos rostos. Sou de parecer que, sem dúvida, a Sociedade dos Equitativos Pioneiros de Rochdale ficou, em parte pelo menos, a dever-se à decepção provocada a nível local pelos processos usados pelos owenitas no plano nacional, bem como ao desejo de recomeçar segundo orientações mais concretas e mais democráticas e na base do empenho voluntário da classe operária.” (pág. 59-60)

Já, “em 1838, esses owenitas locais haviam criado o seu Instituto Socialista”. Porque esses “owenitas eram sem dúvida alguma os párias do movimento. O seu credo, se não era considerado pelos seus adeptos como religião, servia-lhes de substituto, de antídoto. O Instituto social ou socialista de Rochdale era uma espécie de cenáculo irreligioso, uma capela em que se pregava o evangelho milenarista”. (pág.60-61)

#### 4. Dos bastidores à frente de cena....

Foram sem dúvida aquela distanciação e demarcação que foram consignadas num prólogo aos estatutos, elaborados pelos Pioneiros, prólogo habitualmente denominado Lei Primeira (First Law). Eis o texto.... Antes de lhe juntar as glosas de G.D.H.Cole.

“Os objetivos e os planos desta sociedade são tomar disposições conducentes a vantagens pecuniárias e à melhoria da situação social e familiar dos seus membros, reunindo um montante suficiente de capital (dividido) em partes de uma libra cada (para que conste uma libra não era à época montante acessível à generalidade dos operários, mas mais apto a acolher uma classe média, e tal mesmo que os estatutos tenham previsto que podia ser subscrito em 4 prestações), para executar os planos e disposições seguintes:

1. Criação de uma loja para a venda de géneros, vestuário, etc.
2. Construção, compra ou edificação de um número de casas nas quais possam residir aqueles dos seus membros que queiram prestar-se mútua assistência na melhoria da sua situação familiar e social.
3. Começar a manufatura dos artigos que a sociedade determine para emprego dos membros eventualmente desempregados ou que estejam a sofrer de repetidas reduções dos seus salários.
4. Para aumentar os benefícios e segurança dos membros desta sociedade, ela adquirirá ou alugará um domínio ou domínios fundiários, os quais serão cultivados pelos membros eventualmente desempregados ou mal remunerados.
5. Logo que possível, a sociedade procurará arranjar os poderes de produção, distribuição, educação e governo, ou noutras palavras, procurará estabelecer uma colónia residencial autónoma de responsabilidade solidária, ou assistir outras sociedades a estabelecer tais colónias.
6. Para promover a sobriedade, um hotel de temperança será aberto numa das casas da Sociedade, logo que possível.”

E eis o comentário de Cole:

“Por comodidade numerei estes objetivos. À primeira vista, podem dar a impressão de uma curiosa mistura. Com efeito foram rebuscados nos campos do owenismo e das experiências cooperativas anteriores.

1. O primeiro, o mais imediato, é a abertura de uma loja para aí vender géneros de primeira necessidade. Não necessito comentá-lo: foi daí que nasceu o movimento cooperativo moderno.
2. O segundo remonta aos projetos de Georges Mudie e da London Co-operative Society desde 1821. Quando, em 1868, os Pioneiros se lançaram na construção de habitações para os seus membros, a ideia de uma comunidade de vida tornara-se obsoleta, se bem que estivesse implícita na formulação original. Construirão casas para obter residências são a preços razoáveis, mas certamente não para

*levar a cabo um projeto de melhoria mútua através de uma vida comum, projeto que havia sido inicialmente consignado.*

3. *Terceiro objetivo: Criar manufaturas onde empregar os membros desempregados ou os que estavam em conflito com os seus empregadores por motivo de reduções salariais. Este objetivo remonta ao movimento 'Union Shop' de inícios dos anos 1830., Tal como formulado, mostra claramente até que ponto, nos espíritos dos pioneiros, a distinção entre cooperação de produtores e de cooperação de consumidores era ténue: indistinção tanto mais natural que nunca teria existido numa comunidade cooperativa de modelo owenita. Mais tarde se verá o que aconteceu quando os pioneiros se lançaram na produção. Os resultados foram muito diferentes das suas intenções originais.*
4. *Quarto objetivo: Comprar ou alugar terras onde empregar os membros sem emprego ou subempregados, para produzir géneros vendáveis na loja. Este objetivo remonta ao que já fora feito em 1828 pelo Doctor King e por muitos outros nos anos seguintes. No espírito dos pioneiros era uma etapa numa via comunitária menos ambiciosa que a comunidade cooperativa, mas de natureza a satisfazer uma fome de terras, na altura muito espalhada entre os trabalhadores fabris (...). Com efeito, nunca os pioneiros de Rochdale chegaram a essas aquisições fundiárias. Mas outros cooperadores, próximos da sua inspiração, a isso serão levados, ao menos como experimentação, em conexão com as origens, em 1851, da Wholesale Co-operative Society (armazém grossista).*
5. *O quinto objetivo implica e significa a adesão à doutrina comunitária integral tal como se queria testada e certificada em Queenwood no momento em que os próprios pioneiros elaboravam as suas regras. A isso deveria conduzir toda a série de objetivos previamente declarados. Essa a sua utopia ao pé da qual a abertura da loja e todos os outros projetos eram considerados apenas uma preparação imperfeita e parcial.*
6. *Como cume desta declaração de longo alcance, a decisão de abrir um hotel sem álcool intervém quase como uma incongruência e recaída prosaica. Daí não devemos inferir que os pioneiros eram uma comunidade de bebedores de chá. Claro, havia entre eles bebedores de chá, severamente temperantes, mas que se não coíbiam de encontrar-se com bebedores de cerveja na estalagem, quando outro local de encontro não fosse possível. Os álcoois é que eram demasiado caros para não deixar de ser inimigos da classe laboriosa e sua sobriedade. Co efeito, o 'Hotel de temperança' tal como previsto nunca viu a luz do dia. Mas a recusa de transacionar álcool e sua intoxicação não deixou de caracterizar as intenções primeiras dos pioneiros."*

*"Estando os objetivos perfilados, as próximas etapas seriam encontrar um nome (...). Essa procura não deixou de ser turbulenta, mas as dúvidas dissiparam-se em torno de duas palavras distintas: Equitativos e Pioneiros."*

*O termo 'equitativo' era um termo favorito de Robert Owen, que o tinha utilizado para nomear uma das suas experiências mais emblemáticas, a National Equitable Labour Exchange. Para os socialistas owenitas, o termo equitativo significava que, fundamentalmente, a sua sociedade excluía a exploração capitalista e praticava jogo franco e franca expressão numa troca de bens, tão próxima quanto possível das suas premissas. Quanto a pioneiro, como tudo o que ele sugere como abertura de pista para um mundo novo, a palavra pode ter sido inspirada por uma folha de Morrison, The Pioneer."*

*“A expressão ‘equitativos pioneiros’ libertava um forte sabor a socialismo owenita, e mais, indicava o espírito no qual Howarth e os seus camaradas socialistas empreendiam a sua tarefa.” (pág.75-77)*

As remissões são feitas para a obra de Cole, ‘A Century of Co-operation’, publicada em Oxford em 1944. Historiador do cooperativismo britânico, Cole não poderia, de forma alguma, prever que a First Law de Rochdale ainda é, nos dias de hoje, o exemplo mais perfeito da multisetorialidade cooperativa, e berço de muitos dos atuais princípios cooperativos que a equipa do Boletim tentou inculcar a todos os cooperadores, fossem homens ou mulheres (à época princípios cooperativos eram os da formulação aprovada pelo Congresso de Paris da Aliança Cooperativa Internacional, de 1937).

Dir-me-ão que citar artigo tão longo pouco tem a ver com a temática do livro. Fi-lo por duas razões. Por um lado, poucos conhecem as intenções originais dos Pioneiros de Rochdale e creem que foram eles os autores dos princípios cooperativos que enformam o movimento; por outro lado, conhecer a verdadeira história denuncia, na obra pioneira, um projeto de sociedade igualitária e equitativa que deve ser refletido pelos membros de ambos os sexos.

Como procurarei demonstrar, a intenção de levar a mulher a participar nas cooperativas foi sempre muito mais que advogar uma simples ida à loja para adquirir produtos, antes foi uma luta assumida pela sua emancipação enquanto pessoa, mãe e esposa; através do incentivo à participação nas cooperativas o que se quis implantar foi um projeto de igualitarismo progressivo, de reforma social (veja-se aqui o que é dito no segundo parágrafo do texto de Lúcia Nobre), de ação educativa e, como se verá, tal nem sempre foi aceite por todos. Foi uma aposta da equipa do Boletim Cooperativista e de muitos cooperativistas, membros ou dirigentes, nitidamente de luta contra o regime anterior, já que criticar o status quo da mulher na sociedade de então só como tal pode ser visto.

Surge ainda no texto o apelo ao conhecimento dos princípios cooperativos e uma primeira referência à participação feminina nos órgãos dirigentes das cooperativas, mote para muitos dos artigos escritos mais tarde por diversos elementos e colaboradores do Boletim. Primeiro dissemine-se a ideia, depois explore-se a mesma em todo o seu potencial.

E Lúcia Nobre corporizou essa luta inicial produzindo um artigo mais, o primeiro em que mesclava intenções com realizações práticas, e onde claramente se quis distinguir a visão sexista vigente na quase totalidade das cooperativas portuguesas.

### **AS MULHERES E A ATIVIDADE COOPERATIVA (3)**

*Por Maria Lúcia Nobre (C.F. da Unicoope)*

*Boletim Cooperativista nº 31*

*Abril de 1956*

*«O que devem os homens fazer quando há um encontro em qualquer lugar para encorajar ou iniciar instituições cooperativas? Vir. Ajudar. Votar. Criticar. Atuar. O que é que as mulheres devem fazer? Vir e comprar. Este é o principal trabalho para nós as mulheres, (...) Mas porque não faremos mais do que isto? Certamente, sem sair do nosso âmbito e sem tentar empreender trabalho que pode ser melhor realizado por homens, há mais que fazer – para nós mulheres – que gastar dinheiro. É fundamental que gastemos o nosso dinheiro na nossa cooperativa. Mas o nosso dever, o dever para*

*com os nossos semelhantes não termina aí. Vir e comprar é tudo o que pode ser pedido para fazer; mas não poderemos ir mais além? Porque não teremos nós os nossos encontros, as nossas leituras, as nossas discussões?» Este foi o apelo lançado no jornal Co-operative News pela senhora Acland às mulheres inglesas, para que estas dessem uma colaboração efetiva ao movimento cooperativo, para que entre si cooperassem. Atentemos no exemplo e sigamo-lo.*

*E atentemos igualmente nos ensinamentos que podemos colher dos relatórios da Comissão de Senhoras da Cooperativa de Alcântara 2ª Comuna, e do Movimento Feminino da Sociedade Cooperativa Aliança Operária:*

*«Fundada em 1938, a Comissão de Senhoras da Cooperativa de Alcântara, viveu de início da cotização das suas 25 associadas. Em 1938 ofereceu à Cooperativa o estandarte com o emblema, no valor de 606\$00. Em 1939 comprou uma mobília de escritório. Em 1940 uma telefonia veio aumentar os atrativos da nossa cooperativa. Nos 7 anos seguintes a Comissão realizou vários melhoramentos, destacando-se em 1947 uma festa para comemorar o 26º aniversário da fundação da Cooperativa. Em 1948, para comemorar o aniversário da Cooperativa Esperança no Futuro a Comissão ofereceu-lhe um tinteiro e uma placa. A tudo devemos acrescentar as festas que todos os anos se faziam pelo Natal, festas em que eram distribuídos aos filhos dos sócios brinquedos, roupas e uma merenda. Para a realização de todos estes melhoramentos e muitos mais que a Comissão fez, não foram suficientes as quotas semanais, foi necessário tomar mão de outros recursos: bilhetes de lotaria, festas cinematográficas, rifas, etc. Presentemente a Comissão tem um saldo de 4.500\$00.»*

*O Movimento Feminino da Cooperativa Aliança Operária afirma: «Com o resultado da nossa cotização, com o lucro de sorteios, com festas na nossa sede movimentámos, nos dois anos da nossa existência, aproximadamente vinte mil escudos. Mas o que está feito não vale a pena enumerar. Projetos para o futuro, sim. Pensa este movimento organizar uma Biblioteca e está preparando fundos para a feitura do mobiliário e compra de alguns livros. A cobertura do terraço também é objeto da nossa atenção.*

*Que todas as mulheres portuguesas sigam os nossos passos, são os nossos ardentes votos, pois colherão mais tarde a sua emancipação.»*

*Que estes exemplos frutifiquem. Que em todas as cooperativas haja uma ativa colaboração feminina. Precisamos da participação das mulheres de todos os meios sociais: operárias, domésticas, profissões liberais.*

Chamo a atenção do leitor para dois aspetos:

- um primeiro o do apelo feito no final à ‘participação(?)’, porventura no sentido de participação conjunta, de mulheres de diferentes meios: operárias, domésticas, profissões liberais;

- um segundo para o ‘mimo’ das atividades desenvolvidas. Retrata-se uma época, o seu atraso, mas também a importância de levar a cultura à mulher - sempre que possível tocar-se-á a mesma tecla nos anos seguintes - com a criação de bibliotecas, aquisição de um aparelho de rádio ou atividades sociais extensíveis à família da mulher. Tudo fazendo realçar o espírito de poupança da mulher, elevado a característica distintiva face ao homem.

Coincidiu o começo da publicação de artigos sobre a mulher no Boletim, com a realização pelas cooperativas de consumo nacionais de uma Reunião Magna Cooperativa, promovida pela Unicoope, com delegados vindos de muitas das cooperativas de todo o país. Sérgio e a equipa de coordenação do Boletim como que balizaram o seu desenrolar, já que muitas das resoluções tomadas seguem a doutrina propagandeada pelo Boletim



Cooperativista. A Comissão de Coordenação do Boletim Cooperativista havia sido entronizada em 15 de Novembro de 1955 e incluía para lá de António Sérgio e de dois dos seus discípulos (Ferreira da Costa estava desligado temporariamente da edição 4), alguns dos principais dirigentes cooperativos lisboetas.

O guião, sobre a forma de Plano de Trabalho, incluía três pontos: Propaganda, Organização e Conclusões, sendo que do ponto Organização constava o debate sobre a temática das Comissões Femininas (mais tarde, no nº 36 do Boletim, surge escrito que a matéria foi, por falta de tempo, não submetida a debate, mas aprovada na íntegra pelos delegados).

### ***PLANO DE TRABALHO IMEDIATO***

***Boletim Cooperativista nº 32***

***Maio de 1956***

***Estudo da organização de Comissões Femininas e Juvenis de carácter cultural e desportivo, como auxiliares das Direcções das suas cooperativas e para a difusão dos ideais cooperativos.***

***- Comissões Femininas – Sendo reconhecido por todas as cooperativas o importante papel da mulher na vida das respetivas sociedades e na difusão do programa cooperativista, vai ser apresentada à votação na Reunião Magna a seguinte proposta:***

- 1- Que as cooperativas cujos estatutos não facultem às mulheres o direito de serem eleitas para cargos diretivos, revoguem esses artigos;***
- 2- Que sempre que possível também algumas mulheres sejam eleitas para membros das direcções;***
- 3- Que as cooperativas enveredem esforços e deem todo o apoio à organização de Comissões femininas;***
- 4- Que à Comissão Central Provisória composta pelas Comissões Femininas das Cooperativas Aliança Operária, Segunda Comuna, Esperança no Futuro, Ajudense, Amora e Piedense, adiram todas as outras Comissões Femininas para uma mais eficiente colaboração em tarefas a realizar, como:***
  - Sessões de propaganda cooperativas.***
  - Sessões culturais e recreativas.***
  - Encontros para discussão de problemas de interesse comum.***
  - Colaboração nas atividades das bibliotecas.***
  - Colaboração nas atividades da Comissão de Propaganda da Unicoope.***

Importantes notas:

- haveria cooperativas, não se sabendo quais, em que os estatutos impediam as mulheres cooperadoras de serem dirigentes das suas cooperativas; revoguem-se, pois, as disposições estatutárias violadoras da igualdade entre sexos e façam-se eleger mulheres para dirigentes, foi a decisão aprovada;
- ainda pouco ultrapassavam a meia dúzia as cooperativas com comissões femininas constituídas, pelo que se deveriam criar mais e se definiam as suas principais tarefas, e entre elas cultura e bibliotecas.

Seria ainda nesse ano de 1956 que António Sérgio faria sair a seguinte orientação, durante a Comissão de Propaganda Cooperativa decidida constituir durante a Reunião Magna:

## **PROPAGANDA**

*Boletim Cooperativista n° 38*

*Novembro de 1956*

*Realizou-se em 25 do corrente mais uma sessão da Comissão de Propaganda Cooperativa, sob a presidência do professor António Sérgio.*

.....

*Comissões Auxiliares*

*Quanto às Comissões Femininas foi resolvido constituir-se uma Comissão Central das Cooperadoras Portuguesas que será eleita pela Comissão das diversas Cooperativas.....*

Não existem notícias sobre a sua real formação, mas a orientação tem o seu significado intercooperativo bem delineado.

O Boletim publica, aliás, uma reacção da Cooperativa do Povo Portuense à decisão sobre mulheres tomada na Reunião Magna, denunciando mesmo a sua paternidade, nestes termos:

### **AS COMISSÕES FEMININAS DENTRO DAS COOPERATIVAS**

*Por Alberto Carneiro, da Cooperativa do Povo Portuense*

*Boletim Cooperativista n° 37*

*Outubro de 1956*

*As decisões adotadas pela reunião Magna das Cooperativas, não podem nem devem ser olvidadas, mormente da parte dos delegados que tomaram parte na mesma, visto que pela sua atuação nos trabalhos ligados às responsabilidades que reuniões de tal importância importam.*

.....

*Referia-se o Boletim Cooperativista, no seu número passado às Comissões Femininas e Comissões Juvenis.*

*Antes de entrar em quaisquer considerações, seja-nos consentido afirmar, que nos penalizou imenso o facto de ser esse um dos trabalhos que, devido ao adiantado da hora, teve de ser votado, embora por aclamação vibrante e espontânea, sem passar por uma mais larga apreciação, pois a nosso ver era o mesmo, sem desprimor para os demais, o mais interessante dos estudos submetidos à reunião.*

*A sua autora, a Senhora D. Maria Lúcia Nobre, foi felicíssima não só quanto à maneira inteligente como redigiu e o apresentou ao conhecimento dos delegados, como pelas conclusões práticas, que são para esquecer, como findava o seu trabalho.*

*Os representantes da Cooperativa do Povo Portuense, orientados por um espírito de perfeita concordância, deram o seu voto à tese, e a atitude que então assumiram está concretamente justificada perante duas disposições previstas nos Estatutos porque se rege a Sociedade de que eram delegados junto da referida reunião.*

*Feliz inspiração e alta visão, sobre princípios coletivistas que animavam e orientavam os Homens que, em 1900, redigiram e votaram o aludido diploma. É a ilação a que se pode chegar, ao serem conhecidas as disposições a que aludimos e por nós citadas naquela reunião nacional. São as que se seguem:*

*«Art.2º - Esta Sociedade é composta de todos os indivíduos, que espontaneamente a ela queiram pertencer, seja qual for o sexo, etc.»*

*Nº 1 do Art. 16º (Direitos dos sócios) »A ser eleitor e elegível para os cargos da sociedade», etc.*

*Sobre o importante papel a desempenhar pela mulher na vida das respetivas sociedades, concluiu a Senhora D. Lúcia Nobre, o seu trabalho incluindo no nº 1 - «Que as cooperativas cujos estatutos não facultem às mulheres o direito de serem eleitas para cargos diretivos revoguem esses artigos».*

\*

*Não necessita a Cooperativa do Povo Portuense de alterar os seus Estatutos em tal matéria, facto que para nós representa a melhor homenagem e a mais alta consideração que poderá ser prestada não só a tão distinta cooperativista e ao seu valioso trabalho, como ainda às comissões femininas que brilhantemente estão atuando, com resultados práticos profundamente vantajosos para o cooperativismo, dentro das prestimosas sociedades: Aliança Operária, 2ª Comuna, Ajudense, Piedense, Amorense, estas do Sul; e Trabalhadores da Foz do Douro, Sociedade Cooperativa Humanitária em Lordelo do Ouro e Maquinistas e Fogueiros do Minho e Douro, estas com as suas sedes no Norte.*

*Ponha-se, pois, em execução o que foi votado pela Reunião Magna das Cooperativas.*

Lúcia Nobre continuava a escrever sobre a matéria, divulgando o que se passava lá fora e cá dentro, como deixarei exemplificado de seguida e cronologicamente, mas não exaustivamente, em função dos seguintes números do Boletim Cooperativista publicados.

#### **AS MULHERES E A ATIVIDADE COOPERATIVA (4)**

*Por Maria Lúcia Nobre (C.F. da Unicoope)*

*Boletim Cooperativista nº 33*

*Junho de 1956*

*A Comissão Feminina da Cooperativa Piedense vai em breve iniciar um curso de corte, projeta a realização de uma série de palestras sobre puericultura e enfermagem caseira e enveredará esforços para a criação de uma escola infantil. Estas iniciativas marcam uma posição de assinalar. A valorização pessoal e profissional das mulheres e os problemas de educação são considerados em primeiro plano nas organizações cooperativas femininas de todo o mundo.*

*Na Bélgica, Suíça, França, Inglaterra, Estados Unidos da América, Rússia, Austrália, Noruega, Suécia, Itália e em muitas outras que têm milhares de mulheres cooperativistas, as organizações femininas promovem a realização de cursos – uns permanentes, outros temporários – versando os mais variados assuntos: economia doméstica, culinária, pedagogia, línguas, enfermagem, etc.; mantêm escolas, colónias de férias; preocupam-se com a orientação e preparação profissional dos jovens; mantêm jornais, alguns como o «Between Ourselves» - norueguês – com uma tiragem de 6.000 exemplares; realizam encontros em escala regional, nacional e internacional. Estas realizações são para nós um poderoso estímulo. Para nós, membros das comissões femininas, para os dirigentes e associados cooperativos que devem dar todo o incitamento e apoio à colaboração feminina no movimento. Trabalhem. Que o movimento cooperativo português passe a ser uma realidade e se integre nos objetivos que foram adotados pela Guilda Internacional das Cooperadoras, no seu 8º Congresso, realizado em Copenhague (Dinamarca), em Setembro de 1951. Objetivos:*

- a) Unir as mulheres cooperadoras de todas as regiões;*
- b) Desenvolver o espírito e promover a prática dos princípios de cooperação;*
- c) Elevar a situação social das mulheres, pela realização da igualdade económica e política e melhorar o padrão de vida familiar;*

- d) *Promover a educação das mulheres cooperadoras e prepará-las eficientemente para realizar tarefas em pé de igualdade com os homens;*
- e) *Trabalhar para a paz internacional através da segurança e relações amigáveis entre todos os países.*

*Como vemos é um programa que está de harmonia com as nossas necessidades.*

#### *Esperança no Futuro*

*Por Manuel Clemente dos Anjos, a Cooperativa Ajudense*

*Boletim Cooperativista n° 38*

*Novembro de 1956*

*Realizou-se no dia 1 de Outubro uma sessão solene comemorativa da passagem do 25º aniversário.*

.....

*Pela Comissão Feminina Esperança no Futuro foi servido aos convidados um fino lanche.*

*Esta Comissão tem exercido ação de relevo no desenvolvimento da Cooperativa, quer adquirindo vários utensílios, quer fomentando propaganda esclarecedora por todos os meios na defesa do ideal comum, o que tem sido também possível pelo constante contacto com a Direção.*

Em números seguintes do Boletim, na secção Vida das cooperativas, é relatada a atividade regular das Comissões Femininas, que sobretudo surge centrada nas festas de aniversário das mesmas. Um exemplo mais:

#### *ALIANÇA OPERÁRIA*

*Boletim Cooperativista n° 52*

*Janeiro de 1958*

*Para festejar o 3º aniversário da Comissão Feminina da Cooperativa Aliança Operária, levou esta a efeito na tarde do dia 1º de Dezembro findo uma festa íntima que decorreu muito animada. Foi escutada a dissertação da Sra. Dra. Lúcia Nobre que se encontrava na mesa ladeada pelas dedicadas comissionadas Sras. D. Ana Werther das Neves e D. Maria Elvira Assunção.*

*Depois de fazer a apresentação da Sra. Dra. Lúcia Nobre a quem teceu rasgados elogios, a Sra. D. Ana Werther dirigiu-se à assistência, quase toda senhora, às quais consagra palavras de incitamento no prosseguimento do trabalho encetado.*

*A Sra. Dra. Lúcia Nobre depois de agradecer os encómios e a presença de tão elevado número de senhoras, fez ressaltar as vantagens do cooperativismo pondo em relevo o papel da mulher cooperando com o homem na sua ação. Focou a cooperação industrial caseira da mulher para defesa e amenização do trabalho, as suas conveniências. Disse que seria interessante que a mulher fosse eleita também para fazer parte dos corpos gerentes das cooperativas, terminando com um apelo a todas para que cada um dos presentes fosse um arauto do cooperativismo, principalmente as mulheres, esclarecendo outras nos benefícios que advêm de consumir numa sociedade cooperativa.*

*Muito aplaudida pela assistência recebeu um lindo ramo de flores, gentil oferta da Comissão Feminina.*

*Terminou esta bela reunião com um lanche em alegre ambiente sendo focado mais uma vez o papel que a mulher pode exercer através das Comissões Femininas.*

Finalizo este capítulo primeiro com um artigo sobre a realidade holandesa, mas que marca uma mudança de vulto no Boletim. Com efeito, este passa a incluir sistematicamente uma denominada Página das Cooperadoras, com edição devidamente numerada e situada na página 3 da edição então de 8 páginas.

O artigo usa pela primeira vez a expressão ‘poder da vossa cesta’, título de uma obra da britânica Catherine Webb, de 1927, expressão que veremos ser como que ‘colada’ à mulher cooperadora durante os anos seguintes, sem problemas entre nós, porque as cooperativas da Unicoope, que assumiu a edição do Boletim, eram na quase totalidade cooperativas de consumo.

Realce-se o apelo final, em caixa, significativo por desbravar a ideia intercooperativa e a função educativa assente na experiência acumulada.

***AS MULHERES ESTÃO NAS DIREÇÕES DAS COOPERATIVAS HOLANDESAS***  
***Boletim Cooperativista n°58***  
***Julho de 1958***

*As cooperativas de consumo têm, na Holanda, um apreciável desenvolvimento. A central das Cooperativas neerlandesas de consumo, que tem a função de União das Cooperativas e de Armazém grossista, agrupa 267 cooperativas. A sua ação benéfica faz-se também sentir em relação ao comércio, dado que este não se lança numa alta de preços em relação aos produtos em que as cooperativas têm uma decisiva influência, como: a manteiga, o chá, o café. Semelhante influência é possível porque existe um organismo central de produção que possui fábricas de torrefação de café, de produtos químicos, de cigarros, de artigos de vestuário, tipografia, etc. E como é natural e imprescindível as mulheres desempenham um papel de relevo. Nas 20 maiores sociedades há 136 mulheres nos comités de cooperadores. Há 270 mulheres que fazem parte das direções das cooperativas dos Países-Baixos. Vai sendo tempo de, também entre nós, a mulher tomar consciência dos problemas que a cercam.*

**Página das Cooperadoras**

*Jovem cooperadora! Tendes agora à vossa mão o Boletim Cooperativista com 8 páginas! Estabelecei através desta página íntimo contacto com as vossas companheiras e vizinhas e até – por que não? – com as jovens das cooperativas mais afastadas.*

*E vós, cooperadoras que tendes proporcionado o progresso da vossa cooperativa com o poder da vossa cesta – não vos esqueçais que, aqui, podeis instruir as mais jovens; podeis contar a vossa experiência de cooperadora ativa; podeis mesmo estabelecer, como ninguém, maiores laços de fraternidade. Não vos esqueçais!*

1 Boletim Cooperativista – António Sérgio e discípulos, de João Salazar Leite, Coleção Estudos de Economia Social, nº2, CASES, outubro de 2012

2Cooperação e Intercooperação, João Salazar Leite, Livros Horizonte, 1982, pág.14

3Enquadramento Histórico-Social do Movimento Cooperativo, INSCOOP, Fevereiro de 1994, págs. 81 a 89

4 Boletim Cooperativista – Fernando Ferreira da Costa, de João Salazar Leite, Estudos de Economia Social, nº 4, Maio de 2013, pág.31

## A MULHER COM A CESTA

A compulsão de sucessivos números do Boletim mostra que Lúcia Nobre teve acesso a material escrito das principais impulsionadoras da Guilda Internacional das Mulheres Cooperativas. Do nº 62 do Boletim Cooperativista, de Outubro de 1958, retire-se uma citação de Margareth Llewelyn Davies, que creio será a sobrinha da senhora com o mesmo nome que foi companheira de Emmy Freundlich na criação em 1921 de organização internacional:

***A arma revolucionária da dona de casa é a cesta de compras. Quando ela toma consciência desta força, de cooperadora ignorante das consequências dos seus atos, transforma-se em cooperadora inteligente e decidida a constantemente enfraquecer a economia lucrativista.***

A referência à cesta de compras serviu ao mesmo tempo de imagem com que se quis definir uma época, em que as cooperativas de consumo eram dominantes no cooperativismo praticado em todo o mundo e marcavam os Princípios Cooperativos e outras deliberações da Aliança Cooperativa Internacional, mas também de imagem a combater por aqueles que viam na participação feminina nas cooperativas um veículo da sua emancipação cidadã e de novos tempos igualitários em casa, na família, no trabalho e na sociedade.

O Boletim demonstrou esta dupla preocupação, resultado de dois níveis de compreensão do fenómeno: para aqueles que de nada pareciam saber, era necessário ser-se basista, mostrar exemplos práticos, ir como que com pantufas disseminando a ideia; entre as mulheres que já estavam organizadas, pelo contrário, havia que alimentá-las com informação e teoria, por forma a que verificassem que a sua luta não era isolada, antes se inseria num movimento à escala mundial.

António Sérgio, como se verá, estava atento ao fenómeno, e tê-lo-á discutido com o seu grupo. Este, refira-se, fora alargado a um grupo de dirigentes cooperativos mais ativos (obviamente ligados ao cooperativismo, mas também à oposição ao regime vigente à época e, por isso, arautos e portadores de determinadas visões mais políticas da sociedade desejada, visões que Sérgio teve de saber gerir já que nem sempre havia acordo sobre a linha a seguir). Sérgio via na luta pela participação cooperativa das mulheres mais do que a mera presença delas nas cooperativas como compradoras, mas sim, como no artigo que se recupera, '*fermentos de uma sociedade mais equilibrada e humana*'.

### **AS MULHERES E A ATIVIDADE COOPERATIVA (5)**

#### **COMISSÕES LOCAIS**

***Por Lúcia Nobre***

***Boletim Cooperativista n.ºs 40/41***

***Janeiro-Fevereiro de 1957***

***Há precisamente um ano este Boletim chamou a atenção das cooperativas e dos cooperadores portugueses para a importância da colaboração feminina nas atividades cooperativas e no fomento do espírito cooperativista.***

*A ideia não constitui propriamente uma novidade. Ainda que em muito pequeno número – 3 – existiam entre nós Comissões Femininas. Mas o assunto despertou interesse. E os dirigentes e militantes presentes na Reunião Magna – Julho de 1956, entusiasticamente se pronunciaram a favor de uma mais ativa e ampla participação das mulheres no movimento.*

*E o interesse despertado no meio cooperativo, concretizou-se em:*

- organização de Comissões Femininas nas Cooperativas Ajudense, Piedense, Amorense, Almadense, Trabalhadores da Foz do Douro, Humanitária em Lordelo do Ouro e Maquinistas e Fogueiros do Minho e Douro;*
- criação de uma página feminina no Boletim da Cooperativa Associação dos Inquilinos Lisbonenses;*
- participação de representantes das Comissões Femininas nas reuniões da Comissão de Propaganda da Unicoope.*

*Por conseguinte, um primeiro passo foi dado e julgo que decisivo para a integração das mulheres no nosso movimento cooperativo. E, se atentarmos que as Comissões Femininas organizadas se não cantonaram em uma região, mas surgiram nos distritos de Setúbal, Lisboa e Porto, os núcleos da maior vitalidade cooperativista, certamente podemos esperar que a sua pequena ação agora iniciada se enraizará e transformará em uma poderosa força de transformação social.*

*H. Barbier discursando em uma conferência de mulheres em Viena dizia - «as mulheres devem tomar um papel ativo no nosso movimento cooperativo, pelo menos igual ao dos homens». E o conferencista apresentou três razões justificativas da sua afirmação: - «Nós não podemos continuar a considerar as mulheres como inferiores ou incapazes; nós não podemos permitir que a teoria e a prática do nosso movimento estejam em desacordo; e é um grande erro, pelo qual podemos pagar demasiado caro, o colocar a responsabilidade do movimento apenas nas mãos dos homens, excluindo de tal responsabilidade o sexo feminino e os jovens. Tanto na América capitalista, como na comunista U.R.S.S. os jovens e as mulheres ocupam um lugar importante na sociedade. Se não é demasiado tarde, é tempo de nos corrigirmos de este erro».*

*Estas afirmações parecem-nos justas e adequadas ao nosso meio. É necessário que as mulheres das nossas cooperativas se não satisfaçam com o serem apenas consumidoras. É necessário que em todas as cooperativas se organizem Comissões Femininas, e nas Cooperativas em que já existem aumente o número dos seus membros. É necessário que os membros das Comissões Femininas se reúnam na sua Cooperativa para colaborar no seu arranjo, no seu conforto, para ler, estudar, recrearem-se. Em suma, é necessário que as mulheres colaborem para que, como o Prof. António Sérgio tantas vezes tem proclamado, as nossas cooperativas se transformem em centros de sã e fraterna convivência social, fermentos de uma sociedade mais equilibrada e humana.*

*Para ativar a realização desta tarefa parece-nos indispensável a formação de uma Comissão Central formada por representantes de todas as Comissões Femininas e que gizará a orientação geral do movimento, especialmente sob o ponto de vista educacional e de propaganda.*

*Mas além da Comissão Central e com constituição imediata, julgamos da máxima eficiência a constituição da Comissões locais com duplo objetivo:*

- o da experiência de cada Comissão ajudar a resolver as dificuldades de outras mais jovens, ou inexperientes em determinado assunto;*
- o de estabelecer relações e estreitar a convivência entre as Comissões Femininas das várias cooperativas locais, de modo a estabelecer um espírito de equipa colaborante,*



*que permitirá a resolução de problemas e a realização de objetivos, incomportáveis para uma cooperativa, mas perfeitamente realizáveis por um conjunto.*

No capítulo anterior já abordámos os assuntos internos ao movimento português que o artigo refere, pelo que aqui interessa-nos chamar a atenção para o caminho paralelo de Sérgio e dos responsáveis principais pela Aliança Cooperativa Internacional, responsáveis que claramente foram atentamente lidos e refletidos nos serões que Sérgio realizava na sua casa da Travessa do Moinho de Vento, à Lapa.

### ***O PROF. ANTÓNIO SÉRGIO PROCLAMA A IMPORTANTÍSSIMA ATUAÇÃO DAS COMISSÕES FEMININAS E CULTURAIS***

*Citação de «Sobre o espírito do Cooperativismo», Lisboa 1958*

*Boletim Cooperativista, n.º 60*

*Setembro 1958*

*Está bem no espírito do nosso movimento que as comissões culturais e as comissões femininas exerçam nas cooperativas relevantíssima atuação. Quer dizer um papel de não menor importância do que aquele que aos corpos da administração compete.*

*O não se haver radicado nos nossos homens do povo a ideia de que o cooperativismo é uma reforma moral, e ele próprio a finalidade que se deverá ter em vista (e não apenas um meio para qualquer outro intento); o não se ter arreigado, ia eu dizendo, essa ideia justíssima sobre o que ele é em si mesmo – foi a causa de maior influência na paragem e no retrocesso do cooperativismo entre nós. Se tal conceção moral-social tivesse penetrado na nossa alma obreira; se existisse uma faina de comissões culturais, destinada a alimentar o espírito cooperativista – é muito de supor que as multidões portuguesas se não deixassem arrastar para o desacerto enorme de abandonarem as cooperativas que já em Portugal havia para se lançarem na aventura de um turbilhão político sem verdadeiro conteúdo económico-social, como foi a propaganda para a instauração da República. Julgou o operariado que poderia obter de políticos os bens que desistia de se conceder a si mesmo. Que afastados se mostravam nesse seu proceder, do verdadeiro espírito dos pioneiros de Rochdale! É que havia o mecanismo das cooperativas de consumo: mas não o espírito que vivificava as coisas; mas não uma profunda doutrinação cooperativista, - que fosse ao âmago, à base, à raiz, à essência; isto é: a reformação das almas; a iniciativa popular; a comunidade fraterna. Faltou a educação que as ditas comissões têm a missão (e o dever) de realizar à finca; faltou a noção de que os verdadeiros bens são aqueles que nos vêm do nosso próprio esforço, e não os que se recebem de benemerência de «chefes», - de pastores, patrões, estadistas, próceres. Coitados dos povos que se não valem a si, que se entregam ao paternalismo dos senhores do Estado!*

*Convençamo-nos que o trabalho das duas espécies de comissões – as comissões culturais e as comissões femininas – é de tanta importância como o dos administradores das cooperativas, cumprindo-lhes criar o ambiente e o alicerce em que a obra destes últimos se deverá erguer.*

*Numa grande assembleia cooperativa internacional o representante do movimento cooperativo sueco ... não hesitou em pronunciar esta sentença nítida: «Se tivéssemos necessidade de empreender de novo o nosso movimento, e nos oferecessem a escolha entre duas possibilidades: as de recomeçar, ou sem capital, mas com membros e pessoal esclarecido; ou, pelo contrário, com grandes capitais e membros não bem informados, - a nossa experiência dava-nos de conselho a escolha decidida da primeira fórmula».*

....

Embora Sérgio esteja a criticar o que se passou durante os conturbados anos da criação e vida da Primeira República, período em que os cooperativistas terão abandonado o ideal cooperativo para se lançarem em jogos políticos que se revelariam estéreis e gerariam 40 anos de ditadura, nem por isso deixa de referir a importância central das comissões femininas a par das culturais na reconstrução necessária do cooperativismo nacional, uma reconstrução a pulso que se seguiu à falência da Federação Nacional das Cooperativas de Consumo dos anos 20, e que só mais de 20 anos depois encontraria condições para recomeçar ao nível federativo, primeiro regional e só com a Unicoope, em 1955, nacional.

Sérgio não deixa de se socorrer do exemplo internacional, e fá-lo indo buscar aquele que, pessoalmente, penso ser, de novo hoje, o principal problema do cooperativismo. Sendo a cooperativa ao mesmo tempo **Associação** participativa de pessoas e **Empresa** de capitais atuando no mercado, qual é o justo equilíbrio entre as suas duas componentes?

Sérgio antevia já uma deriva mercantil das cooperativas, as quais, emulando as sociedades de tipo capitalista, procuraram concorrer com elas utilizando armas que lhes não eram próprias. Abriram, assim, o flanco a que as empresas de capital lhes copiassem valores, princípios e modos de atuação, quando se tornou claro que a sociedade se teria de virar mais para o social (responsabilidade social, empreendedorismo social, etc.), para as pessoas, ou seja, as mesmas a que a cooperativa procurava proporcionar a solução para os seus problemas ou satisfação das suas necessidades.

Sérgio é claro na sua opção, *recomeçar sem capital, mas com membros e pessoal esclarecido.*

Defendo o mesmo 5. Quantas cooperativas hoje são verdadeiros potentados económicos, mas tendo esquecido a ligação umbilical entre dirigentes e corpo social? Tenho escrito sobre o assunto e apraz-me verificar que também as cúpulas do cooperativismo mundial estão a recolocar o problema, sobretudo porque se aproxima nova revisão dos princípios cooperativos (última formulação, terceira na história do cooperativismo mundialmente organizado, a de 1995; foi a primeira que reflete a perda de domínio pelas cooperativas de consumo no traçar dos caminhos de futuro do cooperativismo universal), que se quer concluída até 2017.

As cooperativas nada são sem os seus membros. Cooperativas de dirigentes e para os dirigentes antes se tivessem criado sobre forma societária. E a mulher, seja ela consumidora, produtora ou assalariada na empresa, deve ser parte integrante da cooperativa, para o bem e para o mal, cooperando na base ou sendo dirigente. Se hoje o movimento cooperativo mundial é dirigido por uma mulher, que no seu percurso passou pela Guilda britânica...!!!

O movimento cooperativo mundial tem um dia internacional reconhecido pelas Nações Unidas, que se comemora todos os anos no primeiro sábado de Julho. Em 1958, as comemorações do movimento cooperativo português viriam a ter como oradora na sessão comemorativa uma mulher, em representação das mulheres cooperadoras suíças. Ela que posteriormente voltaria a escrever especialmente para o Boletim. Eis o que o Boletim publicou:

### **MULHERES COOPERADORAS**

*Por Jeannete Hubler, dirigente da União das Mulheres Cooperadoras Suíças*

*Palestra na Sociedade de Recreio Promotora, a 12 de Julho de 1958, Dia Internacional da Cooperação  
Boletim Cooperativista nº 59  
Agosto de 1958*

*Toda a vida da mulher é de cooperadora! Ela o é mesmo antes de fazer parte da sociedade cooperativa da sua localidade ou do seu bairro se vive numa grande cidade. Porque, se ser cooperadora, é ser a mulher com a cesta, como a costumamos ver representada nos desenhos dos nossos jornais cooperativos, ser cooperadora é antes de tudo criar a harmonia à volta de si, no seu lar e à sua roda. É estender a todos a sua mão fraterna e é também aprender a respeitar e compreender aqueles que não pensam como nós ou que não têm os mesmos hábitos e as mesmas tradições, porque nasceram em um lugar da Terra que se não chama Portugal, mas possivelmente França, Inglaterra, Japão, África Equatorial ou ainda a Suíça.*

*Ser cooperadora é ser uma compradora fiel da cooperativa de consumo a que se pertence, mas é também ter o desejo, o interesse de participar em todas as manifestações do Movimento Cooperativo e particularmente da sociedade de que se é membro.*

*Ser cooperadora é aderir conscientemente aos princípios elaborados há mais de cem anos, pelos Pioneiros de Rochdale. É simultaneamente praticar a ajuda mútua e o self-help.*

**«SEM A TUA PEDRA A MINHA VIDA NÃO CONSTRUIRÁ NADA»**

*Creio firmemente que o velho provérbio francês que diz: «Ajuda-te a ti próprio, que o céu te ajudará» é perfeitamente verdadeiro e nos pode ajudar, quer na nossa vida de mulher e de mãe, quer na nossa vida de cooperadora, do mesmo modo que o pode estar no pensamento do grande cooperador Charles-Henri-Barbier, um dos líderes do Movimento Cooperativo Suíço e da Aliança Cooperativa Internacional: «Sem a tua pedra, a minha mão não construirá nada».*

*Um dos sete princípios de Rochdale, aquele em que eles muito particularmente insistiam, é o que toda a sociedade cooperativa devia reservar uma parte dos seus excedentes para a educação dos seus membros.*

*Aprender – Compreender – para melhor viver, para plenamente se realizar, para ser mais feliz, para ter filhos saudáveis, um lar harmonioso, vizinhos amáveis, um bairro, uma cidade onde cada um respira felicidade, e, olhando mais ao longe, onde reine a PAZ, onde seja bom viver!*

*Mas se se quer grandes coisas é preciso saber começar pelas pequenas.*

*Mas como conseguir este ideal de vida? Sozinho, nenhum de nós, homem ou mulher, por melhores intenções que tenha pode consegui-lo.*

*Desde que o tenhamos compreendido sentimos com intensidade a necessidade de cooperar, de unirmos os nossos esforços. Foi dessa necessidade que nasceu o Movimento Cooperativo e é por essa mesma necessidade que cada dia, em todas as partes do mundo, se formam agrupamentos movidos pelo espírito cooperativo. Quer se trate de sociedades cooperativas de Consumo, de Produção, de Círculos de Estudo, de Grupos cooperativos de férias, de casas para repouso dos cooperadores idosos, de cooperativas de Habitação, ou de grupos de cooperadoras, todas e todas têm um fim comum: Cooperar para o maior bem estar de cada um e a felicidade de todos.*

**GRUPOS DE COOPERADORAS**

*Cooperar, é congregar esforços. «Sem a tua pedra, a minha não construirá nada». Foi assim que nasceram os grupos de cooperadoras. Eles existem em todo o mundo e dentre em pouco espero que também em Portugal. Já vi que aqui as mulheres, as esposas cooperam com os homens na vida das Cooperativas. Mas podemos e devemos fazer ainda melhor para nos enriquecermos mutuamente. Em grupo, aprenderemos a melhor nos conhecermos, a melhor compreender as nossas necessidades a começar pelas mais urgentes, sem dúvida também, a comunicarmos os nossos sonhos e veremos alguns de entre eles tornarem-se realidade.*

*Quando se decidiu fundar um grupo de cooperadoras e se obteve a aprovação da direção da respetiva cooperativa, é conveniente convidar os membros femininos da cooperativa, primeiro para contactarem entre si porque as atividades serão diferentes conforme as interessadas sejam em grande ou pequeno número. Pela minha parte, prefiro os pequenos grupos com um centro de interesses particular escolhido pelos próprios membros, ainda que possa ter uma grande assistência para debater um assunto de interesse geral como pode suceder na ocasião de uma festa ou duma excursão.*

*Mas o que fará o grupo e em que nos servirá?*

### **PROBLEMAS DA MULHER DOMÉSTICA**

*A mulher doméstica vive a maior parte das vezes isolada e ao mesmo tempo o seu trabalho de mãe de família é premente. Ela sabe muito bem o que lhe falta. Mas não tem dinheiro para frequentar cursos ou os filhos são demasiado pequenos para os deixar sozinhos. Possivelmente ela gostaria de ler mas os livros e as revistas são caros e ela não tem ninguém para a guiar na sua escolha. Há cursos que ela jamais poderá frequentar porque não tem ninguém em casa para ficar com o filho mais novo. O grupo das cooperadoras responde a estes problemas, na medida em que os membros decidem empreender tal ou tal atividade, geralmente escolhendo-as em conjunto segundo a sua urgência e possibilidades. Há atividades que podem ser tomadas conjuntamente. Alguns exemplos tomados ao vivo dar-vos-ão uma ideia.*

### **A EXPERIÊNCIA BELGA**

*Na Bélgica, estão organizados grandes grupos locais em que os membros se reúnem, uma vez por semana, quinzenalmente ou mesmo mensalmente. Conferencistas vêm falar sobre um assunto previamente escolhido pelo grupo. Respondem às perguntas que lhe são feitas e muitas vezes também alguns dos membros que o desejam reúnem-se uma ou várias vezes para estudar mais a fundo o assunto exposto. Alguns assuntos: A alimentação na Primavera, A alimentação no Inverno. Como cuidar das constipações. As tisanas e os xaropes. Durante um ano os membros de um grupo dos arredores de Antuérpia, homens e mulheres reuniram-se para fazer por suas mãos marionnettes para todos os meses oferecer uma sessão aos garotos dos vários grupos de cooperadoras da região. Enquanto as crianças assistem a essas sessões, as mães em outra sala tomam parte num debate, conversam ou escutam um concerto.*

### **E A EXPERIÊNCIA SUIÇA**

*Na Suíça os grupos de cooperadoras dedicam-se à educação da mulher e à entreatajuda. Há encontros, cursos, sobre variadíssimos assuntos. O que é a cooperação? Porque sou cooperadora? Como organizar o seu orçamento. A cooperadora e o voto das mulheres.*

*Os perigos e as vantagens das compras a crédito. A alimentação racional. Cursos de corte, de malhas e de costura. Cursos de arranjo do lar, ou ainda, os cuidados que se devem ter com um bebé e o que deve saber a jovem mãe que espera um filho. Estes últimos cursos são sempre organizados em colaboração com a Cruz Vermelha e dados por uma enfermeira ou assistente social.*

*Nós pensámos também nos homens, nos pais que têm a gentileza de ficar em casa a vigiar as crianças enquanto as suas mulheres assistem à reunião das cooperadoras e organizámos cursos em duas ou três lições sobre o que se deve saber de eletricidade. A maior parte das vezes os acidentes são devidos ao desconhecimento dos perigos de manejar e reparar os fios condutores de eletricidade. Estas lições práticas têm tido um sucesso enorme.*

## **INICIATIVAS PRÁTICAS**

*No domínio prático os grupos possuem máquinas de lavar, de coser, de tricotar, que circulam entre os seus membros. Em outros grupos cuidam dos filhos umas das outras alternadamente, lavam e consertam a roupa de uma família quando a mãe está doente, fazem circular berços com enxoval de recém-nascido, nas famílias numerosas e pobres em que cada novo bebé constitui um problema. Estes berços são emprestados por um ano e as mães beneficiadas servem-se do enxoval, mas devem restituir as peças de roupa que se encontram em bom estado com o berço. Acontece muitas vezes que conjuntamente com as peças usadas, elas juntam outras que receberam de presente e se tornaram demasiado pequenas para os seus filhitos. Assim a cooperação é autêntica. Certos grupos organizaram uma biblioteca circulante de revistas, outras de padrões de vestuário.*

*Alguns praticam a entreatajuda participando financeiramente no apadrinhamento Coop., ou na aldeia de crianças Pestalozzi, ou em outras obras de entreatajuda. As cooperadoras preparam pacotes de Natal, para as famílias que deles têm necessidade, e organizam festas infantis. Organizam excursões com fim educativo, visitas a exposições, fábricas, escolas infantis, etc.*

*Citar-vos todas as atividades é impossível. Estou à inteira disposição dos cooperadores e cooperadoras a quem o assunto interesse e que me queiram fazer perguntas.*

*Parece-me, que de tudo isto, o que convém fixar é que quando se tem fé no ideal da cooperação, tudo se torna mais fácil, assim como faço o voto e esta será a minha última palavra, que a grande família dos cooperadores portugueses se abra aos grupos de cooperadoras, a fim de que elas também possam trazer a sua pedra ao edifício e que flutue sempre mais alto a bandeira do arco-íris.*

A matéria da Conferência seria objeto do editorial do Boletim Cooperativista, nº 60, a coluna Horizonte. Recordando o apelo de Hubler, e recuperando o mote de Barbier, o editorialista relembra que para lá da participação das mulheres nas cooperativas há também que fazer participar os jovens, algo para que Sérgio também chamou a atenção.

Mas regressemos à palestra, que não será difícil de calcular, terá produzido imenso efeito em quem a ela assistiu. Afaste-se a imagem da mulher com a cesta, a mulher quer-se a lutar pelos ideais, seus e da família e sociedade, ao lado do homem.

A mulher cooperadora quer-se fiel à sua cooperativa, conhecedora dos princípios cooperativos e participante ativa de eventos cooperativos e sociais mais gerais.

A referência aos princípios cooperativos centenários, em número de sete, merece um esclarecimento.

A Aliança Cooperativa Internacional só em 1934 decidiu arriscar uma formulação dos mesmos, a qual viria a ser aprovada em 1937, em Paris.

Nessa tarefa foi buscar a história cooperativa dos Pioneiros, e desencantou a First Law nos papéis guardados em Rochdale. Só que os ideais dos Pioneiros já não eram totalmente adequados ao mundo de meados do século seguinte, sobretudo pela falência do que foi visto como a comunitarização da vida por meio das cooperativas. Ainda dominavam os ideais de Charles Gide e discípulos, entre os quais poderíamos ainda incluir Sérgio, mas começava-se a tornar claro que as cooperativas de consumo não fariam sós a Nação Cooperativa, a Ordem Cooperativa, ou a República Cooperativa, mas apenas ocupariam um Setor na esfera económica e social de determinado país. As ideias de Fauquet, quando proferidas na ACI tiveram um efeito de terremoto de fundo, e Sérgio demorou tempo a incorporá-las no seu pensamento e ação, tal como mais tarde aconteceria com o reconhecimento das cooperativas agrícolas como forma legítima de organização da lavoura.

Os princípios de 1937 eram 7, sendo que quatro obrigatórios e três facultativos. 6

Outra importante referência foi a feita a alguns dos tipos de cooperativas existentes a nível mundial, que poderá ter aberto olhos a muitos que viviam fechados em torno das cooperativas de consumo. Essas cooperativas de habitação ou de produção ou de solidariedade social (como hoje as designamos) até obedeciam aos membros princípios cooperativos que as cooperativas de consumo.

E depois, recorrendo ao que se passava na Bélgica e na Suíça, a palestrante dá exemplos daquilo que as mulheres poderiam desenvolver nas suas cooperativas para lá de aí aparecerem com a sua cesta de compras. Frequentar cursos, ler nas Bibliotecas, educar e cuidar dos filhos, entreajuda, recreação, etc.

A finalizar a referência à bandeira do arco-íris, a bandeira do movimento cooperativo, que nos trouxe até 2012, mas que foi agora abandonada, uma vez aprovada pelo Congresso de Manchester uma nova imagem para o Movimento cooperativo mundial inserida no Plano de Ação para a Década que se deseja possa reger os esforços dos cooperativistas pelo menos até 2020 (disponível em versão portuguesa em [www.ica.coop](http://www.ica.coop)).

Estes esforços de emancipação da mulher cooperativa, como quis lembrar o Boletim, eram apoiados pelas Nações Unidas, organização que é das mais ativas no apoio ao cooperativismo ainda hoje, meio século passado, tendo mesmo declarado 2012 como Ano Internacional das Cooperativas (foram-no também pela OIT, que desde os anos 30 do século XX possui um departamento de cooperativas, cujo segundo diretor foi Fauquet, o inspirador teórico da fase mais avançada do pensamento de Sérgio).

***QUE A PRÁTICA SEJA CONFORME COM A TEORIA***

***Boletim Cooperativista, nº 61***

***Outubro de 1958***

*A Carta das Nações Unidas proclama: «A fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e valor da pessoa humana, na igualdade dos direitos do homem e da mulher». A nossa geração assiste a uma grande transformação da sociedade humana, que aceitará a participação da mulher em pé de igualdade na vida económica, social e cultural das nações. Nas últimas dezenas de anos, milhões de mulheres, em todo o Mundo, adquiriram direitos civis e políticos que lhes permitem votar, exercer uma profissão, colaborar na organização dos serviços públicos, na feitura e aplicação das leis.*

*Mas estamos tão longe da justiça mínima!*

*Entre nós, por exemplo, em quantas profissões ainda não é respeitado o princípio de a trabalho igual – salário igual. Exige-se o mesmo rendimento, a mesma competência, mas paga-se menos à mulher!*

*O rebaixamento, o desrespeito pelo trabalho feminino é uma das grandes mazelas que a todos os cooperadores e a todas as cooperadoras cabe o dever de extirpar, por uma autêntica cooperação.*

A luta tinha respaldo ao mais alto nível da organização planetária do homem. E, por isso, o Boletim continuou em frente repisando temas, pincelando-os de novas ideias e dando novos exemplos do que se passava noutras latitudes.

## **AS MULHERES E A VIDA COOPERATIVA**

*Por Lúcia Nobre*

*Boletim Cooperativista n.º 62*

*Novembro de 1958*

*«É de vós, cooperadoras, que nascerá o nosso movimento. Dar-lhe-eis vida – a sua vida autêntica – dando-lhe a vossa participação», afirma Ch. H. Barbier.*

*Eis o que a nossa cooperativa espera de cada uma de nós, Amiga. Que lhe demos a nossa inteira fidelidade de compradoras, o nosso interesse por tudo quanto lhe diga respeito, que nela nos sintamos em nossa casa, onde nada nos é indiferente e passa despercebido, porque faz parte da nossa vida.*

*Esta autêntica e real participação da mulher na vida cooperativa precisamos-la de fomentar e criar todas nós, mulheres ou homens, todos os que consideramos a ajuda mútua, a compreensão, melhor e mais útil meio de convivência que o «cada um que se arranje», ou o «salve-se quem puder».*

*E se realmente queremos essa participação, se a queremos não só com palavras, ou com um débil e fraco desejo que permanece estéril, ou esmorece às primeiras contrariedades, precisamos de agir de acordo com o nosso pensamento e vontade.*

*Não vem muito longe a época das eleições dos corpos diretivos. Não será desarrazoado o ir-se pensando na importância de para alguns cargos serem eleitas mulheres, dado que são elas que se aviam nas cooperativas, elas que sabem quais os géneros de mercearia, fancaria, e outros que lhe dão economicamente mais vantagens e mais lhe agradam.*

*Enquanto sistematicamente se afastarem as mulheres da colaboração ativa, e enquanto se lhes não der a confiança da responsabilidade, elas não poderão colaborar de facto, pois só se lhes permite ou exige que aceitem.*

*Muitas objeções se podem levantar à participação ativa das mulheres na vida das cooperativas. Entre elas avultará a da incompetência, o desconhecimento total dos problemas da sociedade. Será verdade. Mas serão sabedores todos os homens que dela fazem parte? E mesmo que o fossem, não será contraditório com a doutrina*

*cooperativa, que tem como um dos seus princípios básicos a igualdade de direitos entre homens e mulheres, manter as mulheres na perpétua ignorância, na perpétua menoridade?*

*É natural e de bom senso, que as cooperativas pioneiras comecem por eleger mulheres para cargos de responsabilidade reduzida, que lhes permita adquirir experiência e treino, sem o menor prejuízo para a sociedade. Essa experiência será decisiva para o movimento.*

*A necessidade da participação ativa das mulheres na vida das cooperativas tem-se posto a todos os movimentos que são realmente representativos. Entre os muitos exemplos que se podem citar, pensemos na London Co-operative Society, a maior das cooperativas do mundo ocidental, com 1.200.000 associados e que durante muitos anos teve como presidente de direção uma mulher. E presentemente no conselho de administração composto por 15 membros, 8 são mulheres; e no comité de educação trabalham 10 mulheres e 5 homens.*

*Evidentemente que nos não interessa copiar, por copiar, adotar um modelo para que não estamos de momento preparados.*

*Mas tenhamos a coragem de inovar, quando a inovação é manifestamente coerente e benéfica.*

Ressurge o tema eleitoral e a necessidade de ver mulheres como dirigentes das cooperativas, algo que Lúcia Nobre chamava de inovação, mas que era apenas justiça e razoabilidade em função da vivência cooperativa de muitas mulheres. Aliados encontraram em alguns dirigentes cooperativos, seus colegas na Comissão coordenadora do Boletim, como Manuel Anjos que escreveu a seguinte prosa 'voyeurista'.

#### **A TIA ALICE E A COMISSÃO DE SENHORAS DA SUA COOPERATIVA**

*Por Manuel Clemente dos Anjos, da Cooperativa Ajudense*

*Boletim Cooperativista, nº 62*

*Novembro 1958*

*Apesar de estar a cair uma chuva muito impertinente, a tia Alice, com passo decidido e firme, dirige-se para a sua Cooperativa. É dia de reunião da Comissão de Senhoras e a tia Alice, como Presidente da referida Comissão, não pode faltar.*

*O trabalho desta Comissão de Senhoras tem sido notável, prestigiando a sua Cooperativa em todos os setores da sua vida orgânica: têm angariado fundos para a compra de livros para a biblioteca; têm organizado jantares de confraternização e piqueniques; têm feito excursões, têm posto a funcionar postos médicos e cursos de línguas; têm organizado sessões culturais, etc., etc.*

*A tia Alice, com o seu feitiço cintilante e alegre, contagia as suas camaradas e todas elas trabalham com alegria e vontade. Estão todas reunidas para tratarem de problemas que dizem respeito às diversas atividades da Comissão e vamos sorratamente ouvir o que elas nos ensinam:*

*A tia Alice (com ar prazenteiro, muito amável): - Minhas amiguinhas! Já temos 100 sócias, mas é necessário termos muitos mais! O número de associados da cooperativa é de 600. Impõe-se que todas as senhoras contribuam para a Comissão de Senhoras inscrevendo-se como sócias.*

*Uma senhora (com entusiasmo): - Vamos fazer a diligência para que isso aconteça. Que bom seria termos 600 ou mais sócias a contribuírem, mensalmente, com Esc.: 2\$50!!! Que coisas faríamos com esse dinheiro! Por isso mãos à obra!... Estabeleçamos um plano de trabalho e vamos pô-lo em execução.*



*Uma outra senhora (com ar sereno, meditativo): - Eu proponho que vamos a casa de todas as senhoras da família dos sócios e de viva voz convidá-las a inscreverem-se como sócias da nossa Comissão e ao mesmo tempo explicarmos qual a missão conferida às Comissões de Senhoras das Cooperativas. Tenho a certeza que seremos bem sucedidas nessa tarefa.*

*A tia Alice (com a mesma simpatia):- Acho muito boa ideia! Todas concordam? Ainda bem que sim. Sendo assim é necessário principiarmos essas visitas com a maior urgência – talvez mesmo amanhã!*

*Ainda outra senhora (com o olhar a brilhar de contentamento):- Estou contentíssima com esta bela ideia! Com verdadeiro espírito de cooperação e de compreensão estou convencida que a nossa Comissão há de corresponder, inteiramente, para aquilo que foi criada e a Cooperativa lucrará imenso com isso!*

*A tia Alice (com ar grave e pensativo):- Sim! A cooperação é indispensável! Mas não nos devemos esquecer que a cooperação deve ser leal e sincera. Já muitas Comissões de Senhoras têm falhado, precisamente, por não haver a tal lealdade, a tal sinceridade, que tão precisas são! E há outras Comissões de Senhoras, embora estejam de pé, que vivem em completa efervescência espiritual por, entre os seus membros, não pontificarem aquelas virtudes que eu acabei de apontar. Mas connosco esse mal não há de surgir., porque temos inteligência suficiente para o matarmos à nascença. E porque, conscientemente, não podemos admitir que tal aconteça. Agora outra coisa! Como já temos bastante dinheiro proponho que apliquemos algum na decoração da sala das sessões e dos gabinetes da Direção e da biblioteca. Todas concordam? Muito bem.*

*Mais outra senhora (com muito entusiasmo):- Proponho, também, que ponhamos em laboração aulas de labores para as senhoras da família dos sócios. Já arranjei algumas senhoras que, obsequiosamente, vêm ministrar os seus ensinamentos e todas elas são exímias na arte de ensinar labores.*

*A tia Alice (levanta-se e aperta a mão a esta senhora. Em seguida senta-se):- Acho esta proposta maravilhosa e dou os meus parabéns à sua autora. Todas concordam? Sendo assim vamos pôr em execução esta sugestão e podemos ficar certas de que prestaremos um grande auxílio a todas as senhoras que se queiram aperfeiçoar em trabalhos tão úteis! E todas as senhoras que completarem os seus cursos se lembrarão, toda a vida, que foi a sua Cooperativa que lhes proporcionou tomarem contacto com trabalhos técnicos, de grande valia e utilidade, que lá fora, só à custa de gastarem muito dinheiro, os poderiam aprender. Vamos encerrar a sessão, porque já é tarde e amanhã é dia de trabalho. Não se esqueçam que na próxima sessão, além de outras coisas, temos que estruturar o programa das visitas a fazer a vários monumentos nacionais, a museus, etc., etc. Pensem, pois, bem neste assunto, que é muito importante.*

Manuel Anjos viria a ver publicado no nº 66 peça do mesmo calibre sobre o tio João. Quanto ao Boletim Cooperativista, nos números seguintes manteve a Página das Cooperadoras, dando essencialmente nota das realizações de diversas comissões em cada vez mais cooperativas de consumo, e notícias sobre o que se passava no estrangeiro. Publicou ainda um epitáfio pela morte de Irene Lisboa, e lançou-se na regular publicação de poemas seleccionados sobre a problemática geral da mulher ou da criança, tarefa em que estiveram ativas Luísa Dacosta ou Luísa Maria Simões Raposo Ribeiro, uma das primeiras que assumiu numa cooperativa um cargo de direção.

Poucos números adiante regressaria Jeanette ou a Joanhinha.

## **BILHETE DE JOANINHA**

*Por Jeanette Hubler*

*Boletim Cooperativista, nº 68*

*Maio de 1959*

*Bom dia Amigos e Amigas. Bravo a todos e a todas que pela cooperação tendes contribuído e continuamente continuais a dar a vossa achega às realizações cooperativas e em particular – porque é uma atividade que especialmente tomo a peito – à organização dos grupos de cooperadoras.*

*Porque razões pugnamos pelos grupos de cooperadoras? Não será suficiente que as mulheres adiram à cooperativa da sua localidade ou bairro e, assim, se tornem membros da grande família dos cooperadores?*

*Ser associado de uma cooperativa a título individual ou familiar é certamente o primeiro passo no caminho da cooperação.*

*Ser uma compradora fiel, quer dizer regular é também indispensável.*

*Mas cooperar quer ainda dizer mais. Olhai bem o nosso emblema. É todo um programa.*

*A MULHER DA CESTA: assim se apresenta a cooperadora, a dona de casa. Mas vede, não está sozinha, ela nunca está só. São três. Três donas de casa, três compradoras que têm cada uma a sua cesta, mas que a têm em conjunto, que unem os cotovelos porque não são simples compradoras anónimas, são cooperadoras.*

*A loja onde vão fazer as compras, não é um estabelecimento qualquer onde entram por acaso. É a cooperativa, a casa que elas formaram, elas e os seus pais, elas e os seus maridos.*

*Aquelas de entre nós que têm tido a alegria de participar em uma realização cooperativa sabem bem a satisfação que têm tido apesar dos cuidados e tribulações que possam ter surgido. Até agora as nossas sociedades cooperativas têm sido na sua maior parte dos casos obra de homens. Irmãos, pais, maridos, consagram noites sucessivas à discussão da fundação da cooperativa, à concretização do projeto até que se tornou realidade concreta. E depois de fundada a cooperativa, nela continuam a participar ativamente.*

*Ajudá-los a realizar a tarefa que aceitaram para o bem de toda a comunidade é e será para a maior parte de nós a primeira ação cooperativa que nos é pedida. E não é muito fácil. Aplanar as dificuldades que surgem em casa, noite após noite, manter o sorriso enquanto o marido se vai encontrar com os amigos nas lides cooperativas, ou se os amigos se reúnem na sua casa, evitar o barulho que as crianças possam fazer à sua volta, dar uma dádiva quando a bolsa está magríssima, tudo isto exige um esforço de compreensão, uma boa vontade que fazem parte do espírito de cooperação.*

*Mas nós queremos fazer mais. Queremos compreender melhor o que é a cooperação. Queremos participar ativamente na vida das nossas cooperativas. Queremos juntar os nossos esforços aos dos pais e maridos para a realização de um mundo melhor para nós e para os nossos filhos. Para isso devemos instruir-nos. Sós, cada uma no seu canto, não o conseguiremos. É preciso que nos reunamos. É neste espírito que se tem criado e todos os dias se formam grupos de cooperadores.*

*EDUCAÇÃO – COOPERAÇÃO – AJUDA MÚTUA: são os três grandes ideais que ocupam e animam esses grupos.*

*Voltaremos a falar no assunto. Em conjunto estudaremos como se funda um grupo e como se lhe dá vida, mas desde já podemos, devemos dar um passo nesse sentido.*

*Recebemos este «Boletim», mas é o nosso marido que o lê ou então pegamos-lhe numa apressada vista de olhos e não procuramos entendê-lo. Oh! Eu sei. Temos todas as espécies de boas desculpas. O tempo voa. O trabalho, as crianças, a lida da casa absorvem-nos, sorvem o nosso tempo. Contudo, durante o dia, quantos minutos gastos, perdidos sem proveito para ninguém. Não digo mais. Vós próprias os encontrareis facilmente, e desses minutos perdidos fareis momentos produtivos e repousantes, porque vos sentastes confortavelmente e descansastes as pernas. Assim, quando retomardes as vossas ocupações, os músculos estarão repousados e sentir-vos-eis mais vivas, mais frescas.*

*Se possível, é conveniente ler o «Boletim» uma primeira vez sozinha. Com o lápis marcam-se os artigos especialmente interessantes, aqueles que se hão de voltar a ler, quer para melhor compreender o sentido, quer para trocar impressões sobre o assunto com o marido, pais, amigas ou outros cooperadores.*

*Entretanto, atenção, para que as trocas de impressões se não tornem discussões inúteis. Espero que este Bilhete dará a cada uma, e possivelmente a cada um, assunto para reflexão e abrirá caminho para uma mais estreita cooperação entre todos e todas. É o voto que faço neste belo dia de Primavera.*

*Vossa amiga,*

Pela leitura do Boletim verifica-se uma tendência, a de que, aquando da comemoração do aniversário de fundação das cooperativas, a sessão comemorativa incluísse como oradora uma mulher, vinda de outra cooperativa com quem a aniversariante tinha relações. Um exemplo:

#### **AS MULHERES ESTÃO PRESENTES**

*Por Virgínia Correia Fortunato, da Cooperativa Piedense*

*Boletim Cooperativista n°69*

*Junho de 1959*

*Companheiros Cooperadores:*

*Verificamos, com prazer, que quarenta e um anos passaram desde que foi lançada à terra a semente que germinou a Cooperativa Pragalense, realidade que dignifica não só os seus dirigentes como toda a massa associativa que a mantém.*

*Saudar, portanto, a Pragalense, nas comemorações do seu quadragésimo primeiro aniversário, não é mais do que uma manifestação espontânea do elenco feminino da Comissão Cultural da Cooperativa Piedense, por mim representado nesta sessão solene.*

*E, já que aqui estou, não quero desperdiçar a oportunidade para nestes momentos de pura alegria cooperativista e sem pretensão de dizer algo de novo, me referir, embora resumidamente, à utilíssima cooperação da mulher.*

*A mulher, duma ou doutra forma, tem participado sempre em todas as conquistas sociais.*

*Tem ombreado com o homem, suplantando-o, por vezes, nas Artes, nas Ciências e na Literatura. Apesar disso tem-se teimado, através do tempo e da história, em relegá-la para um plano secundário.*

*Mas, felizmente, nos últimos tempos, esse conceito errado tem esmorecido bastante e hoje, a mulher, ocupa na sociedade humana o lugar a que tinha direito.*

*Os preconceitos em relação às suas tarefas profissionais ou de representação são menos rígidos, sendo vulgar, nos povos cultos do mundo moderno, desempenhar muitos dos lugares que, até então, lhe eram vedados.*

*Deste modo, não se pode estranhar que a mulher haja estendido a sua ação benéfica ao Ideal puro da Cooperação.*

*Vistos os factos à luz duma razão lógica, e que todos sabem, a Cooperativa é mais da mulher do que, propriamente, do homem.*

*O Cooperativismo aspira a uma forma diferente de vida em que a participação das mulheres se torna indispensável, já como colaboradoras preciosas que são, já como associadas. Fazendo parte de atividades variadíssimas que ajudam a suavizar o pesado esforço do homem.*

*Eis, onde eu pretendia chegar, caros companheiros, com estas despreziosas palavras.*

*Muito embora, em Portugal, mal desponte a consciência do papel que a mulher pode representar na Cooperativa, apraz-nos constatar que ninguém de boa-fé, discute a sua participação nas lides cooperativistas. Há, é verdade, muita confusão, muita ideia falsa, muito conceito errado. Tudo isso é admissível num meio acanhado como o nosso onde tudo parece mal. Por isso, a própria noção, no meio cooperativo português, da utilidade das Comissões Femininas, etc..., vai progredindo muito devagar, mas, mesmo assim, isso nos regozija, porque representa progresso, e progresso, em cooperativismo, equivale a mais um passo em frente para uma vida melhor!*

*Portanto, o elenco feminino da Comissão Cultural da Sociedade Cooperativa Piedense, apela para que, homens e mulheres, numa verdadeira cruzada de cooperação, afirmem a sua fé, o seu entusiasmo e a sua energia com o objetivo de se desenvolverem, em Portugal, as atividades cooperativistas ao mais alto grau possível.*

*Resta-me endereçar à Pragalense as mais afetuosas felicitações e o ardente desejo de que nunca faleça a coragem dos seus militantes, porque o cooperativismo há de triunfar, definitivamente, para bem de todos!*

Diagnóstico lúcido da situação nacional, polvilhado por frases arrojadas num meio masculino, como a de que «a Cooperativa é mais da mulher do que, propriamente, do homem».

E, de novo, o apelo a que seja reconhecida a utilidade das comissões femininas, algo a que o Boletim voltou no quarto ano depois de iniciar a publicação de artigos sobre mulheres cooperadoras.

## **ORGANIZAÇÃO DE COMISSÕES FEMININAS**

*Boletim Cooperativista n.º 80*

*Maio de 1960*

*Recebemos algumas cartas de cooperadoras, pedindo esclarecimentos sobre a maneira prática de organizar uma Comissão Feminina.*

*Como sugestão, aqui fica um projeto de estatuto de uma comissão feminina. Compete às direções das cooperativas e às cooperadoras o discuti-lo, adotar, ampliar, ou refundir, consoante as suas condições e o meio ambiente.*

*1º - Entre as sócias, as mulheres e as filhas de sócios da Cooperativa.... Forma-se uma Comissão feminina. Tem a sua sede na Cooperativa...*

*Esta Comissão procurará manter contacto com as Comissões Femininas das outras cooperativas e constituir com elas uma Guilda Feminina.*

*2º - Os objetivos da Comissão são:*

- a) Promover os princípios e prática de cooperação entre os seus membros;*

- b) *Melhorar as condições de vida no lar, educação das mulheres como compradoras, como mães de família;*
- c) *Criar entre todos os membros laços de amizade e de ajuda mútua;*
- d) *Contribuir para uma melhoria do nível de vida através da organização de cooperativas de mão-de-obra, ou quaisquer outras modalidades: escolas infantis, restaurantes, lavandarias, etc.;*
- e) *Contribuir para o estabelecimento de uma mentalidade de fraternidade universal.*

*3º - Os membros da Comissão Feminina reúnem-se cada mês em assembleia.*

*4º - A direção da Comissão Feminina será composta por presidente, vice-presidente, secretária, tesoureira e algumas vogais. As atribuições de cada uma são as que na prática geralmente são correlativas com as ditas funções.*

*5º - A direção reúne-se pelo menos uma vez em cada mês. Prepara os assuntos a submeter à assembleia geral e toma todas as disposições para lhes assegurar uma execução eficiente.*

*6º - Os fundos da Comissão Feminina são resultantes de quotizações voluntárias, do programa de festas, excursões, venda de brochuras, ou por outros meios que a direção julgue convenientes.*

*7º - Serão excluídas da Comissão Feminina os membros que não cumprirem as suas obrigações, ou que por motivos bem justificados sejam excluídos da respetiva sociedade cooperativa.*

*Importa e urge que as Comissões Femininas se integrem na vida do agregado social, que as suas atividades sejam conexas com as necessidades e os anseios das mulheres que delas fazem parte. Há problemas que são comuns em todas as latitudes. Há os que são próprios dos aglomerados rurais, dos urbanos e fabris. Há os nossos problemas de povo português. Realizações práticas, que ajudem a resolver racionalmente os problemas de alimentação, do asseio e higiene da habitação, do mobiliário económico e prático, do nascimento e educação dos filhos.*

*Cumpra às direções das cooperativas e das Comissões Femininas o convidarem para palestras ou cursos de pequena duração, profissionais competentes – médicos, enfermeiros, assistentes sociais, etc., que de maneira acessível e adogmática esclareçam as cooperadoras sobre: O valor alimentar da carne, do peixe, das frutas, dos legumes, etc. As doenças sociais: tuberculose, sífilis, alcoolismo. A relação que existe entre o estado físico e o carácter da criança. A criança preguiçosa, colérica, insolente, apática, precoce. A relação entre o crescimento e a evolução do carácter na criança dos três aos sete anos, na puberdade; estudo das condições familiares mais favoráveis à educação dos filhos. As vantagens (fora de toda a preocupação publicitária, claro está) das máquinas no equipamento caseiro, mostrando em que medida o aparelho eléctrico liberta a atividade humana e economiza tempo e os encargos que acarreta. Clarificar as noções de crédito, as compras e as prestações e o equilíbrio do orçamento familiar. E tantos outros.*

*São os estudos práticos, o exame consciencioso de um problema, dos problemas que dia a dia se põem à dona de casa, que despertarão nas mulheres portuguesas o sentido da sua responsabilidade cívica, - que a escola lhes não deu, e que a rádio, o cinema e a televisão também são alheios – e o desejo de cada uma congregar os seus esforços com o de todas as outras para a sua emancipação e reformação da vida familiar e da comunidade nacional e humana.*

Não apenas pelos objetivos descritos como devendo guiar a atuação de uma comissão feminina, como pela clara afirmação do que é hoje um dos princípios cooperativos, o do compromisso com a comunidade, frisando a necessidade de as comissões e as cooperativas se integrarem na vida do agregado social, este artigo serve-me de ponte para um novo capítulo, que recolherá contributos já mais de inserção da mulher cooperativa na sociedade envolvente.

5 Ensaio sobre a Participação Associativa nas Cooperativas, Incoop, 2000; Universidade de Deusto, Bilbao, 2001; 2ª edição pela CASES, em [www.cases.pt](http://www.cases.pt), Atividades, Estudos e publicações, Maio 2011

6 Princípios Cooperativos, de João Salazar Leite, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012

## MULHER CIDADÃ

A luta da mulher pela participação cooperativa não deve ser separada da sua mais ampla luta pela igualdade social. Os máximos dirigentes cooperativos a nível mundial nunca o esqueceram e o Boletim ao citá-los periodicamente quis certamente fazer ver às mulheres cooperadoras, mas também aos dirigentes nacionais, que o contributo das cooperativas de consumo ia, no que à mulher diz respeito, muito para lá de as fazer boas consumidoras ou dirigentes de qualidade.

A cooperativa, através da abertura da sede a atividades diversas do fornecimento de bens de consumo, deveria contribuir localmente para o esforço nacional de atualizar a sociedade, abrindo-a às novas tendências permitidas por mais céleres meios de comunicação, de que a televisão foi o principal paradigma. Ao mundo em mudança certamente deveria corresponder a mudança do comportamento do homem e da mulher e, necessariamente, a mudança na própria cooperativa, de que o auto-serviço seria o passo inicial. E, para que essa mudança tivesse sucesso, investimentos de vulto seriam urgentes, o que face ao reduzido capital cooperativo, colocava problemas de magnitude incalculável.

Por isso, chamar os sócios à participação regular na sua sociedade, permitindo-lhes saber com o que contavam mensalmente, seria estratégia que nenhuma direção poderia esquecer. E a mulher era elemento essencial dessa estratégia, por ser a ‘consumidora fiel’.

Mas os novos horizontes abertos pela televisão ou pela disseminação do uso do automóvel e o aparecimento de eletrodomésticos cada vez mais baratos e de reduzidas dimensões, dados a conhecer por publicidade visualizável no ecrã, e não apenas imaginável a partir da audição do rádio, conduziram a mudanças de vulto na família, no lar, a mudanças nas relações de vizinhança, potenciadoras de desunião entre os sócios cooperativos que não estivessem perfeitamente conscientes dos valores e princípios cooperativos.

O início da década de 60 foi ainda socialmente importante entre nós por efeito do início da guerra colonial (a que a guerra entre blocos ideológicos e o início do processo de desmoronamento dos impérios coloniais inglês e francês não foram estranhos), com toda a carga de drama e de dureza do regime que trouxe consigo. A cooperativa ganharia uma conotação ainda mais forte de local de oposição ao sistema implantado em 1926, o que pressionava direções cooperativas e os seus porta-vozes do Boletim Cooperativista a caminharem sobre o fio, tendo de optar entre a total transparência, e a transmissão encriptada da mensagem pretendida para o objetivo de mudar a sociedade em que as cooperativas funcionavam.

Situadas sobretudo nos bairros operários, arredores citadinos ou, crescentemente, em empresas, as cooperativas sentiram de perto as tensões sociais e a atuação política vigente. Tinham de se adaptar à nova situação, mas também nas grandes cidades à concorrência de novas formas de exploração comercial ligada ao retalho.

O reforço da educação e formação cooperativa teve, por isso, de ser assumido como orientação de par com a inovação de lojas e de processos de abastecimento e escoamento dos produtos em loja. Dificilmente o dirigente poderia continuar a ser o

voluntário que passava na cooperativa ao fim do seu dia de trabalho. E, nem sempre a cooperativa possuía os fundos necessários a que ele fosse remunerado em função das novas responsabilidades que tinha.

Nova seiva era também difícil de encontrar em função das ordens de marcha dos jovens para as colónias durante os anos em que o idealismo mais ativo estaria, e o regresso das referidas paragens foi para muitos a morte desse idealismo. A construção cooperativa, o ideal cooperativo, a sua mensagem, deixou de ser escutado por aqueles que o não haviam recebido de seus pais e avós.

Há que homenagear quem nesses tempos difíceis se manteve fiel ao ideal cooperativo, fosse homem ou mulher, mas mais esta que teve de arcar com a família, com o lar, com a destruição da comunidade em que se inseria, na ausência do homem, e quantas delas não tiveram de começar ainda a trabalhar para poderem responder aos crescentes custos de vida.

Neste quadro geral, o Boletim Cooperativista mudou a agulha - e Sérgio já não estaria tão presente, sobretudo afetado que foi pela morte da sua companheira de décadas – passando a publicar artigos mais longos sobre assuntos não exclusivamente cooperativos, mas de interesse para a mulher, cujo lugar na cooperativa se anteviu e se quis que fosse mais central.

São alguns dos artigos do início da ‘era televisiva’, entre 1959 e 1970, que de seguida se reproduzem.

O primeiro é do Presidente da Aliança Cooperativa Internacional, longo, pelo que repartido por dois números, todo ele um programa de ação para a mulher.

### **AS MULHERES NA COOPERAÇÃO**

*Por Marcel Brot, Presidente da Aliança Cooperativa Internacional*

*Boletim Cooperativista n<sup>os</sup> 69 e 70*

*Junho/Julho de 1959*

*O lugar da mulher na Cooperação no plano nacional não está em discussão, embora fosse mais correto dizer o «lugar que ela deveria ocupar». Mesmo na cooperação de consumidores a sua influência não corresponde de modo algum à importância do seu papel que é essencial e está na verdadeira raiz das atividades cooperativas.*

*Esta insuficiente penetração da mulher na Cooperação é devida, em parte, à resistência de velhas tradições, mas é também devida ao facto de as mulheres não terem sido treinadas para a ação coletiva. Os esforços das mulheres cooperadoras militantes em todos os países têm sido o promover por diferentes modos a educação dos membros femininos das sociedades, a fim de que elas possam tomar parte ativa no desenvolvimento e atividades das suas Cooperativas.*

#### **O Problema**

*Mas se a mulher está a tomar interesse pela vida da cooperativa, ela deve encontrar nela uma resposta a alguns dos problemas que enfrenta como dona de casa. Isto é particularmente verdadeiro no que diz respeito à cooperação de consumidores. Por isso, antes de podermos perguntar a nós próprios que apoio podem trazer as mulheres*



*à cooperativa, deveremos perguntar que ajuda ou que serviços podemos dar às mulheres para lhes facilitar as suas responsabilidades diárias.*

*O problema levanta-se da mesma maneira no plano internacional e devemos examinar o que o desenvolvimento da cooperação pode oferecer às mulheres em todos os países. Da antiga Europa, à África, da Ásia às duas Américas a posição das mulheres varia em larga escala: as tradições sociais e religiosas, a estrutura da família, dão-lhe posições que variam da total subordinação à emancipação.*

*Tradições e preconceitos também influenciam as mulheres. Se uma elite aspira a um maior lugar na vida social e tenta educar a massa feminina a tornar-se consciente do interesse coletivo, estas militantes sabem como é difícil quebrar hábitos longamente enraizados. Ainda que a evolução industrial do último século tenha arrastado as mulheres para fora de casa, a maioria delas está ainda solenemente ligada ao círculo familiar. Isto explica porque mesmo com a concessão de direitos cívicos poucas mulheres sigam a carreira política.*

*Não há nenhum problema de separação da mulher dos deveres essenciais na vida da família. Contudo, deve-se ter esperança que em adição à própria vocação, a mulher venha a interessar-se pela comunidade em que vive, que ela venha a tomar parte na formação das leis, pelas quais a sua vida é governada, e o desenvolvimento das quais ela dirige. Numa palavra, a mulher, pondo de parte o seu complexo de inferioridade na organização social, adquire um verdadeiro espírito público.*

### *Formação do Espírito Cívico*

*Mas para criar este espírito cívico, não é suficiente apelar para ideias e princípios. Treinando-se na prática da vida coletiva, deve alargar os seus interesses muito para além do horizonte da família, do escritório ou da fábrica.*

*Esta iniciação e este treino são progressivamente oferecidos às mulheres pela prática cooperativa. Semeando a semente da cooperação em todos os continentes, entre as mais variadas raças e civilizações, chamando as mulheres a tomarem parte efetiva nas instituições que elas criam, a Aliança Cooperativa Internacional traz ao mundo feminino a mais preciosa contribuição para a verdadeira emancipação.*

*Esta contribuição não é diferente da que é oferecida aos homens que também necessitam dela, mesmo nos países mais democráticos, porque todas as gerações devem receber educação.*

*Além disso, a história recente tem-nos ensinado como fácil e rapidamente o espírito de liberdade se pode perder entre as massas. Este facto torna a educação cooperativa muito necessária para a criação do espírito cívico naqueles países que livres de toda a tutela, clamam o direito de se governarem.*

*Os povos que se estão a organizar em nações novas serão também orientados para libertar a mulher da sua condição inferior.*

*Mesmo nos países da Europa é evidente que a emancipação das mulheres tem seus limites e que há uma grande variedade na concessão dos direitos jurídicos e políticos. Não é para nós considerar se uma certa discriminação de direitos é útil para manter a unidade do círculo da família, mas não há dúvida que quando a expansão de qualquer direito da mulher se afirma, levanta-se a questão das antigas tradições e preconceitos.*

### *Influência Cooperativa*

*Tanto para homens como para mulheres a Cooperação é uma elevação moral e uma educação cuja influência pode ser sumarizada do seguinte modo:*

### *Uma elevação moral*

- pelo carácter voluntário da associação;
- pela aceitação da responsabilidade;
- por se tornar consciente de um interesse coletivo.

### *Uma educação*

- pela contribuição para o esforço comum;
- pela aplicação leal dos princípios livremente aceites;
- pelo desenvolvimento do hábito da economia que só por si pode garantir o futuro de qualquer instituição;
- pela compreensão das regras válidas, que por vezes são sacrificadas por uma vantagem imediata;
- pelo desenvolvimento da elevação individual através da elevação de todos;
- pela promoção de um senso de solidariedade estendendo-se mesmo para além do círculo cooperativo.

*Isto é o que a Cooperação Internacional oferece a todas as mulheres do mundo assim como a todos os homens. Ainda que esta iniciação e educação se encontrem em todas as formas de cooperação, elas afetam especialmente as mulheres na cooperação de consumo.*

*De facto, a cooperação atinge a mulher no meio dos seus problemas diários mais simples. Ela fala para ela na sua própria língua e pode conduzi-la a uma maior compreensão de interesses que estão intimamente ligados com os seus próprios e ajuda-a a integrar os dois.*

*É o acesso direto às mais elementares preocupações de uma dona de casa que dá à cooperação a sua força diretiva desde as ideias abstratas que podem abranger uma pequena elite mas não ter o espírito de empreendimento que é essencial na educação das massas.*

### *Tarefa duplicada*

*Esta influência sobre as mulheres não podia ser empreendida sem mulheres cooperadoras experimentadas e militantes como se tem visto pelas guildas, embora tal elite tenha uma tarefa duplicada: procurar que as mulheres cooperadoras participem tanto quanto possível nas responsabilidades, para que elas possam conhecer as dificuldades da direção e tomar parte no controle no papel de membros da Cooperativa. Então tendo experiência da realidade, elas não correrão o risco de caírem em propaganda puramente ideológica.*

*Elas empreenderão com mais sucesso a educação de outras mulheres cooperadoras, começando pelos seus interesses de ordem prática e conduzi-las à ideia do interesse coletivo que acabará por acordar nelas o sentimento da solidariedade humana.*

*Esta atividade levada a cabo por mulheres e para mulheres, no plano local ou nacional não resultará apenas no fortalecimento das instituições cooperativas, mas também espalha a sua influência. Dará a sua contribuição própria para formar a opinião pública dirigindo-a em direção à justiça e à paz.*

*Mas esta atividade educativa apenas pode ter verdadeira importância se se estender a um plano internacional. A Guilda internacional não estabelece apenas laços de amizade entre mulheres cooperadoras de todos os países; ela promove a sua atividade pelo conhecimento e comparação de métodos. Acima de tudo ela dá expressão às aspirações das mulheres unidas pelo movimento cooperativo mundial.*

*Uma das tarefas das mulheres na Cooperação Internacional é espalhar e fortalecer o espírito de paz. É também uma tarefa muito delicada porque, no passado, a única ajuda aparente de algumas campanhas pacifistas foi a de despertar a opinião pública em certas nações.*

### *Fundamentos realistas*

*O nosso trabalho de paz deve por conseguinte brotar dos verdadeiros princípios de ação cooperativa. Ele deve averiguar quais são as verdadeiras causas dos conflitos internacionais. A Aliança Cooperativa Internacional tem-se dedicado a esta tarefa pela proposta de soluções justas. Tem também definido as condições essenciais para a compreensão e acordo entre os povos, a circulação livre de mercadorias, homens e ideais.*

*As mulheres cooperadoras podem, por conseguinte, estabelecer a sua propaganda de paz em bases sólidas e realistas.*

*A verdadeira essência da ação cooperativa é a aplicação dos princípios na realidade. O perigo é que as cooperadoras se julguem por um lado idealistas e por outro realistas, um divórcio que apenas pode conduzir a um fracasso certo.*

*O resultado seria o mesmo pelo que toca à ação das mulheres cooperadoras que apenas pode ser efetiva se a sua origem e força forem na realidade de cooperação prática.*

*A atividade das cooperadoras deverá ser efetiva e o seu incentivo partir da prática da verdadeira Cooperação.*

O artigo mostra à mulher portuguesa que a sua luta é comum com a da mulher em outros países, e que a emancipação feminina parte de uma mesma base, retrógrada, assente em tradições enquistadas e preconceitos de várias ordens.

Aborda ainda temática inédita ao Boletim, a da participação política da mulher como corolário da sua crescente formação cívica, aquilo a que apelidou de aquisição de verdadeiro 'espírito público'. A formação cívica, se bem conduzida, deveria permitir à mulher distinguir a filosofia cooperativa e sua implantação na prática, da ideologia de base puramente política e sua propaganda.

Duas chamadas de atenção mais:

- uma primeira para colocar o problema da participação da mulher como que numa ótica invertida. Diz o autor algo que nos deve ainda hoje fazer pensar. Devemos esperar que as mulheres nos batam à porta oferecendo o seu apoio, ou deveremos ser nós a dar-lhes ajuda e fornecer-lhes os serviços que lhes permitam resolver os seus problemas diários? A porta está aberta para a adesão, mas responde-se ao toque de campanha ou publicita-se a abertura e o que está lá dentro?

- uma segunda para o papel feminino enquanto fadoras da paz. A tensão entre os dois grandes blocos ideológicos existentes teve, claro, repercussões dentro da organização mundial das cooperativas. Um dos 7 princípios de Paris, 1937, era o da neutralidade política e religiosa, algo que foi confundido como não devendo ter as cooperativas orientação política, nem pertencer a qualquer igreja. Na verdade, o que se quis dizer foi que dentro da ACI, como condição de adesão à organização, a política ou a religião não seria um critério que impedisse ou condicionasse a adesão. O princípio já não surgiria na formulação de Viena em 1966, e com a queda do muro de Berlim a ACI deixou de em todos os Congressos e, agora nas Assembleias gerais, aprovar um relatório sobre a paz, que por curiosidade era sempre da autoria dos russos, e nos últimos tempos dos israelitas,

depois que os russos desistiram de os impor!!! Para Brot, a paz adviria da prática cooperativa, e nela a mulher encontraria um papel de fácil desempenho.

No número seguinte, regressou o Boletim à temática da presença feminina nas direções das cooperativas. Para tal trouxe um exemplo do que em Itália era feito. Não a formação de elites, mas a tentativa de criação de uma ‘vaga de fundo’ de mulheres, educadas na cooperação e preparadas para perceber a atividade desenvolvida pela cooperativa e o que ela implicava.

A preparação passava pela discussão a nível regional dos problemas, permitindo o conhecimento recíproco entre pessoas e a verificação se idênticos problemas poderiam obter soluções partilhadas e, como tal, mais sólidas. Do regional passar-se-ia para o nacional, em suma, a federação por etapas e o papel nela do lobby feminino transformado em motor da cooperação de futuro.

E termina-se com a informação de que a Guilda internacional feminina se prepara para discutir a mulher ‘na mudança do mundo’, isto é, pelo menos a nível cooperativo o seu papel no teatro do mundo já era reconhecido.

### **TREINANDO MULHERES PARA DIRIGENTES**

*Por Giglia Tedesco, Presidente da Comissão Nacional das Cooperativas Italianas*

*Boletim Cooperativista, nº 71*

*Agosto de 1959*

*O movimento cooperativo oferece às mulheres a oportunidade de pôr a sua perícia e experiência como donas de casa ao serviço das associadas e assim constatarem as suas possibilidades, tornarem-se conscientes dos seus direitos e do seu lugar na sociedade. Podem contribuir para o desenvolvimento do mundo cooperativo e podem transmitir o seu senso inato de solidariedade em larga escala.*

*Desde que estejamos convencidas disto, o nosso principal objetivo ao iniciarmos um movimento cooperativo feminino é interessar a maioria das mulheres e não propriamente formar uma elite. Deste modo as mulheres podem dar uma contribuição valiosa e trazer para a cooperativa novos meios de contacto com o povo (...)*

### **ATIVIDADES BEM SUCEDIDAS**

*Certas formas de atividade que têm sido bem sucedidas e têm sido adotadas por todas as sociedades têm permitido a participação de milhares de donas de casa na vida cooperativa. Eis algumas:*

*- Encontros entre os cooperadores organizados por convites especiais distribuídos aos consumidores no estabelecimento cooperativo. A direção da cooperativa toma parte nestes encontros em que são discutidos a administração dos estabelecimentos, as necessidades diárias e tentar pôr em prática as críticas e propostas feitas pelas donas de casa.*

*- Encontros tendentes a realizar projetos locais, desenvolvimento de publicidade cooperativa, recrutamento de novos associados.*

*- Inquéritos entre as donas de casa, através de questionários especiais, distribuídos nas lojas ou entregues em suas casas. Muitas cooperativas mantêm tais inquéritos às donas de casa, com o fim de as donas de casa expressarem as suas opiniões e darem sugestões,*

*quer em relação aos artigos de consumo, quer em relação a todas as atividades da sociedade cooperativa.*

*Deste modo as direções ficam sabedoras do que as mulheres querem, quer em relação ao aspeto comercial, quer em relação aos serviços educativos e consultivos.*

*O método tem também a vantagem de preparar mulheres capazes de serem eleitas como dirigentes. Há dez anos muito poucas mulheres tomavam parte nas assembleias, mas através da experiência ganha em pequenas comissões e em encontros de donas de casa adquiriram grande habilidade e experiência. Como resultante mais de mil mulheres têm sido eleitas para membros de conselhos de administração, e em dez cooperativas, algumas de considerável importância, os associados mostraram a sua confiança nas mulheres, elegendo uma mulher como presidente.*

*Como parte de um programa para fomentar o treino das mulheres cooperadoras e ajudá-las a planear e levar a cabo os planos de ação especificamente femininos estamos a organizar encontros provinciais de cooperadoras dirigentes.*

*A estes seguir-se-ão encontros à escala nacional. Estamos ansiosas por lhes dar larga publicidade, não apenas dentro do movimento, mas também entre o público em geral, a fim de tornar as nossas atividades presentes e futuras mais largamente conhecidas (...)*

## **EMANCIPAÇÃO**

*A participação das mulheres no movimento cooperativo italiano tem feito muito para encorajar o espírito de progresso, estender o campo dos serviços oferecidos pelas sociedades para a satisfação das necessidades das associadas. Cursos que se organizam ao fim da tarde, escolas de enfermagem, campos de férias, etc. (...) O movimento está espalhando a ideia da cooperação como sistema económico e social, aliviando as mulheres no trabalho doméstico e ajudando-as a tornarem-se uma força produtiva na sociedade. As mulheres italianas estão cada vez mais ansiosas por trabalharem fora de casa para aumentarem o seu nível de vida. E nós no movimento cooperativo estamos fazendo tudo quanto podemos para as estimular e ajudar. Por esta razão no próximo congresso da Guilda Cooperativa Internacional Feminina, discutir-se-á: « As mulheres cooperadoras e a mudança do mundo». Será para nós uma grande ajuda e incentivo na promoção da emancipação das mulheres através da cooperação.*

Um dos projetos da entourage de António Sérgio paralelo ao do Boletim foi a da publicação de um livro doutrinal e divulgador dos diferentes tipos de cooperativas existentes em Portugal e das suas necessidades especiais. Chamou-se 'Cooperativismo – Objetivos e Modalidades' e teve partes reproduzidas durante meses em diferentes números do Boletim. Sendo Lúcia Nobre uma das colaboradoras deste e autora incluída naquela obra coletiva, não se estranhará que sobre a mulher e as cooperativas nos fosse dado um excerto da sua escrita, que se verificará ser como que um resumo de ideias e textos já anteriormente reproduzidos, acrescidas de referências à obra de Fauquet, o que demonstra que Sérgio a conhecia e discutiu com os seus discípulos. A estratégia da Comissão coordenadora do Boletim de 'martelar' em números sucessivos a mesma ideia e mensagem, não exclusivamente no que à mulher disse respeito, tinha obviamente um fim pensado e aceite por todos.

## **AS MULHERES E O COOPERATIVISMO**

*Por Lúcia Nobre*

*Boletim Cooperativista, nº 72*

Setembro de 1959

(extrato de «O Cooperativismo – Objetivos e Modalidades»)

*Educar cooperadoras ativas, diligentes e responsáveis, significa acima de tudo educar bons cidadãos.*  
Fauquet

*Desde as últimas décadas do século XIX e mormente neste século XX, que através do Mundo, as mulheres progressivamente têm conquistado a categoria de cidadãos, uma situação jurídica e política quase em pé de igualdade com os homens. O direito de voto é-lhes geralmente reconhecido. São eleitoras: podem ser eleitas. Mas da importância real que têm na vida da Nação a maior parte tem uma noção muito vaga. Por falta de esclarecimento, de educação cívica, a maioria das mulheres não faz relação entre as suas atividades de mãe de família, de dona de casa, de operária, de empregada e a vida do Estado, não tem consciência da influência determinante que exerce na sociedade como educadora dos filhos, profissional dos mais variados mesteres.*

*O interessar as mulheres pelo cooperativismo tem como objetivo levá-las a ter consciência de si, do seu lugar na comunidade; a consciencializar o que é a solidariedade e a cooperação.*

*A livre e lúcida participação das mulheres no cooperativismo é condição necessária para a sua autenticidade, para a sua plena realização democrática.*

*É um facto que os cooperativistas se têm mostrado demasiado conservadores no que respeita à cooperação ativa das mulheres. Por inconsciência, por apatia, têm aceitado sem reacção as tradições, os preconceitos estabelecidos. Mas esta contradição entre os cooperadores e o cooperativismo implica uma contradição permanente nas sociedades cooperativas. É a mulher que faz as compras, que passa um bom número de horas da sua vida nos estabelecimentos, que são os seus estabelecimentos, que escolhe os géneros alimentares e outros que no lar são consumidos, mas é o homem que na assembleia geral discute e vota. (V. «La femme et la coopération de Ch-H-Barbier, Bâle, s/data)*

*É igualmente um facto, que agrupamentos de cooperadoras se têm organizado, estruturado e que em alguns países exercem uma autêntica ação social e educativa. Dirigentes cooperativistas de reputação internacional como Marcel Brot, Ch-H-Barbier, Fauquet e outros têm pugnado para que esta contradição no movimento cooperativo seja ultrapassada. «A Cooperação é a esperança da humanidade e vós, cooperadoras, sois a esperança da Cooperação» expressa o interesse e a confiança que Marcel Brot tem na colaboração feminina para a prática de uma autêntica Cooperação.*

*«As cooperativas profissionais, agrícolas, artesanais e operárias, interessam o lar e dizem respeito tanto à mulher como ao homem, porque o homem como a mulher trabalham fora de casa ou para fora. A mulher é tão interessada como o homem nas cooperativas de habitação. Mas são certamente as cooperativas de consumo que tocam mais de perto e de maneira mais contínua a atividade de dona de casa da mulher». (Regards sur le Mouvement Coopératif», de G.Fauquet. Bâle, 1949).*

*O objetivo de todos os agrupamentos de mulheres cooperadoras que têm tomado designações várias em diferentes países – que em Portugal se designam por Comissões Femininas, é comum.*

*Promover a educação e propaganda cooperativa entre as mulheres, a fim de que elas tomem parte ativa na organização cooperativa, quer como compradoras fiéis e conscientes, quer como participantes nas responsabilidades diretas das sociedades locais ou das organizações nacionais e supranacionais.*

*- Educação e propaganda cooperativa entre as mulheres significa dar-lhes a conhecer teórica e praticamente os princípios – o ajuda-te a ti próprio e a ajuda mútua – em que se baseia a cooperação, as vantagens materiais que oferece a cooperativa como organização económica não lucrativista: o preço justo, a medida exata, a boa qualidade das mercadorias, o bônus, as obras sociais: a assistência médica, serviços de enfermagem, colónias de férias, etc.*

*- Tomar parte ativa na organização cooperativa que é democrática, significa: Participar em plenitude de direitos e deveres. Ultrapassar a situação de menoridade ou incapacidade e ser considerada em pé de igualdade com o homem, participando na vida cooperativa com o seu poder de compra, ideias, experiência, entusiasmo.*

A abertura ao que acontecia, ou era produzido em termos teóricos no estrangeiro, era sinal de que a equipa do Boletim assinava publicações periódicas diversas e seguia o que acontecia anualmente na ACI ou em conferências realizadas. Um exemplo:

*Deveres do Movimento Cooperativo para com as mulheres  
Boletim Cooperativista nº 87  
Dezembro de 1960*

*O 21º Congresso da Aliança Cooperativa Internacional (Lausanne, 10 a 13 de Outubro) considerou que num mundo em rápida evolução, o movimento cooperativo é chamado a trabalhar de um modo progressivamente mais eficaz, para que pelos meios, métodos e atividades realizadas se consiga a elevação da mulher, a fim de que as profundas mudanças, económicas e sociais em curso, influam favoravelmente na posição da mulher no lar, na família, na sociedade.*

*São hoje universalmente admitidos: por um lado a contribuição considerável que a cooperação é capaz de proporcionar à educação da mulher, quer como mãe, dona de casa e cidadã, e por outro lado o papel da mulher como cooperadora para garantir no seio das sociedades cooperativas o controle democrático e o desenvolvimento das relações entre elas e os consumidores em vista a um progresso constante do movimento cooperativo.*

*O Congresso:*

*Afirma que as formas pelas quais a cooperação pode intervir em favor da mulher são múltiplas e afetam todos os domínios da atividade cooperativa. Os elementos essenciais da política cooperativa, que deve cada vez mais satisfazer as atuais exigências da mulher no lar, no trabalho, na sociedade, são a defesa do orçamento familiar, a educação, a informação e a defesa do consumidor, os serviços sociais, visando a ajudar a dona de casa, na moderna organização da vida doméstica, na qualificação profissional, na valorização do trabalho feminino quer na agricultura, quer em todas as formas de produção artesanal.*

*Recomenda às organizações nacionais filiadas o colaborarem estreitamente com todas as organizações femininas com o objetivo de favorecer a formação de militantes e o seu acesso aos postos de responsabilidade em todos os níveis da organização cooperativa. É assim que a cooperação exprimirá a realidade das «suas forças vivas» contribuindo largamente para a formação de um mundo em que reine o progresso e a justiça social. É assim, que a cooperação reagrupará novas forças para o estabelecimento da paz, condição indispensável do seu desenvolvimento e fim último de toda a ação cooperativa.*

A partir de finais de 1960, o Boletim, mesmo continuando a publicar uma Página da Cooperadora, então já com mais de 30 edições, já não a ocupava na totalidade com assuntos femininos. Publicava artigos sobre jovens, sobre problemáticas mais gerais sobretudo sociais, culturais e educativas, poemas, até sobre o bacalhau, e fornecia espaço à conclusão de artigos iniciados noutras páginas.

A numeração da Página da Cooperadora desapareceria, aliás, a partir do nº 111, em 1963, e a dita Página viria mesmo a desaparecer pela primeira vez no nº 127, em 1964, reaparecendo e desaparecendo a partir de então e até ao nº 180.

Nos nºs dos anos adiantados da década de 60 vamos encontrar temáticas tão diversas como ‘Os truques do tricô’, o ‘Equilíbrio alimentar’, a ‘Natureza da mulher’ (escrito por Maria Lamas) ou a ‘Varredora municipal’.

Mais espaçadamente, porém, continuámos a encontrar artigos que integravam o objetivo inicial traçado, a participação da mulher nas cooperativas, acrescido da sua emancipação enquanto cidadã e igual.

Eis um primeiro artigo reproduzindo parte da conferência de Luísa Raposo Ribeiro na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal.

### **A AÇÃO DA MULHER NO COOPERATIVISMO**

*Por Luísa M. Simões Raposo Ribeiro*

*Boletim Cooperativista nº 89*

*Fevereiro de 1961*

.....

*Embora desde o fim do século XIX se verifique a emancipação progressiva da mulher, a verdade é que em alguns países, nomeadamente no nosso, a mulher ainda de uma maneira geral não atingiu mentalmente a maturidade necessária para poder com consciência e acertadamente, desempenhar o seu verdadeiro papel de mãe de família e de ser social.*

*E isto, precisamente porque por um lado a sua Educação é deficiente, e por outro há uma discordância quase genérica entre a teoria do homem que defende a posição de emancipação da mulher e a sua atitude prática ainda cheia de preconceitos e de falsas noções.*

*Ainda, muitos dos homens que defendem a emancipação da mulher, quando casam procuram e apreciam mais uma esposa que lhes trate apenas das coisas materiais e que seja o que tradicionalmente é aceite como boa dona de casa, do que uma companheira e colaboradora ativa dos seus ideais.*

*A mulher, por seu lado, a maior parte das vezes por falta de adequada educação ou por comodismo, também prefere manter-se apenas nesse papel secundário, embora necessário, mas não suficiente, e desaparece e apaga-se no meio social e, mesmo perante os filhos, passa a ter unicamente um valor afetivo que, quando mal orientado ou exagerado, só por si, se pode tornar até prejudicial.*

*Junto do marido, além de colaboradora e companheira ativa, deve a mulher exercer o papel de moderadora sempre que o entusiasmo excessivo ou irreflexão arraste o marido, e de incitamento sempre que surja o desânimo ou a apatia e comodismo.*

*Toda a mulher que defende os princípios cooperativistas tem de exercê-los ativamente como educadora, como esposa, como consumidora e como ser social.*



*Como educadora deve procurar adquirir as bases necessárias para saber orientar os seus filhos nos princípios que defende, manter-se-lhes ela própria sempre fiel e procurar contribuir para a formação de escolas cooperativas em que os seus filhos possam ser educados.*

*Como esposa, deve incitar o marido a alargar o âmbito do ideal cooperativista, a dedicar-lhe todo o tempo que possam, sem nunca os desviar das suas tarefas nas cooperativas sob pretextos fúteis.*

*Como consumidora deve fazer todas as suas compras nas cooperativas e dar sugestões que lhe pareçam convenientes para o seu progresso.*

*Como ser social deve dar todo o seu esforço ao movimento cooperativo não só como educadora e estimulante do marido, mas como obreira ativa.*

Certamente que o 'ataque' ao homem enquanto defensor da emancipação feminina na teoria, mas nem sempre na prática, teria uma base de verdade. Seria generalizável dentro do movimento cooperativo?

Pelo menos alguns cooperadores homens viram a sua visão publicada no Boletim. Se a desenvolviam na prática não o poderemos a esta distância confirmar. Mas o artigo denuncia uma situação que, em 1963, já se esperaria que não existisse, a da não autorização do voto feminino numa cooperativa não identificada.

## **A MULHER E O COOPERATIVISMO**

*Por Guerreiro Júnior*

*Boletim Cooperativista nº 116/117*

*Junho/Julho de 1963*

*Tem o cooperativismo especial interesse em se mostrar sensível às elevadas virtudes da mulher, atraindo-a irresistivelmente, para o que deverá pôr em evidência os largos recursos de que dispõe para esse fim.*

*A fina e subtil sensibilidade feminina, a sua humaníssima formação afetiva, a espontaneidade das suas constantes reações face às cruezas e injustiças da vida e, particularmente ainda, a situação destacada que ocupa na orientação da economia do lar, obriga-nos a ver na mulher o complemento harmonioso e indispensável dum verdadeiro cooperativismo seja no aspeto económico, seja no moral ou espiritual.*

*Sugeriu-me este tema, um triste facto há dias verificado na nossa Sede quando duma assembleia convocada pela Unicoope com a representação de diversas cooperativas.*

*Antes do início dos trabalhos, e enquanto esperávamos os colegas mais atrasados, trocaram-se diversas impressões, quase todas girando, claro, à volta do movimento cooperativo.*

*O nosso presidente da assembleia geral, deu algumas explicações sobre o embelezamento das nossas salas, pondo em destaque também novos aspetos observados na nossa massa associativa, particularmente na parte referente à participação do elemento feminino nas assembleias gerais.*

*E concretizando um pouco mais esta parte, acrescentou que a participação das nossas associadas é já ativa, pois se não limitava a assistir comodamente, mas sim votando as determinações ali tratadas.*

*De todos os lados, ouviram-se palavras de apreço e simpatia, como é óbvio, e assim ficaríamos se alguém, entre os presentes, com a voz mais natural deste mundo, não tivesse afirmado que na sua cooperativa a mulher não tem direito a voto.*

*Houve um movimento de geral admiração e dúvida; e o autor destas linhas, pensando ter ouvido mal, interpelou diretamente aquele colega, que de novo fez a mesma e infeliz afirmação.*

*Não havia dúvidas. De entre as cooperativas ali representadas, um delas negava o direito de voto à mulher, sua associada.*

*Observei, vivamente, que tal atitude, violando abusivamente a ética cooperativa naquilo que ela tem de mais nobre e elevado, nos deixava a todos consternados.*

*Como é possível dirigir uma cooperativa, trabalhar afincadamente para ela, sacrificando para tanto muitas e preciosas horas da nossa vida, estruturá-la de alto a baixo em secções esplendidamente montadas, dar-lhe vida ativa e contínua num crescendo de benefícios para os seus associados, fazê-la prosperar, enfim, como no caso presente, e constatar-se paralelamente a existência de tais anormalidades.*

*Tanto amor e dedicação requerem não só trabalho árduo e elevado espírito de sacrifício da parte de muitos, como também perfeita consciência cooperativista, sem a qual o ânimo amolece e a ação dispersa-se pouco a pouco.*

*Observando melhor estes fenómenos, bem tristes, não podemos deixar de reconhecer que a verdadeira causa deverá residir na falta de uma consciente e apta Comissão Cultural dentro destas coletividades.*

*De entre as muitas e importantes atribuições duma Comissão Cultural, uma há que sobreleva todas as outras: a de velar ciosamente pela realização integral do ideal cooperativista dentro da sua instituição, levando para isso o esclarecimento a todos os seus associados e batendo-se sem desfalecimentos contra a existência desta e outras enfermidades que tantos males nos causam.*

*Se ali houvesse uma Comissão Cultural verdadeiramente responsável e esclarecida há muito teria sido estripado o mal apontado, não tenhamos dúvidas.*

*Não podem prevalecer argumentos mesmo os mais habilidosos, que justifiquem a existência, dentro do nosso Grande Movimento, de práticas de há muito unanimemente condenadas pela consciência dos povos mais civilizados da terra.*

*Feliz me consideraria se de qualquer modo estas singelas observações contribuíssem, decisivamente, para o esboramento total dessa vergonhosa prescrição, que a ninguém honra e a todos, sem exceção, vexa.*

Porque razão surgiu o próximo artigo reproduzido, necessariamente a contracorrente, nada nos é dito. Honora Enfield foi a primeira secretária, em 1921, da Guilda Internacional das Mulheres Cooperadoras. Seria difícil que fosse viva 40 anos depois, pelo que o artigo terá sido escrito no tempo em que a 'cesta de compras' era a imagem de marca da participação feminina. Só vemos uma explicação, ou melhor uma coincidência temporal. Nesse ano de 1963 foi extinta a Guilda Internacional por incorporação na Aliança Cooperativa Internacional.

## **A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO MOVIMENTO COOPERATIVO**

*Por R. Honora Enfield*

*Boletim Cooperativista nº 120*

*Outubro de 1963*

*Mulher consumidora: o Movimento Cooperativo de Consumo é uma grande democracia na qual os consumidores são, ao mesmo tempo, seus próprios fornecedores. Resulta essa simultaneidade em benefício do indivíduo e, no geral, em proveito e bom serviço para a coletividade.*

*Confundem-se compradores, vendedores e consumidores no cooperativismo; procuram, naturalmente, abastecer com muito zelo e cuidado suas lojas e armazéns, ao passo que controlam a marcha das operações, mesmo quando se trata de Bancos Cooperativos, etc., em suma, de tudo quanto se relacionar com o Movimento e dele depender.*

*Esclarecemos então: Quem são esses consumidores? Na realidade todos – homens, mulheres e crianças; todos os que necessitam e consomem alimentos, vestuários, calçados, etc. São consumidores todos aqueles que consomem as diversas espécies de mercadorias distribuídas pela cooperativa e na qual o cooperador se sente como em seu próprio lar.*

*Entretanto, não é, realmente, o homem, embora chefe de família, o consumidor típico, isto é, o comprador, pois, em regra, quem faz as compras é a mulher, a dona de casa, a mãe. É a ela que compete, em todas as partes, manejar o orçamento familiar, adquirindo os géneros e as demais utilidades nas mercearias, mercados, lojas ou onde melhor lhe aprouver. Às cooperadoras lhes parece mais sensato e económico o proverem-se em sua cooperativa.*

*Não é esse o panorama de um país apenas: é o mesmo em todas as partes, quer se trate de grandes e prósperas cidades da América, Inglaterra, Alemanha, ou de qualquer outro lugar do mundo, mesmo em países isolados como a Rússia, Hungria ou Polónia, como em quaisquer outros centros civilizados. Onde quer que se organize e estabeleça uma cooperativa, a presença da mulher se fará pelo menos nas compras.*

*Sem a compreensão e o devotamento da mulher, o Movimento Cooperativo deixaria de existir; seria nula a ação dos homens ao fundarem as suas sociedades.*

*Dia após dia, semana após semana, milhões de mulheres afluem aos balcões das cooperativas e, devido a essa fidelidade, uma pequenina e humilde cooperativa de um obscuro povoado da Inglaterra pôde transformar-se neste portentoso Movimento Cooperativo que, hoje, abastece de quase tudo de que necessitam mais de trezentos milhões de cooperadores.*

*E, desta forma, detêm mãos femininas a sorte das Cooperativas. É o poder da cesta de compras. Porque nessa cesta, onde guardam as donas de casa os géneros e artigos necessários ao consumo dos seus lares, está o poder que se reservam; é esse seu poder que pode transformar toda a empresa cooperativa. Temos, assim, que observá-lo e atendê-lo como a esses importantes avisos que, em placas inscritas, colocadas à margem das estradas de ferro ou das rodovias, nos previnem contra possíveis perigos, e aos quais devemos respeitar para a nossa própria segurança e a de nossos semelhantes.*

*Dizemos comumente que os ricos o são pelo trabalho dos operários, mas nos esquecemos de que a prosperidade poderá ser alcançada e aumentada também pela economia nas compras a que somos forçados a fazer todos os dias, e que esse dinheiro afluí, sempre e sempre, das bolsas dos compradores para as caixas dos comerciantes capitalistas.*

Até final do período de que este capítulo se ocupa, os artigos assinados apenas o são por homens. O primeiro parece ser um texto que, outra explicação possível para a recuperação do anterior de Enfield, se encontrava algures numa gaveta da equipa do Boletim. Digo-o por se referir a um Congresso velho de anos, do tempo da cesta de compras uma vez mais.

## **A MULHER E A COOPERAÇÃO**

*Por Roger Dechamps*

*Boletim Cooperativista n° 132*

*Outubro de 1964*

*O movimento cooperativo é um movimento popular e como tal, sua vitalidade e seu dinamismo dependem muito da fidelidade dos seus associados e da dedicação aos princípios que os animam. Por trás das empresas há uma multidão de homens e de mulheres, cuja associação livre e voluntária visa não somente a satisfazer necessidades económicas comuns, como também, e sobretudo, a modelar um outro mundo, um mundo justo e fraternal. É por esta razão que os cooperadores não somente são forças de compra; são essencialmente forças vivas de uma sociedade em plena evolução.*

*No seio da grande família cooperativa, a mulher, em sua tríplice qualidade de dona de casa, de mãe e de cidadã, já representa e representará mais ainda no futuro, um papel considerável, um papel à altura mesmo da tarefa imensa que a cooperação tem empreendido para que as nações e os povos vivam em boa vizinhança.*

*A imagem da mulher com um cesto, por antiquada que possa parecer aos olhos dos outros, permanece, entretanto, como o símbolo mesmo da participação feminina na luta incessante que a cooperação mantém para transformar radicalmente os fundamentos económicos e sociais do mundo capitalista.*

*A mulher do cesto não é apenas a dona de casa consciente das possibilidades que lhe oferece a cooperação de valorizar ao máximo o poder de compra do salário de seu marido; é também a cooperadora pacificamente, mas resolutamente empenhada na maior revolução económica e social que há. E quando esta cooperadora transplanta para o seio mesmo do seu lar, os princípios a que aderiu como consumidora, ela presta aos seus em primeiro lugar, e em seguida à causa cooperativa o maior dos serviços.*

*A colocação de novas estruturas pode engendrar uma sociedade nova; esta sociedade corre forte risco, no entanto, de não ser senão um corpo sem alma se ela não engendra homens novos que devam assegurar o seu funcionamento. Como grande e fecunda pode ser, a este respeito, a missão da mãe preparando, com conhecimento de causa, seus filhos para a vida cooperativa no sentido mais amplo.*

*É por isso que, na véspera do 23º Congresso da Liga Nacional das Cooperadoras, de que se fala, agrada-nos render homenagem ao trabalho insano das nossas guildenses que, desde tantos anos, contribuem para a propagação dos ideais cooperativos nos meios femininos.*

*Seu trabalho completa magnificamente a obra dos cooperadores. Cada um dos seus sucessos é um marco a mais na estrada árdua, mas exaltante, que conduz ao desabrochamento final da cooperação. Que nos seja então permitido felicitá-las por tudo que elas têm realizado até aqui, e encorajá-las para perseverar, pois que é desta união de todas as mulheres e de todos os homens de boa vontade, que são as cooperadoras e os cooperadores, que dependem, em última análise, o bem-estar e a paz em um mundo melhor e mais justo.*

Já em 1966 surge-nos um artigo de autoria duvidosa. Está assinado por F.C. Não o incluímos no livro escrito sobre os contributos de Ferreira da Costa para o Boletim precisamente porque não me parece ser o seu tipo de prosa. Por essa altura, porém, Ferreira da Costa andava a fazer o levantamento cooperativo nas zonas de Lisboa e Porto, pelo que um artigo sobre números poderia ser seu. Mas porque não a autoria caber a Faustino Cordeiro, que viria a ser o diretor do Boletim escolhido pela Unicoope quando, após chamada pela PIDE, foi imposto ao Boletim na década de 70 a escolha de um sucessor para António Sérgio, que falecera em Janeiro de 1969. Cordeiro já acompanharia o Boletim há algum tempo quando passou a ser responsável pela sua edição, a partir do nº 171. O artigo retrata sobretudo a situação do cooperativismo de consumo, a quase

totalidade da filiação na Unicoope (há notícia de haver entre os membros pelo menos uma cooperativa agrícola).

### ***O QUE OS NÚMEROS DISSERAM***

*Ausência de mulheres nos quadros dirigentes*

*Por F. C.*

*Boletim Cooperativista nº 154/155*

*Agosto/Setembro de 1966*

*Um aspeto dos mais conflagradores do nosso Movimento é a falta do interesse feminino pela atividade cooperativa. Bem se sabe que tal facto é uma consequência de circunstâncias não só internas mas principalmente externas: a condição da mulher portuguesa devido a hábito e tradições centenárias, continua sendo a de um ser inferior cujos direitos dificilmente são aceites. Certas normas legislativas, que diferenciam a mulher do homem e que, infelizmente, ainda não foi possível remover totalmente consubstanciam assim um facto da sociedade portuguesa; a inferioridade social da mulher.*

*Deste modo, o que se passa no Movimento Cooperativo português não foge à regra geral. Mas o que tem de lamentável no nosso caso é que o Cooperativismo é um movimento de promoção social e as ações dos cooperadores têm de ser exemplares. E o que acontece? À parte as sessões solenes, ou espetáculos organizados na Cooperativa, o associado ou o dirigente não procura interessar os elementos femininos do seu lar. Exige à esposa que vá aos estabelecimentos da cooperação, mas nada faz para a interessar pela sua atividade.*

*Há uma reunião da Assembleia Geral da Cooperativa? «Aquilo é só para homens!» e mesmo que a esposa ou filha mostre algum interesse pelo assunto o cooperador(?) não está para fazer tal convite: «parece mal!».*

*E afinal o contraditório da questão é que em certos aspetos a mais interessada na atividade da cooperativa é a mulher. É ela a quem está entregue na esmagadora maioria dos casos o equilíbrio financeiro do lar; é ela que adquire todos os artigos alimentares, uma grande parte dos artigos correntes do vestuário, etc. A expressão portuguesa «dona de casa» exprime um facto evidente: a mulher tem um papel primordial na gestão financeira da empresa familiar – perdoem-nos esta liberdade de terminologia – e é estranho que um movimento como o nosso, só marginalmente interesse a mulher.*

*Que é possível fazer?*

*Para já, o exemplo tem de partir de cima: os dirigentes não podem deixar de mostrar que são esclarecidos: sempre que seja possível, os elementos femininos da sua família devem estar presentes.*

*Mas, mais: há que fazer interessar imediatamente na vida da cooperativa a dona de casa que entra no estabelecimento cooperativo através de inquéritos escritos ou orais muito simples mas que dão indicações preciosas. Para isso o pessoal deve ser instruído no sentido de colaborar nesses inquéritos esclarecendo dúvidas e auxiliando as senhoras a compreender o interesse que têm as suas respostas para os dirigentes.*

*É também necessário constituir com as poucas senhoras que estiverem dispostas a tal – e de início é sempre difícil – uma pequena comissão consultiva exclusivamente dedicada a ser ouvida acerca da qualidade, das faltas, da higiene do estabelecimento, etc.*

*A criação de comissões culturais é também um primeiro passo. Há que procurar jovens dos dois sexos e dar-lhes possibilidade de tomarem algumas iniciativas: exposições*

*fotográficas, bibliográficas, concursos literários, colóquios sobre problemas seus, etc. Não se diga que é impossível sem tentar.*

*A afirmação da impossibilidade disfarça, quase sempre, o espírito imobilista de muitos dirigentes, e até a incompreensão pela juventude, que eles não querem tomar a sério.*

*Vamos ter a coragem de reconhecer isto: Não há massas associativas indiferentes, difíceis, que não colaboram; não há jovens «que só pensam na bola e twist», há é sim muito imobilismo, muito derrotismo, muito saudosismo decadente, entre os nossos dirigentes.*

*Porque será que algumas cooperativas têm uma comissão cultural e outras não têm? A resposta é simples: no primeiro caso, um ou dois elementos verificaram o facto de não existir nenhuma atividade cultural, lamentaram-no e imediatamente se atiraram de frente ao problema: procurar elementos e realizar qualquer que chame a atenção de outros elementos interessados (que sempre os há!); no segundo caso os elementos que verificaram o facto, lamentaram-no e .... Continuam a lamentá-lo, de vez em quando, mas não «mexeram uma palha» para alterarem tal estado de coisas. Se são dirigentes, muitas vezes, a primeira coisa que fazem é desanimar os jovens contando-lhe as dificuldades, os falhanços, enfim!... o «muro de lamentações», habitual; se são associados, estar de fora, criticar o trabalho alheio, é mais fácil....*

*Pois bem, há que mudar tal estado de coisas! Vamos a isso senhores dirigentes e cooperadores que por acaso lerem este comentário e estão de acordo conosco. Cooperar é obra de todos: homens e mulheres. E à mulher, elemento fundamental da família, cabe um papel tão importante como o do homem no Movimento Cooperativo: temos de fazer tudo para a interessar, temos de vencer, principalmente, os nossos próprios preconceitos e concorrer para mudar uma situação social francamente injusta.*

Os números não chegam a surgir no artigo, pelo que se não pode garantir que as mulheres estivessem totalmente ausentes dos quadros dirigentes. Poucas neles estariam, certamente, e o Boletim procurava alterar tal estado de coisas, como se disse já com intermitências e desvios ao propósito inicial.

É neste contexto que vemos publicado um artigo de balanço da Página da Cooperadora, que mais do que fazer esse balanço, acaba por descrever o real equilíbrio de forças entre sexos e as razões para tal.

### ***PORQUÊ UMA PÁGINA DAS COOPERADORAS?***

*Por Rui Canário*

*Boletim Cooperativista nº 175/176*

*Junho/Julho de 1968*

*Desde há muito tempo existe no Boletim Cooperativista uma página dedicada à mulher, Precisamente a partir do princípio deste ano, essa página apareceu em moldes diferentes dos habituais. Seis números após essa mudança de orientação, parece-nos oportuno, fazer um balanço do que se fez e porque se fez, mais ainda programar o futuro.*

### ***A MÃO QUE EMBALA O BERÇO GOVERNA O MUNDO!?***

*Alguém disse, que o grau de emancipação de uma dada sociedade, podia avaliar-se pelo grau de emancipação da mulher nessa sociedade.*

*Isso significa antes de mais, que as condições de vida da mulher, a sua situação social, não derivam de quaisquer princípios absolutos de ordem moral, ou de características de ordem fisiológica, antes estão profundamente ligadas às estruturas sociais e económicas das sociedades em que vive.*

*Não existe portanto uma «natureza feminina» imutável e intemporal.*

*O que caracteriza quase todas as sociedades até aos nossos dias, no que respeita às relações homem-mulher, é a incontestável posição de superioridade masculina.*

*Relegada, sempre, para posições secundárias, a mulher vê, contudo, formarem-se a partir da sua condição de inferioridade, verdadeiros mitos e preconceitos, cuja finalidade é apenas mascarar e «dourar» uma situação degradante.*

*Um exemplo: «A mão que embala o berço governa o Mundo».*

*É sabido que a «política» é tradicionalmente um domínio masculino. A participação da mulher na vida cívica é diminuta, ou revela-se apenas em níveis secundaríssimos. A maioria das mulheres alheia-se e demite-se voluntariamente desse tipo de problemas. Será por mero acaso?*

*Não, o que acontece é que existem estruturas sociais, que neste como noutros campos.... Educação, valorização profissional, desporto, etc..... a colocam em inferioridade.*

*Em constituições políticas de muitos países, o direito de voto, não é concedido em pé de igualdade aos dois sexos.*

*Em todos os aspetos da vida social, a mulher tem perante si obstáculos que não se deparam ao homem.*

*Para suprir e mascarar, esta deficiente participação da mulher na vida social, para iludir e convencer de que tem de facto uma influência importante, mitificam-se as únicas funções a que está reduzida, as funções de esposa e mãe. Pretende-se fazer crer, que a sua influência, embora indireta, através dos esposos e dos filhos, é de facto decisiva.*

*Porém basta olhar em volta: no nosso país, como em muitos outros, quem são os ministros, os deputados, os diretores das grandes empresas, as autoridades administrativas? – São homens!*

*Estas sociedade são dirigidas quase exclusivamente por homens, e contudo, frequentemente, mais de metade da população é constituída por mulheres.*

*Podemos então perguntar: A mão que embala o berço e governa o Mundo?*

## **UMA SITUAÇÃO QUE SE TRANSFORMA RAPIDAMENTE**

*Assistimos atualmente a um movimento social irreversível, no sentido da emancipação feminina. A todos os níveis da sociedade, a mulher rompe os círculos tradicionais em que estava encerrada, e faz ruir muitos preconceitos fortemente enraizados.*

*Isto acontece, porque as condições económicas e sociais, estão a sofrer em todo o mundo, rápida mutação, logo muda necessariamente o estatuto social da mulher.*

*Esta evolução rápida, torna mais aguda uma contradição fundamental que é a seguinte: Os direitos sociais conferidos à mulher não correspondem à sua comparticipação cada vez mais intensa nas atividades de produção.*

*Porém se como dissemos este movimento é irreversível, isto não significa que se processará de uma forma mecânica, automática. Este processo será dinamizado ou travado, consoante a nossa posição for ativa ou passiva.*

*Quer dizer, é necessário que tanto homens como mulheres, tomem consciência deste problema, tenham dele uma visão correta, e atuem positivamente para a sua resolução.*

*Creemos que neste campo muito há a fazer dentro do Movimento Cooperativo, é fácil para os nossos leitores verificar como é fraco o grau de participação feminina na gestão das cooperativas.*

*É nesta linha de ação, que se insere a atual «Página das Cooperadoras», por isso é fácil perceber porque foram abordados temas como: «Educação Mista», «A mulher e o Desporto», «A mulher e o Trabalho».*

### **MAS A IMPRENSA NÃO BASTA!**

*Seria possível, reformar mentalidades, destruir preconceitos, modificar radicalmente a situação da mulher, unicamente através de artigos sucessivos sobre estes problemas?*

*Evidentemente que não, por isso temos perfeita consciência das nossas limitações, e sabemos qual o papel que podemos desempenhar. Qual é esse papel? Em primeiro lugar, levantar o problema, despertar as pessoas para ele; em segundo lugar, mostrar às pessoas que a sua resolução depende delas; em terceiro lugar, indicar como pode e deve ser resolvido.*

*Para já o que nos parece fundamental, é a formação de núcleos femininos ou mistos, que dentro das cooperativas trabalhem ativamente neste campo....«emancipação da mulher».*

*Para estes grupos poderíamos constituir um elo, de ligação e coordenação, e simultaneamente um ponto de referência.*

*Dizer que a Imprensa não basta, não é reduzir a sua importância, mas sim confiná-la aos limites da sua eficácia.*

Do artigo respigue-se ainda a nova orientação perfilada pela Unicoope para o futuro, a saber:

« Em primeiro lugar, levantar o problema (mudar radicalmente a situação da mulher), despertar as pessoas para ele; em segundo lugar, mostrar às pessoas que a sua resolução depende delas; em terceiro lugar, indicar como pode e deve ser resolvido».

E, à falta da Comissão de coordenação das comissões femininas das cooperativas de base, como queria Sérgio, surge a oferta do Boletim como «elo de ligação e coordenação». No fim de contas, o mesmo que Sérgio e discípulos procuraram que o Boletim fosse no início, um 'farol' balizador do caminho que as cooperativas deveriam seguir para atingir a Nação Cooperativa.

Já com Faustino Cordeiro como diretor, regressa a Página das cooperadoras, mas com artigos sobre a mulher no mundo de trabalho, sobre voto, família, sobre o que se passava no estrangeiro, colaborações em grande parte assinadas por Madalena Neves. Para reforçar a mensagem que se queria passar internamente continuaram a surgir no Boletim exemplos do que noutros países se passava:

### **A PROPÓSITO DO 25º CONGRESSO DO MOVIMENTO COOPERATIVO FEMININO**

*Boletim Cooperativista n.ºs 188/189*

*Julho/Agosto de 1969*

*O Movimento Cooperativo Feminino Belga, que conta 45 anos de existência, foi criado com o fim de tornar mais eficaz a ação das Cooperativas de Consumo. Como é a mulher*



*que mais utiliza a Cooperativa de Consumo, esta encontra naquele movimento um apoio e o impulso para se atualizar.*

*O Movimento, a princípio, limitava-se apenas à propaganda cooperativista, mas hoje, entendeu desenvolver uma ação educativa e conseqüentemente emancipadora.*

*Assim, as cooperadoras lutam, de colaboração com várias organizações, para que as mulheres possuam direitos económicos, políticos e sociais de nível idêntico. São hoje 130.000 e as suas atividades crescem continuamente. No congresso, iniciado em Charleroi a 7 de Junho, pretendeu-se, entre outros fins, desenvolver uma ação de adaptação aos problemas atuais.*

*Os trabalhos iniciaram-se com a presença de 250 delegadas de cooperativas estrangeiras e de responsáveis pelo Movimento Cooperativo.*

*A secretária nacional, Maria-Luísia Semínck, evidenciou no seu comunicado o carácter dinâmico e a vastidão das ações empreendidas: mais de 1200 assembleias anuais reuniram 80 a 90.000 pessoas.*

*O momento mais importante do Congresso foi dado por Madeleine Dothee (vice-presidente nacional) ao apresentar a «Carta das Cooperadoras», documento que afirma a vontade do Movimento de modificar a sua orientação de modo a ir ao encontro das necessidades femininas.*

*Eis os dois principais problemas focados na «Carta»:*

- a democratização da economia;*
- a defesa dos consumidores.*

*As cooperadoras concluíram que é preciso consciencializar o Homem, que deve participar na política de consumo e ao mesmo tempo ser protegido contra os riscos que ameaçam a sua saúde física e moral.*

*Numa Sociedade em que mais de 80% das compras são executadas pelas mulheres, com lucidez e realismo, as cooperadoras preocupam-se com o desenvolvimento do poder de compra e com a sua aplicação. Esta não pode ser condicionada de modo que a mulher a transforme numa máquina que consome não importa o quê.*

*O ato de consumir não implica só produzir mas, acima de tudo, põe em jogo o nível de vida familiar, a saúde e o ritmo de vida.*

*As mulheres cooperadoras belgas querem, portanto, auxiliar os consumidores na conquista de uma maior felicidade e facilidade de viver. Viver não é consumir MAIS, mas consumir MELHOR.*

*Além da «Carta das Cooperadoras», o M.C.F. apresentou ainda as seguintes questões:*

- a) Quais os objetivos que foram definidos? Quais dentre eles se devem desenvolver e quais os que devem ser introduzidos nos programas de ação?*
- b) Qual é a prioridade a estabelecer entre os diversos objetivos?*
- c) Quais são os meios a utilizar para atingir resultados positivos?*

*Há cerca de 50 anos, algumas mulheres conseguiram lançar as bases de um movimento de educação cooperativa, tarefa tanto mais árdua se considerarmos as difíceis condições de emancipação da mulher dessa época. Durante os últimos anos estas pioneiras têm trabalhado intensamente para esse fim com os meios mais modestos que conseguem obter.*

*Entretanto, as atuais cooperadoras, atentas à rápida evolução em todos os domínios, compreenderam esse espírito, estão conscientes do papel que podem desempenhar no desenvolvimento da economia do país. Foi em consequência desta evolução que decidiram estabelecer a sua «Carta».*

*Como consumidoras associadas, estas cooperadoras reforçaram o seu trabalho a fim de darem à mulher os meios mais eficazes que defendam os seus interesses, tanto no campo da saúde como no do poder de compra.*

*Multiplicar-se-ão conferências sobre estes problemas, organizar-se-ão reuniões de informação sobre locais de venda e serão criados «clubes» de consumidores.*

*Paralelamente o M.C.F. lutará para obter dos Poderes Públicos uma série de medidas visando a conservação dos direitos dos consumidores: direito à informação, à proteção, à manutenção do poder de compra e de participar nas decisões relativas aos interesses comuns dos consumidores.*

*Finalmente o que o M.C.F. reclama é um controlo mais eficaz do progresso a fim de que a «Sociedade de Consumo» forneça a todos uma abundância de condições de vida mais humanas, justamente repartida.*

*O segundo grande objetivo desta Jornada Cooperativa dirige-se para a criação, na Bélgica, de um Ministério do Consumo, como condição indispensável para permitir ao consumidor ocupar um lugar mais atuante na economia do país.*

*O Congresso terminou com a afirmação dos propósitos do Movimento de lutar pela defesa do conjunto dos consumidores. Este Congresso foi mais do que um exemplo de força e de coragem; foi acima de tudo, um testemunho da ardente vontade feminina de colaborar, cooperando, na edificação de um mundo melhor.*

A mulher dotou-se, pois, de uma Carta e de uma agenda política na Bélgica. A sua luta ultrapassou as portas da cooperativa em que militava, para se alargar à política dos consumidores e à democratização económica. Olhando para o que escrito ficou, por exemplo refletindo sobre os números apresentados, conclui-se que em Portugal se estava a anos luz do que se passava na Bélgica, e certamente noutros países europeus.

Demonstra-o, também, o derradeiro artigo recolhido, de inícios do ano 1970.

### **MULHERES NAS COOPERATIVAS.... MAS COMO?**

*Por Fernando Gomes*

*Boletim Cooperativista n.ºs 194/195*

*Janeiro/Fevereiro de 1970*

*Quem lê com atenção o Boletim Cooperativista, já reparou com certeza que frequentemente são publicados os nomes dos corpos gerentes das diversas cooperativas. E possivelmente reparou também, como nós, que nessas listas diretivas nunca (ou quase nunca) figura o nome de uma mulher.*

*Quererá isto dizer que os cooperadores entendem que os lugares de direção devem estar reservados aos homens? Não, não é isto o que os cooperadores pensam, ou pelo menos não nos lembramos que alguém o tivesse afirmado, mas na prática é isto que acontece. Na prática há dois tipos de cooperadores – os que vão às assembleias gerais, podem eleger e ser eleitos para os corpos gerentes (os Homens), e os que vão ao auto-serviço (as mulheres).*

*Mas para esta situação há uma justificação, é a seguinte: Só podem ser eleitos ou eleger, usar portanto do direito de voto, numa cooperativa, os sócios dessa cooperativa, os indivíduos que subscreveram uma ação de um determinado montante. Ora o que acontece é que na quase totalidade dos casos quem se faz sócio é o «chefe de família» - o homem portanto – e isso é suficiente para que toda a unidade familiar beneficie das vantagens económicas da cooperação.*

*Ora como a grande maioria das famílias cooperadoras têm um baixo nível de vida, evidentemente que não vão subscrever duas ações em vez de uma só para que a mulher também goze de plenos direitos na cooperativa. Por outro lado nem a mulher passa*

*pela cabeça reclamar e exigir uma solução que lhe permita gozar dos mesmos direitos do marido.*

*Porém, paralelamente, muitos dirigentes cooperativos, sem se aperceberem deste problema em toda a sua profundidade, falam constantemente de participação das mulheres na vida das cooperativas. Mas de que género de participação falam eles?*

*Quando pensam na mulher é sempre na qualidade de dona de casa – pensam então em formar um conselho de mulheres que se pronuncie sobre aspetos comerciais ligados ao auto-serviço (são «elas» que lá vão!). Ou então quando a cooperativa organiza uma festa, a direção escolhe o programa, a data, fez os convites, etc. – as mulheres arranjam os cortinados, dispõem as mesas, preparam os bolos e as sanduíches. Quer dizer que dentro do próprio movimento cooperativo, se refletem as condições sociais gerais, que conferem à mulher um papel de inferioridade, um papel subalterno face ao homem. Será isto a democracia? Claro que não, se analisarmos o problema de uma maneira não formal. E democracias formais não queremos nós, mas sim reais, efetivas.*

*Como resolver o problema? Não possuímos nenhuma varinha mágica, nem estamos de posse da solução. A solução terá de ser encontrada coletivamente. Para isso esperamos para já que os dirigentes e os juristas se pronunciem.*

*Entretanto avancemos já uma hipótese cuja viabilidade pode ser discutida por vós:*

*Imaginem que para ser sócio da cooperativa X é necessário subscrever uma ação mínima de 500\$00. Pois bem poderia estabelecer-se o seguinte: sempre que um casal quisesse entrar para a cooperativa cada um dos cônjuges teria apenas de realizar uma ação de 250\$00, seriam portanto os dois, sócios com plenos direitos. Qualquer pessoa que entrasse individualmente realizaria uma ação de 500\$00.*

*Esta solução é viável? É aproveitável? Ótimo. Não presta? É inviável? É absurda? Ótimo – proponham outra.*

Obviamente que a solução proposta no final seria praticável se houvesse meios votos, o que nunca se verificou existir. Mas o problema está mal posto, já que, se só o homem é cooperador, a presença da mulher a comprar significaria ‘vendas a terceiros’. Dir-me-ão que elas levam o cartão do marido. Mas se assim é, também o voto poderia ser exercido em seu nome, através de um adequado sistema de representação. Se é a mulher que conhece a cooperativa, se o marido o reconhecesse, delegaria nela, ou a titularidade da filiação, ou a sua representação. Mas é fácil falar meio século passado, época em que a pequenez da vila operária ou do bairro citadino se diluíram num mundo global.

## ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS E GÉNERO

O derradeiro artigo publicado no Boletim Cooperativista sobre a problemática da mulher saiu em 1972, isto é, três anos antes do encerramento da publicação. Com o mesmo nome Ferreira da Costa tentou fazê-lo ressurgir em 1981, mas apenas um número saiu.

### ***A PROMOÇÃO DA MULHER COMO COOPERADORA ATIVA***

*Por Sílvia de Carvalho*

*Boletim Cooperativista n° 222*

*Maio de 1972*

*Na sua reunião de Outubro de 1971, em Bucareste, o Comité Central da Aliança Cooperativa Internacional discutiu um relatório acerca das funções e da situação da mulher no movimento cooperativo.*

*Este relatório apareceu como resposta à resolução do 24º Congresso da ACI, segundo o qual, em virtude de que a «atividade das mulheres, em todos os domínios da cooperação, e particularmente no do consumo, é enorme, impõe-se o seu direito a desempenhar uma função sempre maior na gestão das cooperativas».*

### ***O MARIDO É O SÓCIO...***

*Para que em Portugal se colabore com esta resolução e com outras recomendações da ACI, é necessário que se revejam os estatutos das cooperativas, no que respeita à participação das mulheres dos sócios nas atividades associativas e até à possibilidade de serem eleitas para os Corpos Gerentes.*

*Na realidade, é quase sempre o marido que é o sócio, e o único considerado como tal. Só ele pode participar nas eleições na sua Cooperativa e ser eleito para qualquer cargo dos Corpos Gerentes. E as suas mulheres? Não têm voz ativa; limitam-se a fazer as suas compras na cooperativa do marido (isto falando de cooperativas de consumo).*

*Seria útil que nos estatutos das cooperativas se introduzissem novas cláusulas incitadoras da adesão das mulheres e também das jovens. Teria, até, muito interesse que essa procura de adesão atingisse as crianças, de forma a estimular-lhes o gosto pelas ideias e pelos métodos da cooperativa.*

*Quer dizer: há interesse em que as funções e responsabilidades do marido, como sócio inscrito, se estendam, igualmente, à mulher, e que os filhos menores encontrem na Cooperativa interesses próprios e modos de participação em atividades associativas.*

*As candidaturas femininas aos Corpos Gerentes das Cooperativas deveriam ser encorajadas de modo a atingirem maior amplitude e maior êxito. Mas uma vez que, presentemente, no nosso país as mulheres não têm praticamente possibilidade de serem eleitas para a gerência das cooperativas que elas animam com as suas compras, ao menos que se promovam condições especiais. É uma resolução que pode ser encarada, seriamente, embora sem carácter definitivo, apenas para corrigir as ativas objeções estatutárias.*

*As cooperativas deveriam ainda sentir a obrigação de promover a educação cooperativa entre as mulheres e até de lutar contra as atividades e comportamentos tradicionais que atuam em detrimento da sua promoção social e cooperativista.*

*Por seu turno, os órgãos de informação cooperativa devem interessar-se mais pela cooperação da mulher e até dar maior relevo à atividade feminina nas cooperativas, quando ela existe, ou estimulá-la quando não existe.*

### **A CULPA É TAMBÉM DAS MULHERES**

*Queremos, no entanto, apontar um facto muito importante, no que respeita a este problema. Não são só as cooperativas e até a sua imprensa que têm responsabilidade no desinteresse a que a participação feminina foi votada. Temos de fazer justiça e citar também o grau de culpabilidade das mulheres, neste caso. Realmente, elas devem reconhecer que, muitas vezes, a desvantagem que sofrem é de sua própria culpa. Elas já, frequentemente, renunciam as sociedades cooperativas.*

*Reconhecer a falta de formação não basta: devem pedir, reclamar, insistentemente, para que se criem atividades educativas nas suas sociedades.*

*O auxílio dos maridos cooperadores é de encarar seriamente, no sentido de permitir vencer obstáculos de ordem prática, de modo a que a vida familiar, caseira, não impeça que as mulheres participem não apenas como compradoras.*

*Elas devem, no seu próprio interesse, fomentar a iniciação de novas formas de cooperação, que facilitem o cumprimento das suas obrigações familiares, para que lhes sobre tempo livre: criação de infantários ou de jardins infantis, de serviços de lavandaria, de decoração, etc.*

*Seria também útil que as cooperativas defendessem, ativamente, as candidaturas de mulheres qualificadas a lugares de responsabilidade, dentro das cooperativas.*

*Concluindo, os cooperadores devem lutar para conseguir a participação das mulheres nas cooperativas a que pertencem ou utilizar, mais amplamente, as possibilidades que a imprensa cooperativa encerra e oferece no mesmo sentido.*

Nada de novo sobre o que já noutro capítulo se escreveu. Não basta participar, há que retirar dessa participação todas as consequências, entre elas a de poderem ser eleitas para os órgãos sociais. Não basta o reconhecimento do direito a participar pelos restantes cooperadores, leiam-se homens, há que lutar por essa participação, mesmo que para tal seja necessário ‘o auxílio dos maridos cooperadores’. E não basta acomodarem-se à ‘cesta de compras’, há que pugnar para que a cooperativa invista em serviços que facilitem a cooperação plena da mulher, e referem-se ‘criação de infantários ou de jardins infantis, de serviços de lavandaria, de decoração, etc.’, e aproveitar o órgão de informação que a cooperativa eventualmente possua como auxiliar nesse combate pela emancipação.

Não quis deixar de terminar o livro nesta nota de ‘incompletude’ da luta. Propus-me saltar três décadas e ver como a matéria tem sido tratada nos últimos anos pelas mesmas organizações mundiais, a ONU e a ACI, já presentes por alturas da publicação do Boletim Cooperativista.

A primeira grande diferença é que, hoje, a mulher está presente na cooperação. A questão coloca-se se essa presença é uniforme a nível mundial ou depende do grau de desenvolvimento social do país em que ela vive. Já não se põe em saber se estão presentes nos órgãos ou não, porque quem dirige o movimento cooperativo mundial é uma mulher, e são várias as mulheres na direção da ACI e nos organismos de cúpula do cooperativismo em muitos países.

De facto, a presidente da ACI é Pauline Green, britânica nascida em Malta, que foi antes de ser indicada como candidata ao lugar pelos cooperativistas britânicos, deputada europeia e líder dos socialistas europeus no Parlamento Europeu. Pauline já havia sido durante 5 anos líder da região Europa da Aliança Cooperativa Internacional, em copresidência com um francês, homem, Etienne Pfimlin. Passou pelo Partido Cooperativo britânico, emanado do Partido Socialista (Labour), algo que, para o leitor, descreveria com uma imagem da política nacional, a da relação entre os Partidos Comunista Português e dos Verdes. Esteve também na criação do Co-operative Group, a atual estrutura cooperativa britânica aglutinadora das cooperativas de consumo e de produção do Reino Unido. Ela veio destas últimas.

Mas já anos antes uma outra mulher esteve a um passo de ser o que Pauline é hoje. Durante os anos 90, a finlandesa Raija Ikonen, deu todos os passos para ascender ao lugar, inclusive a participação no grupo que produziu o documento sobre a Identidade Cooperativa, documento que introduz a atual formulação dos Princípios Cooperativos, de 1995. Muito ativa no setor das cooperativas de consumo e no Comité de mulheres acabou por perder a corrida para um outro inglês, Graham Melmoth, praticamente desconhecido dos membros da ACI até ter sido indicado como candidato a presidente pelo Co-operative Group (tão desconhecido era que apenas completou um mandato sendo substituído pelo brasileiro Roberto Rodrigues).

Em artigo sobre a Governança Cooperativa publicado pela ACI na sua Revista da Cooperação Internacional em Dezembro de 1996, Ikonen referia-se deste modo à participação feminina nas cooperativas:

...

#### Como melhorar a situação?

*Pré-requisito de uma melhor performance é as cooperativas começarem a pôr a sua casa em ordem substituindo a retórica pela ação, eliminando a hipocrisia e afirmando as suas qualidades únicas que as distinguem de outros tipos de empresa. A democracia participativa cooperativa deve ser restaurada e a sinergia inerente na estrutura cooperativa deveria ser reativada.*

*É necessária uma mudança assente na confiança no capital humano – o mais importante de todos os recursos -, no empenhamento, criatividade e inovação com origem numa filiação proactiva, nas direções e empregados. Confiança, empoderamento e apreciação da diversidade são, em minha opinião, os elementos chave para uma cooperativa viável que queira atrair e reter os melhores recursos humanos possíveis, capazes de construir sucesso e futuro sustentável. A capacidade de capturar conhecimento e sabedoria dá às cooperativas a sua vantagem competitiva. Constitui pré-requisito que participantes de todas as partes da organização conheçam e compreendam os seus propósitos, valores chave e visões.*

*Membros cooperativos e empregados – mulheres e homens – com as suas experiências, conhecimento e energia, são recurso inesgotável do desenvolvimento desde que encorajados a participar e contribuir para a performance cooperativa. Em minha opinião, os recursos humanos representam uma forma mais profunda e importante de energia que os recursos financeiros. O sucesso das decisões económicas depende dos recursos humanos ao dispor da organização. Por isso, confiar na criação de redes com os interessados (stakeholders) e não mantê-los à distância como árbitros pode renovar a energia das cooperativas. Uma governança cooperativa forte que assuma as suas obrigações com seriedade é uma fonte de força para a gestão.*

*Acresce que, maior participação, especialmente das mulheres e dos jovens – atualmente grupos minoritários no processo decisório cooperativo – é uma forma de fazer com que as políticas, estratégias e negócios das várias cooperativas se foquem mais nas pessoas e utilizadores e, conseqüentemente, mais produtivas.*

*Eliminando a desigual relação de poder e segregação de género, e ao mesmo tempo criando novas parcerias de poder e responsabilidade partilhada entre mulheres e homens levaria a uma nova e bem sucedida era cooperativa e atrairia para a filiação novas pessoas, ativas e comprometidas. Uma combinação das forças e talentos de mulheres e homens poderia também alterar estruturas e rotinas estagnadas, ajudar as cooperativas a enfrentar desafios do mundo de trabalho e instilar o muito desejado empreendedorismo nele. Implementar a igualdade na governança cooperativa e estruturas de gestão é pensar na excelência e relevância das cooperativas.*

*Melhor balanço de género pode oferecer novas perspectivas à governança cooperativa e à gestão, pelo facto de mulheres e homens terem diferentes valores e prioridades. A investigação revelou que, os líderes masculinos preferem os sistemas tradicionais de comando e controlo com claros objetivos e maneiras de trabalhar. Concentram as suas energias num assunto de cada vez. Prometem privilégios e recompensas mas guardam poder e informação para si próprios. As líderes femininas, por outro lado, preferem distribuir informação e poder. Resultados são produzidos conjuntamente por redes e equipas. Por isso, as mulheres com as suas capacidades interpessoais, preferência por um ambiente de trabalho colaborativo e decisões consensuais, estão em condições de contribuir para construir organizações participativas e transparentes, na nossa era que procura uma abordagem que apoie a diversidade de pontos de vista e dê poder às pessoas. Modelos de desenvolvimento de cima para baixo já não respondem às necessidades e aspirações do tempo presente.*

#### Porquê tão poucas mulheres?

*O Inquérito Mundial de 1994 sobre o Papel da Mulher no Desenvolvimento identifica três fatores conducentes à fraca representação da mulher ao nível da tomada de decisões:*

- uma cultura de gestão predominantemente masculina*
- o continuado presente efeito da discriminação passada*
- falta de reconhecimento da contribuição atual e potencial da mulher para a gestão económica.*

*“O que impede o avanço da mulher é o chamado teto transparente, uma barreira invisível inultrapassável formada de preconceituosas condições de trabalho e cultura corporativa masculina”, refere o Inquérito Mundial. Políticas de recrutamento, regras de emprego, e sistemas de avaliação de resultados são predominantemente homem-homem ou baseados no homem. Já que as estruturas corporativas são largamente construídas em função de regras masculinas, não favorecem ou apoiam o envolvimento, capacidades e competência da mulher.*

#### Meio em mudança

*Na Europa há 105 mulheres para cada 100 homens. A expectativa de vida da mulher é de 79,6 anos e a do homem de 73,1 anos. Há trinta anos as mulheres eram menos de 30% da força de trabalho europeia, e hoje são 41%. De acordo com a Comissão Europeia as mulheres serão 75% dos novos trabalhadores europeus e 50% dos licenciados nas escolas de gestão europeias no ano 2000. Se as cooperativas quiserem ter as forças melhores e mais inteligentes envolvidas nas suas atividades, devem rever as suas estruturas e políticas de recrutamento e tornarem-se mais responsivas ao género.*

*A atitude responsiva ao género na União Europeia reflete-se no crescente número de mulheres que tomam decisões. Em 1994 passou de 100 para 146 em 626, logo 25,7%, o número de mulheres no Parlamento Europeu. Na mesma altura o número de comissárias passou a cinco, correspondendo à percentagem de mulheres deputadas europeias. Quando a Áustria, Finlândia e Suécia aderiram em 1995 à União cresceu para 27,6% o número de mulheres membro do Parlamento Europeu, muito perto do objetivo de massa crítica dos 30%, altura em que influência real se torna possível.*

*O 4º Programa de ação a médio prazo da União Europeia em matéria de igualdade de oportunidades entre mulheres e homens refere que – o «princípio da igualdade entre sexos é um dos princípios básicos do modelo de democracia europeia. A crescente presença de mulheres em instituições e organismos de decisão fornecerá uma renovação de valores, ideias e estilos de comportamento benéficos para a sociedade no seu todo e contribuirá para alcançar o objetivo de paridade na representação».*

.....  
*Todavia, frustradas pelo lento progresso da igualdade de oportunidades na prática e pelo desemprego crescente, muitas mulheres começaram a criar as suas próprias empresas. Na Alemanha, 1/3 das novas empresas são propriedade de mulheres, um aumento de 20% desde 1975. Na Grã-Bretanha as mulheres criam uma em cada quatro empresas. De acordo com um líder no Economist, as empresas propriedade de mulheres são também mais duradoras que a média.*

#### *Um passo em frente*

*A resolução sobre a Igualdade de Género nas Cooperativas proposta pela Assembleia da Região europeia em 1995 foi unanimemente apoiada no Congresso do Centenário da ACI. Passo em frente tendo em vista melhorar uma governança empresarial, que reflita a verdadeira natureza cooperativa como virada para os membros, participativa e obedecendo a valores, foi começar a criar um clima de apoio às mulheres ao estabelecer políticas claras de promoção e planos de ação incluindo objetivos.*

*Algumas mulheres e muitos homens não são favoráveis à ação afirmativa como caminho a seguir. Consideram quotas e paridade como degradantes para as mulheres e enfatizam a necessidade de abolir obstáculos à plena participação das mulheres tornando mais eficientes os atuais procedimentos. Contudo, a ação positiva, como estádio intermédio, poderá mudar o desequilíbrio presente de poder e os modelos comportamentais, e acostumar a mulher e o homem à partilha de poder e responsabilidades. Como refere a canadiana Dra. Lou Hammond Ketilson no seu artigo sobre o estudo 'Investigação sobre a Ação das Mulheres nas Cooperativas' publicado na Revista de Cooperação Internacional . «Pugnar pela representação equitativa nas estruturas democráticas e de pessoal é correto e adequado em si mesmo. É ainda mais do que isso.*

*Quando as cooperativas lidam com assuntos que envolvem equidade, tratam de questões que têm a ver com a forma como as organizações cooperativas 'fazem democracia' e fazem negócios».*

Não se pode deixar de verificar o salto que a questão, embora não totalmente resolvida, da participação efetiva da mulher nas cooperativas, deu nos mais de 20 anos que mediaram entre o último artigo publicado no Boletim Cooperativista e o quase final do século XX. Já se não reivindica a participação, assume-se a mesma como dado adquirido, explicam-se as suas vantagens para as cooperativas e, apenas, se continua a querer que seja mais significativa ainda. Apresentam-se exemplos de sucesso, explicam-se as mudanças que da participação resultaram para o modo como as cooperativas são dirigidas



e geridas, em suma, faz-se prova de emancipação e de compreensão dessa emancipação pelas cooperativas a nível mundial.

Itkonen desapareceu de cena, mas Ketilson, citada no artigo, é hoje líder do Comité de Investigação da Aliança Cooperativa Internacional, que a par do Comité de Recursos Humanos e do Comité de Igualdade de Género são os comités ditos ‘horizontais’ da atual estrutura da organização (por contraponto aos verticais, os comités por ramo, como por exemplo o agrícola, o bancário, o dos consumidores, o da habitação ou do trabalho associado).

O Comité da Igualdade de Género é a nova designação do Comité de Mulheres criado aquando da incorporação na ACI da Guilda Internacional das Mulheres Cooperadoras. Não tendo tido sucessor/a quando nele deixei de participar, desconheço como decorrem os seus trabalhos. Com a passagem de uma estrutura com Congressos todos os 4 anos para outra com Assembleias gerais de dois em dois anos, a ACI deixou de obrigatoriamente fazer reunir os comités setoriais ao mesmo tempo por falta de meios financeiros. Por vezes os comités reúnem separadamente da grande reunião bienal, a convite desta ou daquela organização membro. Sei todavia que se mantém ativo o Comité de Género e são várias, como se verá, as ‘setas’ gravadas na ação da ACI e da ONU por ele.

Sem preocupação em ser exaustivo, vou dar novo salto de pouco mais de uma década, até 2009, reproduzindo a Declaração da ACI, que tem hoje periodicidade anual, publicada sempre no Dia Internacional da Mulher.

### ***DIA INTERNACIONAL DA MULHER – 8 DE MARÇO DE 2009***

#### ***“Cooperadores unidos para pôr fim à violência contra as mulheres e as jovens”***

*As Nações Unidas dão este ano mais uma vez atenção à pandemia global da violência contra as mulheres e as jovens. Sob o tema “Mulheres e homens: Unidos para pôr fim à violência contra as mulheres e as jovens”, o Dia Internacional da Mulher sublinha a necessidade de governos, sociedade civil, organizações de mulheres, jovens, sector privado, media, todo o sistema da ONU, e mulheres e homens individuais juntarem forças para parar a violência contra as mulheres e as jovens.*

*A violência contra as mulheres é na verdade um fenómeno global, mesmo que haja quem acredite que se trata de fenómeno circunscrito a determinadas comunidades. Todavia, como o confirmam dados do Banco Mundial, em cada três mulheres é provável que uma seja agredida, coagida ao sexo ou por outra forma abusada em vida. A forma mais comum de violência experimentada pela mulher no mundo é a violência física infligida pelo parceiro íntimo; e as mulheres entre os 15 e os 44 anos estão mais expostas a violação e violência doméstica que ao cancro, acidentes de viação, guerra ou malária.*

*As causas estruturais da violência contra as mulheres têm raízes em tradições e práticas discriminatórias. Atitudes e estereótipos, incluindo a noção de que a violência doméstica é matéria privada e aceitável, continuam disseminados, enquanto a discriminação económica da mulher exacerba a perpetuação do estatuto subordinado da mulher na sociedade, o que as coloca sob risco acrescido de violência.*

*Como e por quem podem as causas ser enfrentadas?*

*Vontade política, empenhamento, investir recursos e liderança a todos os níveis e por todos são cruciais. Medidas abrangentes que assegurem a igualdade de gênero e protejam os direitos da mulher são necessárias para a prevenção efetiva e eliminação de todas as formas de violência contra as mulheres. Incluem planos de ação para a igualdade de gênero; quadros legais que acabem com a impunidade, protejam a mulher e lhe permitam acesso igual aos recursos (terra, crédito, etc.), façam prevenção; medidas de sensibilização e educativas envolvendo especialmente os homens e os jovens, e o fornecimento de serviços e apoio às vítimas/sobreviventes.*

*O Movimento Cooperativo, representando mais de 800 milhões de mulheres e homens cooperadores de todo o mundo, é hoje chamado à mobilização e a desempenhar um papel mais forte para acabar com a violência contra mulheres e homens! Pode fazê-lo promovendo a igualdade de gênero nas próprias estruturas cooperativas, mas também se assumir a liderança das suas comunidades para uma mudança de atitudes, fizer exposições políticas e assegurar que ações sejam tomadas para fazer da violência contra as mulheres e as jovens uma coisa do passado.*

*A ACI e o seu Comité para a Igualdade de Género desejam sublinhar a importante contribuição do movimento cooperativo mundial na criação de uma cultura de respeito mútuo e seu empenhamento na remoção de todas as formas de discriminação. As cooperativas em todo o mundo contribuem para enfrentar as causas estruturais da violência, ao implementarem políticas e programas de igualdade de gênero, ao fornecerem nas e através das cooperativas aos cooperadores ações de sensibilização, formação e educação, trabalho decente e maior poder socioeconómico às mulheres e às jovens. Acresce que as cooperativas são ainda atores relevantes no apoio às vítimas com serviços e oportunidades de inclusão social.*

*As cooperativas podem começar a fazer a diferença ao removerem simplesmente todos os obstáculos que impeçam ou limitem a filiação direta e participação ativa das mulheres em todo o tipo de cooperativas. Tal implica rever seriamente os estatutos cooperativos, políticas, regulamentos e até a prática interna, por forma a assegurar oportunidade reais às mulheres na melhoria do seu estatuto socioeconómico, o que conduzirá ao sucesso das suas cooperativas e ao seu próprio.*

*A 8 de Março de 2009, Dia Internacional da Mulher, apelamos a todas as organizações membros da ACI e aos cooperadores para mobilizarem a sua força socioeconómica no combate global contra todas as formas de violência contra as mulheres e as jovens.*

*Deixem-nos visar alto e ser líderes da mudança nas nossas sociedades.*

*Ivano Barberini  
Presidente da ACI*

*Stefania Marcone  
Presidente do Comité da Igualdade de Género*

O texto foi reproduzido para que se pudesse constatar que, tal como na época do Boletim Cooperativista, a participação e emancipação feminina pelas cooperativas vai para além da porta da respetiva sede, antes é sinal da presença da mulher no mundo, nas situações boas, como nas más a que se refere a Declaração.

Participação nas cooperativas, nas suas estruturas dirigentes, na sociedade, tudo são temas recorrentes que a Declaração, uma vez mais, convoca. Mas há um aspeto novo que é referido na Declaração e que se nos afigura muito importante. Diz-se nela «que as cooperativas são ainda atores relevantes no apoio às vítimas com serviços e oportunidades de inclusão social», isto é, contribuem para minorar o problema pela criação de estruturas específicas de forma cooperativa ou incluindo ações com o fim visado em cooperativas já existentes com outro tipo de atividades principais. As cooperativas estão sempre presentes, atenta a sua flexibilidade e reduzido capital inicial quando se trata de dar resposta a todo e qualquer problema ou flagelo que a comunidade enfrenta, e fazem-no vai para dois séculos.

A Declaração que a ACI publica aquando do Dia Internacional da Mulher, de autoria do seu Comité de Género, inspira-se algumas vezes em posições que a própria ACI já havia feito divulgar durante o Dia Internacional das Cooperativas. Um exemplo, o do empreendedorismo feminino, mesmo que haja dois anos de diferença entre os textos.

## *MENSAGEM DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL*

*88º DIA INTERNACIONAL DAS COOPERATIVAS DA ACI*

*16º DIA INTERNACIONAL DAS COOPERATIVAS DA ONU*

*3 DE JULHO DE 2010*

### *“A Empresa Cooperativa Autonomiza a Mulher”*

*Por todo o mundo as mulheres escolhem a forma cooperativa de empresa para dar resposta às suas necessidades económicas e sociais. Quer seja para alcançar as suas aspirações empreendedoras, para aceder a produtos e serviços que queiram ou de que necessitem, ou para pertencer a um negócio com valores e princípios éticos e gerador de oportunidades de rendimento, as mulheres estão a descobrir que as cooperativas são opções atrativas.*

*As cooperativas são empresas possuídas e geridas de forma democrática, guiadas pelos valores da autoajuda, autoresponsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Põem as pessoas no centro das suas atividades e permitem aos seus membros definir, pela via de um processo decisório democrático, como atingir as suas aspirações económicas, sociais e culturais.*

*Para as mulheres, as cooperativas devem desempenhar um papel chave, já que são capazes de responder às suas necessidades tanto práticas como estratégicas. Quer através de cooperativas só de mulheres, quer de cooperativas de mulheres e homens, oferecem meios organizacionais efetivos para que as mulheres membros ou trabalhadoras aumentem o seu nível de vida através do acesso a oportunidades de trabalho decente, instituições de poupança e crédito, habitação e serviços sociais, educação e formação. As cooperativas oferecem também às mulheres oportunidades de participação nas e influência sobre as atividades económicas. As mulheres ganham confiança e autoestima através dessa participação. As cooperativas contribuem também para a melhoria da situação económica, social e cultural das mulheres de outro modo, nomeadamente pela promoção da igualdade e mudança dos preconceitos institucionalizados.*

*Para as mulheres empreendedoras, as cooperativas são uma particular forma de empresa. Ao porem o seu capital em comum, as mulheres são capazes de se empenhar em atividades geradoras de rendimentos e organizar o seu trabalho de forma flexível, respeitadora dos múltiplos papéis que as mulheres podem ter na sociedade. Do Burkina Faso, Índia, Japão, Honduras aos Estados*

*Unidos da América, as mulheres partilham experiências cooperativas similares – as cooperativas só de mulheres permitiram às mulheres ganhar autoconfiança, assumir responsabilidades profissionais, valorizar as suas capacidades e melhorar as suas vidas ao retirarem rendimento do seu trabalho e aceder a vasta gama de serviços.*

*Todavia, as mulheres também encontram satisfação em cooperativas em que participam tanto mulheres como homens. Enquanto membros e trabalhadoras, as mulheres descobrem empresas que se esforçam por construir respeito mútuo e igualdade de oportunidades. Contudo, há que dizer que há muito que fazer até alcançar essa igualdade de oportunidades. As cooperativas são o reflexo dos seus membros e da sociedade em que operam, pelo que ainda refletem os padrões sociais e culturais dominantes. Respondem, porém, aos desafios de mudança na cultura organizacional, métodos de trabalho, oportunidades de formação e educação que façam da autonomização da mulher uma realidade.*

*A autonomização da mulher assenta em 5 componentes: sentimento de dignidade; direito a ter e determinar as escolhas; direito a ter acesso a oportunidades e recursos; direito a ter poder sobre a sua própria vida, tanto dentro como fora de casa; e capacidade de influenciar a direção da mudança na sociedade, que leve à criação de uma ordem nacional e internacional mais justa.*

*A forma cooperativa de empresa responde a cada uma destas componentes e fornece verdadeiras capacidades de autonomização em todas as partes do mundo.*

*A Sra. Kumari, bem sucedida mulher empreendedora e membro de cooperativa na Índia, resumiu isto ao relatar a sua experiência cooperativa. Disse: “Quero agradecer ao banco cooperativo de mulheres que me possibilitou ser uma mulher autónoma e permitiu que os meus sonhos se tornassem realidade”.*

*Neste Dia Internacional das Cooperativas, a ACI apela às cooperativas para que reconheçam o contributo chave que as mulheres dão ao desenvolvimento económico, social e cultural no mundo, para que fortaleçam o empenhamento cooperativo na autonomização da mulher na cooperativa respetiva, e para que encorajem a participação das mulheres no Movimento Cooperativo.*

E,

**ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL (ACI)  
COMITÉ DA IGUALDADE DE GÉNERO  
DIA INTERNACIONAL DA MULHER – 8 DE MARÇO DE 2012**

***Reconhecimento da mulher empreendedora como protagonista do desenvolvimento económico e agente ativo da mudança social das populações.***

*“Tu és a mudança que queres ver no mundo” proclamou Gandhi e as mulheres empreendedoras souberam muito bem interpretar a declaração. Atualmente existem 187 milhões de mulheres empresárias (1) nas diferentes latitudes. Mulheres que não apenas sonharam as suas vidas, mas que decidiram viver os seus sonhos. São motores do desenvolvimento económico e mudanças sociais que fazem delas atrizes da mudança histórica irreversível.*

*O papel das mulheres no crescimento económico e no setor empresarial produtivo mudou na mesma medida em que se tem transformado o seu papel na sociedade. Superaram barreiras económicas e outras mais fortes como os estereótipos sexistas, as crenças subestimando as suas capacidades e em geral, barreiras culturais relacionadas com o*

*seu lugar na sociedade, para assumir o desafio de construir empresas, não apenas para sobreviver, mas porque se sentiram capazes de identificar oportunidades para pôr as suas ideias em prática. São motivadas pelo compromisso com uma visão de vida e impulsionadas por um espírito inovador, tenacidade, constância e força, reconhecidas como características da natureza feminina.*

*As mulheres empreendedoras são hoje mais novas e sabem ser as suas prioridades promovidas em cenários diversos. Entre a multiplicidade das suas capacidades destaca-se a harmonização dos objetivos pessoais e profissionais com o meio envolvente equilibrando essas prioridades. São altas dirigentes, presidentas e fundadoras de empresas até líderes de agremiações e comunidades urbanas e rurais. Capacitadas para imprimir ação ao seu trabalho e paralelamente dedicar tempo e qualidade no cuidar das suas famílias e cada vez mais de si próprias.*

*Longe de serem vítimas indefesas das iniquidades e da exclusão que sofreram ao longo da história das sociedades, as mulheres mostraram a sua inteligência, alto grau de resiliência e coragem face à adversidade. Continuam a demonstrar que são donas duma capacidade criativa e paixão que as leva a retirar poder do que fazem, de pequeno ou de grande, mas cujo valor é reconhecido como talento para potenciar as atividades negociais.*

*As mulheres empreendedoras, mesmo as mais jovens, conhecem a sua história e sabem que não estão condenadas a repeti-la. A criatividade, a inovação e as suas capacidades para gerir e administrar, são os elos de uma cadeia que não abranda, mas avalia a sua evolução e desenvolvimento a par dos outros. As mulheres empreendedoras não só desfrutam do seu próprio desenvolvimento, mas contribuem para uma melhor qualidade de vida dos que trabalham sob suas ordens, sendo instrumentais para a promoção do setor produtivo.*

*Contudo, ao comparar com a quantidade de homens empresários ou em altos postos de direção empresarial, os dados refletem ainda um enorme atraso para as mulheres. Por exemplo, dos 465 empreendedores mundiais participantes na iniciativa 'Endeavor Global' (2), apenas 60 são estudos de caso femininos. O Global Entrepreneurship Monitor, GEM, por seu lado, concluiu novamente em 2011 que as mulheres continuam a demonstrar uma menor envolvimento em atividades empresariais que os homens. Dos 59 países analisados pelo GEM as mulheres são mais que os homens somente no Gana, e na República da Coreia onde são 5 vezes mais as mulheres empresárias.*

*Apesar de números fracos e da tendência que alguns estudiosos apontam de que as mulheres se tendem a concentrar em setores de fraco crescimento, em termos qualitativos evidencia-se um grande salto dado pelas mulheres, o qual toda a sociedade, e também o setor cooperativo, é chamada a apoiar.*

*Num meio globalizado em que a crise parece ser uma condição permanente, em que o risco e a incerteza do futuro da economia são altos, as mulheres jovens empreendedoras devem ser vistas como criadoras de iniciativas de negócios, dinâmicas, competitivas e eficientes, tendo impactos positivos em termos de emprego e no mais lato bem estar social. Mas sobretudo, estas mulheres devem ver reconhecidos os valores e as capacidades próprias à sua condição feminina, com as quais desenvolveram empresas*

*mais produtivas e eficientes, mas também mais democráticas, social e ecologicamente mais responsáveis e mais éticas.*

*As mulheres trazem consigo ativos valiosos para as empresas e este é um momento histórico para o reconhecer, aprender com elas, e potenciar as suas capacidades para promover um maior bem-estar económico e social. As suas capacidades multisetoriais, a sua visão e rapidez na abordagem dos problemas, o seu instinto cooperativo e de equipa, a sua intuição, visão e criatividade, traduziram-se gradualmente em relações de confiança, empatia e assertividade, revelando que se conseguem colocar no lugar de outros, que sabem instilar a sua energia, ilusão e paixão pelo trabalho, que são fortes e resilientes, que sabem tomar e manter as decisões com gentileza, que sabem encontrar o equilíbrio certo entre as suas várias responsabilidades, que sabem disponibilizar mais gentilmente a informação, tempo e recursos, que estão comprometidas, são autoexigentes e têm olho para os detalhes, que são inteligentes, sensatas e possuidoras de bom senso comum, são perseverantes, consistentes e organizadas (3).*

*As nossas sociedades necessitam de empreendedoras, mas o espírito criativo, inovador e determinado das mulheres requer apoio para que se possa continuar a desenvolver o papel predominante que devem desempenhar no desenvolvimento económico e social. Governos, setor privado e terceiro setor, deveriam propiciar condições favoráveis em termos de educação, instrumentos financeiros, e políticas dirigidas a reforçar o acesso e o apoio às mulheres empreendedoras, sobretudo às mais jovens.*

*Várias iniciativas do setor cooperativo ofereceram às mulheres oportunidades educativas e financeiras para promover o seu empreendedorismo e existe evidência tangível que as cooperativas dão poder às mulheres ao dar-lhes maior liberdade de escolha e ação, encorajando o seu autodesenvolvimento individual e coletivo nas áreas económica, social e familiar. Um crescente número de mulheres está diretamente envolvido na gestão e administração de cooperativas e suas organizações, mas o fosso de iniquidade ainda é amplo, necessitando a sua mitigação de esforços mais sustentados e de longo prazo.*

*A ONU reconheceu em diferentes documentos e estratégias o forte laço entre, por um lado, melhor educação, acesso às tecnologias e emprego para as mulheres, e por outro, redução da pobreza e avanço no desenvolvimento humano. Isso foi incorporado pelas cooperativas nas suas iniciativas de promoção do empresariado feminino. Dado este quadro, a ACI insta os seus membros e todos os membros de cooperativas no mundo a manter o caminho trilhado.*

*Se o século XX testemunhou mudanças radicais no papel social das mulheres, mais especificamente a sua irrupção no âmbito público tradicionalmente reservado aos homens, o século XXI deve ser o da consolidação do papel das mulheres empreendedoras no desenvolvimento socioeconómico dos povos.*

*O reconhecimento do impacto da participação das mulheres empreendedoras e empresárias nas economias, deve ser acompanhado de ações políticas e governamentais, para cuja equidade e crescimento são chamados a contribuir governos e cooperativas sociais.*

*Que 2012, Ano Internacional das Cooperativas, possa ser também um trampolim para catapultar mais ainda a mulher empreendedora e cooperativista, e que o Dia Internacional da Mulher seja o começo deste compromisso.*

**Maria Eugenia Pérez Zea**  
**Presidenta Mundial**  
**Comité da Igualdade de Género**  
**Aliança Cooperativa Internacional**

- 
- (1) Global Entrepreneurship Monitor (2011). 2010 Women's Report. Donna J. Kelley, Cândida G. Brush, Patricia G. Greene and Yana Litovsky. Retirado de: <http://www.gemconsortium.org/docs/download/768>
  - (2) Ver: <http://www.endeavor.org/>
  - (3) De: Los 12 activos de las mujeres en los negocios. <http://www.mujeresconsejeras.com/doces-activos-mujeres-aportan-negocios/2011/11/09/>

Seis décadas separam o primeiro texto reproduzido no capítulo 1 deste último. Se os lerem um após o outro registarão, certamente, grande evolução e a conclusão óbvia de que, a mulher cooperativa, se ainda não conseguiu uma igualdade na quantidade com as cooperativas de homens, já patenteia, em qualidade resultados porventura até superiores aos masculinos em alguns domínios da cooperação. O texto final que reproduzimos é arauto de um triunfo anunciado numa estratégia de conduzir as mulheres ao poder e à participação cooperativa plena.

Diz-nos o texto que 'o papel das mulheres no crescimento económico e no setor empresarial produtivo mudou na mesma medida em que se tem transformado o seu papel na sociedade', isto é, ultrapassaram-se visões, preconceitos, barreiras de variada espécie, se não em todo o mundo, pelo menos nalgumas das suas regiões. Mas naquelas em que o desenvolvimento social ainda está atrasado, quem está na primeira linha desse desenvolvimento é a mulher, por exemplo com recurso ao microcrédito, à educação para todos, ao associativismo.

Cooperativas apenas de mulheres são vistas como geradoras de autoconfiança, de criadoras de trabalho decente, de veículos de capacitação e de acesso a serviços vários.

Recupere-se o parágrafo do primeiro dos dois textos sobre os fundamentos da autonomização da mulher: «sentimento de dignidade; direito a ter e determinar as escolhas; direito a ter acesso a oportunidades e recursos; direito a ter poder sobre a sua própria vida, tanto dentro como fora de casa; e capacidade de influenciar a direção da mudança na sociedade, que leve à criação de uma ordem nacional e internacional mais justa».

Ou ainda este outro:

« As suas capacidades multisetoriais, a sua visão e rapidez na abordagem dos problemas, o seu instinto cooperativo e de equipa, a sua intuição, visão e criatividade, traduziram-se gradualmente em relações de confiança, empatia e assertividade, revelando que se conseguem colocar no lugar de outros, que sabem instilar a sua energia, ilusão e paixão pelo trabalho, que são fortes e resilientes, que sabem tomar e manter as decisões com gentileza, que sabem encontrar o equilíbrio certo entre as suas várias responsabilidades, que sabem disponibilizar mais gentilmente a informação, tempo e recursos, que estão comprometidas, são autoexigentes e têm olho para os detalhes, que são inteligentes,

sensatas e possuidoras de bom senso comum, são perseverantes, consistentes e organizadas».

Creio que fica tudo bem dito. Resta fazer ver ao homem o seu ponto de vista, o que ainda é difícil nalgumas sociedades e latitudes. Mas o caminho não tem retorno e a ONU já o reconheceu. Não há desenvolvimento humano sem mulher. E, acrescenta-se, se tal desenvolvimento puder continuar a ser feito, em muitos locais, através da criação e utilização de existentes cooperativas, ganhará a sociedade, a economia, o mundo.

26 de Dezembro de 2013

João Salazar Leite



In fine

I

## Mulheres, Cooperativas e Desenvolvimento

*Como as cooperativas trabalham para as mulheres – vozes do movimento cooperativo<sup>1</sup>:*

*"As cooperativas aumentam o rendimento das mulheres através da criação de emprego, do financiamento de projetos que visam a criação de rendimento e proporcionam uma oportunidade para as mulheres serem líderes através do controle democrático pelos membros".*

*Elizabeth Lekoetje, Departamento de Cooperativas, Lesoto*

*"Por intermédio de cooperativas, milhões de mulheres têm sido capazes de mudar as suas vidas – as mulheres descobriram através da empresa cooperativa uma via para a auto-capacitação e para o desenvolvimento. "*

*Stefania Marcone, Aliança Cooperativa Internacional (ACI) - Comité de Igualdade de Género*

*"As cooperativas têm contribuído para a melhoria da vida das mulheres e têm servido como uma avenida em que as mulheres exercem o seu direito de participação".*

*Ardelline Masinde, Swedish Cooperative Centre, Quénia*

*" As cooperativas promovem a igualdade de oportunidades através da participação na tomada de decisões a todos os níveis e a igualdade de acesso e controle dos benefícios do desenvolvimento. "*

*Stephen Musinguzi, Uganda Aliança Cooperativa*

---

<sup>1</sup> Brochura OIT, CoopAfrica, Eva Majurin, março 2010

As cooperativas têm sido consideradas um importante veículo na promoção da participação das mulheres no desenvolvimento social e económico das comunidades onde se inserem.

Na realidade, através da figura cooperativa, milhões de mulheres têm sido capazes de transformar as suas vidas e das suas famílias, contribuindo para a criação de emprego, a obtenção de rendimentos e para o acesso à educação, à formação, à saúde e ao crédito.

Ao procurar colmatar necessidades existentes nos vários domínios da sociedade, as cooperativas possibilitam às mulheres o seu envolvimento ativo e democrático nos processos de decisão e de mudança, delas fazendo polos de participação e de cidadania. Ao mesmo tempo, as cooperativas potenciam o espírito de liderança das mulheres, estimulam a sua autonomia e a sua capacidade empreendedora.

A par, as iniciativas cooperativas desenvolvidas por mulheres geram um “efeito multiplicador”, na medida em que resultam numa melhoria da qualidade de vida de todo o agregado familiar e da própria comunidade. A título de exemplo refere-se a experiência das cooperativas de crédito promovidas por mulheres em Timor-Leste, que através do desenvolvimento de atividades de poupança coletiva, asseguram a educação das crianças, a assistência médica e o financiamento de pequenos negócios de membros da comunidade.

O impacto transformador da empresa cooperativa é, desta forma, inegável, ao possibilitar a melhoria do nível de vida e a capacitação das mulheres, enquanto empreendedoras de negócios que atendem às suas necessidades e cujos benefícios abarcam toda a sua esfera de influência.

Considerando as potencialidades do cooperativismo, torna-se imperativo fazer chegar a sua mensagem ao público em geral, designadamente às mulheres, porque a sua ação tem repercussões sociais e económicas de extrema relevância para o meio onde estão inseridas, e aos jovens porque representam o futuro e o rejuvenescimento do próprio sector.

O envolvimento ativo e coletivo das mulheres e dos jovens nos processos de mudança permite, assim, contribuir para uma sociedade mais justa e participativa e, sobretudo, para a construção de um mundo melhor.

Por Cátia Cohen, 11 de Fevereiro de 2014

## II

### **As mulheres e o cooperativismo na perspetiva europeia**

Respondendo ao desafio de dar um contributo para o livro ‘As mulheres e o cooperativismo’ não pude deixar de me lembrar da coletânea de textos comunitários institucionais sobre Economia Social produzida pela CASES no início de 2013, e que contém precisamente um capítulo sobre o papel da mulher, inserido na área temática de políticas de desenvolvimento e emprego.

Este capítulo<sup>2</sup> é composto por quatro documentos, dois deles do Parlamento Europeu, das décadas de 80 e 90, e outros dois do Conselho Económico e Social Europeu, já de 2007 e 2010:

- Resolução sobre o papel das mulheres nas sociedades cooperativas e iniciativas locais de criação de emprego [Jornal Oficial C 158 de 26.6.1989, p. 380]
- Resolução sobre o papel das cooperativas no crescimento do emprego das mulheres [Jornal Oficial nº C 313 de 12/10/1998 p. 0234]
- Parecer do Comité Económico e Social Europeu sobre o tema «Empregabilidade e empreendedorismo - O papel da sociedade civil, dos parceiros sociais e das instâncias regionais e locais, numa perspetiva de género» [Jornal Oficial C 256 de 27.10.2007, p. 114-122]
- Parecer do Comité Económico e Social Europeu sobre «A agricultura na região euromediterrânica (incluindo a importância do trabalho das mulheres no setor agrícola e o papel das cooperativas)» (parecer de iniciativa) [Jornal Oficial C 347 de 18.12.2010, p. 41-47]

Nenhum deles coincide temporalmente com o Boletim Cooperativista<sup>3</sup>. No entanto, todos eles complementam as ideias expostas no capítulo ‘Organizações internacionais e género’.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.cases.pt/0\\_content/sobre\\_nos/legislacao\\_comunitaria/09LC-Parte-III-ES-PDE-O-Papel-da-Mulher.pdf](http://www.cases.pt/0_content/sobre_nos/legislacao_comunitaria/09LC-Parte-III-ES-PDE-O-Papel-da-Mulher.pdf)

<sup>3</sup> Consultando o sítio Euro-Lex (da União Europeia) que disponibiliza os documentos jurídicos comunitários, constata-se que nada sobre a temática ‘as mulheres e o cooperativismo’ foi publicado antes de 1989.

Percorrendo os diferentes documentos referidos pode afirmar-se que as cooperativas são vistas pelo Parlamento Europeu como uma oportunidade para o emprego das mulheres, que se encontram em posição desfavorável relativamente ao homem – quer quanto aos números do desemprego, quer a nível da qualidade do emprego. Pela sua natureza organizativa mais solidária e flexível, e pelos princípios e valores que lhe estão subjacentes, considera-se que a estrutura cooperativa responde melhor não apenas aos anseios e necessidades, relacionados muitas vezes com a maternidade e a conciliação da vida profissional e familiar, como também às consideradas aptidões e competências profissionais tradicionais da mulher: serviços e ação social.

As cooperativas são simultaneamente consideradas centros de exercício da tomada de decisão para a mulher, que pode criar o seu próprio negócio em áreas tradicionais ou inovadoras. São vistas como centros de aprendizagem e de aquisição de competências como o espírito de equipa e de iniciativa e a capacidade de gestão de projetos, competências essas que podem até ser utilizadas posteriormente noutros sectores.

O Parlamento defende assim a criação de emprego e a qualificação profissional das mulheres através das cooperativas; a eliminação dos obstáculos legislativos à criação das cooperativas; a criação de programas de apoio técnico, financeiro e fiscal para o desenvolvimento de cooperativas compostas por mulheres; e que as cooperativas já existentes promovam uma maior representação feminina nos órgãos de decisão.

O Comité Económico e Social Europeu pretende que as mulheres europeias se tornem mais ativas e empreendedoras no mercado de trabalho, melhorando a qualidade da sua atividade: diversificação profissional, melhores salários e mais estabilidade e formação. Encara as empresas da economia social, incluindo as cooperativas, como entidades que, pela sua natureza, permitem às mulheres uma maior concretização dos seus objetivos profissionais.

Especificamente na agricultura da região mediterrânica do sul o Comité Económico e Social Europeu incentiva o associativismo e cooperativismo como alternativa ao sector informal e ao trabalho não remunerado. As mulheres, a par dos jovens, são consideradas os fatores de mudança na agricultura desta região, devendo o seu papel de líderes agrícolas e rurais ser reforçado, contribuindo para o seu empoderamento. São realidades diferentes da portuguesa mas é também verdade que nas nossas zonas rurais há ainda (e talvez cada vez mais devido à crise económica) mulheres a trabalhar informalmente na agricultura.

Interessante é notar o salto que se deu das cooperativas de consumo e da ‘mulher com a cesta’ dos anos 50, 60 e 70, retratadas no Boletim Cooperativista, para as cooperativas de serviços, que as entidades europeias consideraram ‘adequadas’ à mulher nos últimos 30 anos, refletindo a cada vez maior presença feminina no mercado de trabalho.

No entanto, as ações preconizadas pelas instituições europeias acabaram, na maioria dos casos, por não ser desenvolvidas, apesar de estudos recentes reforçarem a relação positiva entre as cooperativas e a qualidade do emprego feminino.

Em 2012 foram desenvolvidos estudos sobre o trabalho feminino em cooperativas em 3 países europeus – França, Itália e Espanha – apontando todos no mesmo sentido: as

cooperativas permitem às mulheres que nelas trabalham mais hipóteses de promoção e desenvolvimento profissional, favorecem o equilíbrio entre a vida profissional e familiar e uma melhor remuneração<sup>4</sup>.

De acordo com Paloma Arroyo, diretora da Confederação Espanhola das Cooperativas de Trabalho (COCETA), entidade que promoveu um dos estudos, “O perfil médio das mulheres que trabalham em cooperativas é o de uma mulher com 40 anos, 2 filhos e um curso universitário. Frequentemente trabalham para cooperativas sociais – envolvidas em cuidados de saúde, educação, turismo, etc. – que têm um papel mediador e podem usufruir de um maior equilíbrio entre a vida profissional e familiar, oportunidades de remuneração e educação semelhantes à dos seus colegas do sexo masculino.”

Paloma Arroyo diz ainda que “ [as cooperativas] habilitam as mulheres a fazer parte da estrutura de gestão e as mulheres sentem-se extraordinariamente mais satisfeitas a trabalhar nestas cooperativas do que em outras empresas. Existe um forte diálogo social que acontece fora da estrutura dos sindicatos e é, por isso, muito independente.”<sup>5</sup>

É importante que a realidade portuguesa nesta matéria seja também estudada de forma aprofundada, no sentido de legitimar o poder das cooperativas. Num mundo que tem inevitavelmente de dar mais relevância aos seus valores femininos, de que a cooperação e a preocupação pelo outro são paradigmas, é necessário pôr em prática as desejadas ações de incentivo ao cooperativismo no feminino.

Por Filipa Farelo, 5 de fevereiro de 2014

### III

O Acordo de Parceria 2014-2020 que Portugal submeteu a aprovação comunitária tendo em vista receber fundos comunitários nos próximos anos não passa ao lado da problemática de género e não se esquece do contributo dado pelo setor cooperativo e social.

No Objetivo temático 8, sob o título “**Promover a sustentabilidade e a qualidade do emprego e apoiar a mobilidade dos Trabalhadores**”, no ponto 4 defende-se:

- a igualdade entre homens e mulheres em todos os domínios, nomeadamente nos domínios do acesso ao emprego, da progressão na carreira, da conciliação da vida profissional e privada e da promoção da igualdade da remuneração para trabalho igual;
- a melhoria das condições de conciliação entre a vida familiar e a vida profissional, promovendo simultaneamente a natalidade e novas formas de integração no mercado de trabalho;
- um programa de incentivo à natalidade e empregabilidade parcial;

---

<sup>4</sup> Ver o *site* de informação da União Europeia, Euractiv: <http://www.euractiv.com/specialreport-smes-access-financ/cooperative-movement-suits-women-news-515446> (consultado em 5 de fevereiro de 2014)

<sup>5</sup> Retirado do mesmo *site* (Euractiv), tradução livre.

- o aumento do número de mulheres com independência económica através da criação do próprio negócio;
- a formação de mulheres e o apoio técnico à constituição de empresas por mulheres;
- a integração da dimensão da igualdade de género na organização, funcionamento e atividade das entidades dos sectores público, privado e cooperativo;
- a formação e o apoio técnico à elaboração e monitorização da execução de planos para a igualdade nas entidades dos setores público, privado e cooperativo.

O Governo justifica-se adiante no capítulo intitulado **“Os princípios da igualdade entre homens e mulheres, da não discriminação e da acessibilidade”**:

*“A temática da igualdade entre mulheres e homens, da não discriminação e da acessibilidade é assumida como uma questão central no contexto da programação, implementação, monitorização e avaliação do novo ciclo de intervenção dos fundos comunitários. Desde logo, porque os princípios da igualdade e da não discriminação estão inscritos na Constituição da República Portuguesa (bem como no Tratado que institui a União Europeia (UE) e noutros compromissos assumidos por Portugal no quadro de instâncias internacionais, como a ONU e o Conselho da Europa), reconhecendo-se a necessidade de promover permanentemente o respeito pelos mesmos, razão pela qual os Programas de Governo integram sistematicamente medidas neste domínio.”*

Não sendo nova a preocupação governamental pela igualdade de género nas suas relações com a União europeia, já que no QREN 2007-2013 ela estava incluída, desta vez em matéria de ações específicas pormenorizam-se estas grandes áreas de intervenção, entre outras:

- a promoção do empreendedorismo junto de segmentos da população com constrangimentos específicos neste domínio (e.g. mulheres, imigrantes);
- o fomento de uma maior conciliação da vida profissional e familiar, designadamente através da integração da dimensão da igualdade de género na organização, funcionamento e atividade das entidades dos setores público, privado e cooperativo (mediante, por exemplo, formas inovadoras de integração e organização laboral, consolidação e adaptação da rede de serviços coletivos nos territórios, nomeadamente em matéria de resposta a dependentes, em particular crianças e idosos nessa situação e a implementação de planos para a igualdade); e
- o apoio a organizações estratégicas na concretização das políticas de promoção da igualdade, como as autarquias locais, as empresas e as organizações não governamentais.

Se o empreendedorismo for entendido em sentido lato, não discriminando pelo tipo de organização que a mulher escolhe para desenvolver o seu projeto, e parece-nos de bom augúrio a referência expressa ao setor cooperativo no diploma (mesmo que ele hoje se chame setor cooperativo e social, abrindo dessa forma campo às restantes famílias da designada economia social cuja Lei de Bases o Parlamento aprovou em meados de 2013 por unanimidade), então o caminho que os cooperativistas do passado século sob a liderança de António Sérgio trilharam poderá continuar a dar passagem a todos aqueles que quiserem partilhar o mesmo veículo, o veículo cooperativo.

O Acordo de Parceria defende ainda mais fortemente a economia social no Objetivo Temático 9 – **“Promover a inclusão social e combater a pobreza e a discriminação”**.

Aí se pode ler ser objetivo do Governo:

- a promoção do empreendedorismo social e da integração profissional nas empresas sociais e da economia social e solidária para facilitar o acesso ao emprego;
- o reforço das organizações de economia social (OES), capacitando-as para uma ação mais eficaz e eficiente;
- e a Formação, Qualificação e Apoio à Modernização das Organizações da Economia Social, incluindo a capacitação das entidades representativas da economia social que integram o Conselho Nacional para a Economia Social (CNES).

Aguardando-se agora os programas que implementarão as grandes linhas de atuação, se os representantes do setor souberem agir atempadamente e persistentemente, certamente que as cooperativas, e as outras entidades do setor da economia social, também entre nós conseguirão contribuir para que no final da Década, o seu modelo de organização seja aquele que mais cresceu a nível mundial, tal como a Aliança Cooperativa Internacional afirmou ir acontecer no seu documento 'Plano de Ação para a Década Cooperativa', aprovado durante o Ano Internacional das Cooperativas declarado pelas Nações Unidas em 2012. E se assim for, certamente que veremos entre as novas cooperativas e as cooperativas bem sucedidas nos seus respetivos domínios de atuação, muitas cooperativas de mulheres e cooperativas em que as mulheres participam com os homens em igualdade.

JSL